



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação Psicologia PPG/PSI
Mestrado Acadêmico

A FLORESTA NA PORTA E NA JANELA: PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR DE
TRABALHO EM UM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO

ADRIA DE LIMA SOUSA

MANAUS/AM

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Programa de Pós-Graduação em Psicologia PPG/PSI
Mestrado Acadêmico

ADRIA DE LIMA SOUSA

A FLORESTA NA PORTA E NA JANELA: PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR DE
TRABALHO EM UM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Linha de Pesquisa: Psicologia e Processos Psicossociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi

MANAUS/AM

2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S725f Sousa, Adria de Lima
A floresta na porta e na janela: Percepções sobre o lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano / Adria de Lima Sousa. 2015
110 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi
Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Percepção Ambiental. 2. Ambiente de Trabalho. 3. Ambiente Natural Amazônico. 4. Ambientes Restauradores. 5. Afetividade Ambiental. I. Higuchi, Maria Inês Gasparetto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ADRIA LIMA DE SOUSA

“A Floresta na porta e na janela: Percepções sobre o lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Processos Psicossociais.

Aprovada em 21 de julho de 2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a Dr.^a Maria Inês Gasparetto Higuchi

Universidade Federal do Amazonas


Prof.^a Dr.^a Denise Machado Duran Gutierrez

Universidade Federal do Amazonas


Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira

Universidade Federal do Amazonas

À Linda (In Memoriam) e a todas as pessoas
que possibilitaram essa concretização.

Agradecimentos

Há quem diga que a gratidão é um dos sentimentos mais poderosos do universo. Há quem nunca pensou sobre isso, os que discordam e há quem concorde completamente a respeito. Faço parte dos que concordam, claro. A minha gratidão é imensurável como o universo ou como multiversos. Por mera formalidade as palavras podem expressar minimamente algo que não cabe em laudas mensuráveis. Entretanto, sumarizar em abstrações seria indelicado pois minha gratidão tem nome, sobrenome, afeto e endereço. E a minha gratidão é uma pessoa. Uma não, várias delas. Por isso sumarizar seria sensato mas o endereçamento detalhado faz parte do afeto. Ainda assim tentarei ser breve ao falar de uma gratidão que se estende aos montes.

Pela presença carregada de incentivo e envolvimento sou imensamente grata:

À Minha querida orientadora Maria Inês Gasparetto Higuchi que tem me direcionado antes mesmo de se tornar minha orientadora oficial desde o primeiro encontro na minha tentativa consequente de entrar no mundo da pesquisa em Psicologia Ambiental. Por oportunizar tanta aprendizagem e crescimento, pelo encorajamento e por toda a gentileza e delicadeza ainda que nas justas repreensões, muito obrigada.

À minha família (mãe, pai, irmãos, primos e compadres) por todo suporte financeiro e emocional quando muito precisei por decidir iniciar essa jornada assumindo todos os riscos de apostar naquilo que acreditei pelo que me identificava. Por essa família... nossa, como sou grata!

Aos meus queridos amigos que me acompanharam antes, durante e acredito que continuaremos para além dessa jornada. Andrews (que acompanha a um longo tempo, desde a graduação mais precisamente) que além de toda presença e afeto envolvido foi o primeiro a me avisar sobre o resultado da aprovação ainda no processo seletivo e Dayse (desde o PIBIC/PAIC) que me ajudou a pensar nas possibilidades, aprender com, construir e desconstruir ideias e compartilha-las. É sempre bom ter com quem conversar quando podemos permutar entre a escuta e a fala com gente como a gente. Obrigada.

Aos meus amigos e amigas que incentivaram, apoiaram e compreenderam meus momentos de necessária reclusão e pela companhia oferecidas nos raros espontâneos momentos de escape para a socialização.

Aos laços de amizade possibilitados nesse processo, as palavras e muito mais que palavras, as possibilidades de super-ação conduzidas por colegas e mestres que se tornaram mais que colegas e mestres. A Fernanda Priscilla que poderia ter sido apenas mais uma colega da turma de mestrado de 2013, o Doutor Marcelo Calegare poderia ter sido apenas mais um professor do programa de pós graduação em psicologia, a Doutora Genoveva poderia ter sido apenas mais uma colega do Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental – LAPSEA. Mas pessoas iluminadas quando brilham precisam estender sua luz a outras pessoas e essas pessoas com palavras e mais que palavras contribuíram bastante para que nos momentos iniciais mais difíceis eu mantivesse o entusiasmo no caminho que deveria seguir. E como a gratidão como sentimento ou entidade poderosa não pode ter memória curta, muito obrigada.

Aos meus colegas e grandes companheiros do LAPSEA. A turma é grande e para não listar todos o motivo pelo qual agradeço faz com que se identifiquem, tenho certeza: obrigada pelas pessoas que ofereçam suporte e acolhimento em diversos momentos em palavras e mais que palavras, que passaram pelos ajustes técnicos de equipamentos ao auxílio para a coleta de dados e assuntos de alimentação. Pelas pessoas que voluntariamente se ofereciam para ajudar de todas as formas possíveis mesmo quando tudo dependia apenas de *“myself and I”* mas só pela disponibilidade já ajudavam bastante. Pelos abraços afetuosos de “Preciso te amar hoje” compartilhados gentilmente durante o “caos”. Pelas vezes que me desconcentrei sem ficar incomodada ouvindo mestrados, PIBICS e doutorandos conversando sobre algo tão interessante que me fazia sentir grata por estar entre pessoas de tão prestigiado nível. E pelos minutos de silêncio oferecidos naquele laboratório de momentos bastante “alegres” quando apesar das maravilhosas companhias o silêncio e o isolamento em um relacionamento sério com o computador, o Word e o banco de dados no Excel era tudo que eu precisava e queria. E obrigada principalmente pelas vezes que me fizeram sair do isolamento necessário e compartilhar as mais ricas trocas nos trabalhos em equipe, que não foram poucos e disciplinarmente enriquecedores. Carl Rogers, psicólogo humanista, sempre apostou no melhor das pessoas e na importância de se sentir compreendido para o bem das relações. Estou certa de que se ele tivesse a oportunidade de conviver com as mesmas pessoas que eu ratificaria ainda mais suas convicções. Por isso, sou muito grata. E a minha gratidão pelas pessoas que conheci, convivi, que passaram ou ficaram nesse laboratório (realmente um laboratório no sentido de experiências de vida) é do tamanho do universo.

Na tentativa de não ser tão prolixa, agradeço ainda de forma sucinta mais carregada de afeto aos queridos professores do programa de pós graduação que muitos colaboraram com meu crescimento acadêmico, pessoal e profissional durante as disciplinas e o estágio em

docência: Iolete Ribeiro e Cláudia Regina. E a professora Denise Gutierrez pelas colaborações na aula de qualificação. Ao Coordenador do PPGPSI Ewerton Castro pela disponibilidade em auxiliar quando preciso. Aos técnicos e estagiários do PPGPSI, especialmente o Thiago e a Kelly que poderiam apenas estar executando as tarefas de seu trabalho mas sempre o fez com um sorriso no rosto. Solicitude é uma virtude e por isso gratidão.

E por falar em solicitude, agradeço a cada um dos servidores do INPA que cederam seu tempo em meio as atividades de trabalho para contribuir com meu entendimento sobre a relação pessoa-ambiente em um lugar de trabalho caracterizado também pela presença da natureza. Assim como uma árvore na floresta não é só uma árvore na floresta, há um diferencial e uma unicidade presente em cada pessoa, em cada detalhe para a compreensão de algo maior, visto que o todo é muito mais do que a soma das partes.

A FAPEAM, pela bolsa concedida e muito necessária para conduzir os estudos, mesmo que quase oito meses depois. Antes tarde do que nunca. As passagens para participação em eventos científicos. E as colegas da turma de mestrado pelo esforço em conjunto para conseguir a concessão da bolsa de mestrado.

E embora eu não tenha conseguido ser tão breve quanto eu gostaria, acredito que mesmo sem mencionar todos os nomes, sobrenomes e endereços envolvidos, minimamente contemplei as pessoas que são minha gratidão. De modo geral, obrigada a todos e todas que direta ou indiretamente auxiliaram nesse processo.

Gratidão porque tudo isso só foi possível porque foram algumas dessas muitas pessoas que acreditaram mais em mim do que eu mesma em alguns momentos.

Por fim e não menos importante, o Alfa e o ômega eternizado no que compreendemos como Deus. Gratidão pela vida, pela beleza da natureza, pelas possibilidades, pelas pessoas e pelo entusiasmo permitido nessa jornada.

Com gratidão, com afeto.

“O melhor remédio é sair para o ar livre, ir para qualquer parte, onde possa estar só com o céu e com a natureza, e com Deus. Então compreendemos que tudo é como deve ser e que Deus quer ver os homens felizes no meio da natureza, simples e bela. (...) Creio que a natureza alivia os sofrimentos”.

O Diário de Anne Frank

Sousa. A.L. *A floresta na porta e na janela: percepções sobre o lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, 2015.

Resumo: Esse estudo buscou a compreensão da percepção de um lugar de trabalho e as experiências que ocorrem a partir do e com o entorno físico. As vivências ocorrem em um determinado espaço e portanto o entorno físico é considerado a matriz de acontecimentos sociais (Fischer n.d.) cujo protagonista é o indivíduo com toda a sua história. O entorno tem vários elementos constituintes que podem ser divididos em ambiente social (pessoas e organizações), ambiente natural (fauna, flora e demais elementos) e ambiente construído (construções, aparatos técnicos e eletroeletrônicos). Poderíamos ir longe nesta lista, mas este estudo procurou dar foco na relação pessoa-natureza enquanto dimensão do trabalho. Adotou-se a concepção de natureza existente num fragmento florestal urbano onde a instituição do trabalho está sediada. O objetivo geral do estudo foi compreender a percepção ambiental de trabalhadores sobre seu ambiente de trabalho localizado num fragmento florestal urbano de Manaus-Am. A pesquisa realizada possui caráter qualitativo, exploratório e descritivo, incorporando a abordagem Multimétodos (Gunther, Elali & Pinheiro, 2008). As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado incluindo perguntas abertas e uma escala de conexão com a natureza. Participaram da pesquisa 36 servidores (20 F; 16 M) que executavam suas atividades de trabalho no Campus I do INPA inserido em um fragmento florestal urbano e incluído na APA UFAM, como área de proteção ambiental da cidade de Manaus. Os servidores tinham entre 31 e 62 anos de idade e possuíam tempo de trabalho na instituição entre 4 e 35 anos. A análise dos dados teve tratamento qualitativo, mediante Análise de Conteúdo para análise dos dados emergentes da entrevista com posterior quantificação das categorias a partir da estatística descritiva. Para a escala de conexão com a natureza realizou-se estatística descritiva. Constatou-se que os sentimentos associados ao lugar de trabalho direcionam-se aspectos sociais e ambientais referentes a natureza. A natureza apresentou-se como aspecto de avaliação positiva e de agradabilidade e os aspectos organizacionais e trabalhistas como fator de desagrado. As sensações vivenciadas no lugar de trabalho abarcam elementos estéticos e físicos bem como conectivos com a natureza mas também revelou-se sensações indiferenciadas. Arelada as vivências pessoais para a percepção desse lugar de trabalho com a presença da natureza soma-se aspectos intersubjetivos compartilhados socialmente pela atribuição positiva a esse lugar de trabalho como *locus* de natureza preservada. O trabalho e a convivência com a natureza possibilitam uma relação de respeito e a ausência dessa natureza traria implicações para o bem-estar desses servidores. A natureza configura-se de forma real e simbólica e ainda que possua as características de ambientes restauradores os servidores também optam por lugares de lazer e descanso no qual não há a presença de elementos naturais. De modo geral os servidores atribuem significados de acordo com os aspectos sociais e físicos do ambiente de trabalho, sendo a natureza apresentada pela maioria como aspecto diferenciado positivamente no lugar de trabalho que pode contribuir para melhorar a qualidade de vida e propicia sentimento de afinidade com a natureza. A partir das aproximações realizadas na compreensão das percepções em um ambiente de trabalho inserido em um fragmento florestal urbano, reitera-se a necessidade de avançar no embasamento científico para intervenções que promovam tanto o bem estar social em ambientes que privilegiem o contato com a natureza quanto uma relação mais sustentável com os recursos naturais.

Palavras-chaves: Percepção Ambiental; Ambiente de trabalho; Ambiente Natural Amazônico; ambientes restauradores; afetividade ambiental.

Abstract: This study sought to understand the perception of a place of work and the experiences that occur from and with the physical environment. The experiences occur in a space and therefore the physical environment is considered the array of social events (Fisher n.d) and the protagonist is the individual with all its history. The surrounding area has several constituent elements that can be divided into social environment (people and organizations), natural environment (fauna, flora and other items) and built environment (buildings, technical and electronic devices). We could go far in this list, but this study sought to focus on the person-nature as a dimension of the work. The design of existing nature was adopted in an urban forest fragment where the institution's work is based. The overall objective of the study was to understand the environmental awareness of workers about their working environment located in an urban forest fragment of Manaus-Am. It is a qualitative research, with an exploratory and descriptive character, incorporating the multimethod approach (Gunther, Elali & Pinheiro, 2008). The interviews were semi-structured including open questions and a scale connection with nature. The participants were 36 servers (20 F, 16 M) who performed their work activities on campus I INPA inserted in an urban forest fragment and included in the APA UFAM as protected area of the city of Manaus. The servers have between 31 to 62 years old and had work in the institution between 4 to 35 years. It was used the content analysis for the qualitative datas the emerged from the interview, with quantification of the categories with descriptive statistics. For connecting scale with nature took place descriptive statistics. It was found that the feelings associated with the place of work has direct social and environmental aspects related to nature. Nature is presented as an aspect of positive evaluation and pleasantness and the organizational and labor aspects as disgust factor. The sensations experienced in the workplace cover aesthetic and physical elements and connective with nature but also proved undifferentiated sensations. With the perception of this work place with nature and the personal experiences, its added inter-subjective aspects socially shared by the positive attribution of this work place as preserved nature locus. The working and living with nature allow a relationship of respect and the absence of this nature would bring implications for the welfare of these servers. Nature sets up real and symbolic form and that has the characteristics of restorative environments, servers also opt for leisure and rest places where there is the presence of natural elements. Overall the serves attribute meanings according to the social an physical aspects of the work environment, and the nature that is presented by the most of them as a positively differentiated aspect on the work place can contribute to improve the quality of life, and affords feelings of affinity with nature. From the approximations made in understanding the perceptions in a workplace inserted in an urban forest fragment, reiterates the need to advance the scientific basis for interventions that promote both social well-being in environments that favor contact with nature as a more sustainable relationship with natural resources.

Keywords: Environmental Perception; Workplace; natural environment of the Amazon; restorative environments; environmental affection.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Campus Aleixo I.....	27
Figura 02: Entrada do INPA- Campus I.....	28
Figura 03: Estrutura das salas.....	29
Figura 04: Estacionamentos entre as árvores.....	29
Figura 05: Animais nas trilhas	30
Figura 06: Trilhas de acesso aos prédios.....	30
Figura 07: Estrutura Organizacional e de Pesquisas	31
Figura 08: Distribuição dos servidores por área de formação.....	34
Figura 09: Distribuição dos servidores por religião.....	35
Figura 10: Aspectos do ambiente sobre os quais os sentimentos são manifestados pelos servidores.....	37
Figura 11: Aspectos positivos do lugar de trabalho.....	44
Figura 12: Sensações manifestadas pelos servidores ao adentrar no Campus.....	47
Figura 13: Distribuição da percepção de riscos quanto ao lugar de trabalho.....	51
Figura 14: Implicações de trabalhar em um lugar sem o entorno florestado.....	56
Figura 15: Percentual de uso social das trilhas no campus.....	67
Figura 16: Atividades de Lazer preferidas dos trabalhadores.....	70
Figura 17: Escala de Conexão com a Natureza	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição percentual dos participantes por idade e tempo de trabalho.....	32
Tabela 02: Distribuição de trabalhadores de acordo com cargo.....	33
Tabela 03: Distribuição quanto ao acesso visual a paisagem externa.....	61
Tabela 04: Distribuição de frequência e motivos para contemplação da floresta.....	64

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Relação entre Características Restauradoras e os motivos para contemplar a natureza.....	63
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA- Área de Proteção Ambiental

INPA – Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

PA – Psicologia Ambiental

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	2
1. A PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM OLHAR PARA A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE.....	6
1.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL	8
1.2 AMBIENTE NATURAL AMAZÔNICO: NATUREZA, FLORESTA E ÁREAS VERDES.....	12
1.3 AMBIENTE DE TRABALHO.....	17
1.4 EFEITOS RESTAURADORES DA NATUREZA NO AMBIENTE DE TRABALHO	20
2.TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	25
2.1 LoCUS DA PESQUISA: O CAMPUS ALEIXO I DO INPA	26
2.2 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	32
3. PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR DE TRABALHO EM UM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO	36
3.1 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO AMBIENTE DE TRABALHO	36
3.1.1 Sentimentos associados ao ambiente de trabalho.....	36
3.1.2 Fatores de avaliação do ambiente de trabalho	40
3.1.3 Sensações ao adentrar no campus inserido num fragmento florestal.....	45
3.2A VIVÊNCIA DO TRABALHO NA PROXIMIDADE COM A NATUREZA	49
3.2.1 O TRABALHO E A CONVIVÊNCIA COM A NATUREZA: RESPEITO OU TEMOR?.....	49
3.2.2 A POSSIBILIDADE DE AUSÊNCIA DESSA CONVIVÊNCIA COM NATUREZA	53
3.3FORMAS DE INTERAÇÃO E AFINIDADE COM A NATUREZA	59
3.3.1 A NATUREZA COMO PAISAGEM A SER CONTEMPLADA.....	59
3.3.2 DA CONTEMPLAÇÃO PARA A INTERAÇÃO COM A NATUREZA.....	62
3.3.3 A NATUREZA COMO LÓCUS DE USO SOCIAL.....	65
3.3.4 A NATUREZA PARA ALÉM DO LUGAR DE TRABALHO: ATIVIDADES DE LAZER PREFERIDAS	68
3.3.5 AFINIDADE COM A NATUREZA	71
CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES	76
REFERÊNCIAS	79
APÊNDICE 1.....	87
APÊNDICE 2	88
APÊNDICE 3.....	89
ANEXO I – PARECER CEP.....	91
ANEXO II – TERMO DE ANUÊNCIA.....	95

INTRODUÇÃO

Ao se relacionar com o mundo em que está inserida a pessoa o faz a partir de sua afetação com este, isto é, numa referência constante de subjetividades e objetividades. Para a configuração desse processo de desenvolvimento humano concorrem, de forma conjunta e indissociável, características pessoais (biológicas, cognitivas e emocionais) e aspectos socioculturais que se manifestam nos mais diferenciados contextos socioambientais.

Compreender o comportamento humano nessa trajetória de desenvolvimento tem sido uma tarefa das Ciências Humanas, em particular da Psicologia. Todavia, durante muito tempo a Psicologia tradicional negligenciou ou deu pouca importância ao entorno físico no qual essa pessoa se constitui. Esse entorno é capaz de afetar a percepção e o comportamento que se tem *do e no* mundo físico, sem o qual a pessoa não existiria. Para suprir essa demanda de entendimento da relação pessoa-ambiente surge a área da Psicologia Ambiental (PA).

A PA busca enfatizar a essencialidade do ambiente no qual se desenvolvem as relações e interações humanas e o modo recíproco que faz com que ambos se afetem, gerando pensamentos, emoções e comportamentos específicos nos seus espaços de vida. Portanto, reconhece que o ser humano é um ser biopsicossocial, mas, sobretudo um ser que está inserido num ambiente físico específico o qual, embora pouco enfatizado, é parte essencial da sua constituição.

O enfoque no presente estudo segue este caminho de busca da compreensão das relações sociais que ocorrem a partir *do e com o* entorno físico. Ao se incorporar o aspecto físico não se pode reduzir a produção psicossocial que está imbricada nessa relação. Ao contrário, considera-se aqui o entorno físico como matriz de acontecimentos sociais (Fischer n.d.) cujo protagonista é o indivíduo com toda a sua história. Há, portanto, não uma redução de partes para formar um todo, mas um todo constituído por dimensões interdependentes e simultâneas.

O entorno físico é diverso e multifacetado por uma infinidade de composições, seres e acontecimentos. Neste estudo a proposta é fazer um recorte dessas multidimensões enfocando aspectos da relação pessoa-ambiente natural, ou seja, da pessoa-natureza. A natureza possui diferentes representações. Entre as quais a de um ambiente no qual prevalecem elementos naturais e com pouca ou nenhuma intervenção humana. A natureza se configura como um ambiente indispensável ao equilíbrio do planeta e ao bem-estar da humanidade de modo geral (Kuhnen, 2002; Barracho, 2001; Galindo, Gilmartin, & Corraliza; 2002). Essa natureza possui tamanhos e tipos variados, ora como conjunto (floresta, por exemplo), ora como elementos

representativos (animais silvestres, por exemplo). Definir natureza não é uma tarefa simples, ao contrário, esta é objeto de estudos filosóficos e ecológicos que tem arrebatado um bom número de estudiosos. Neste estudo não se pretende entrar no mérito dessas nuances, mas sim encarar a natureza em um fragmento florestal urbano, onde predomina a vida nativa silvestre (fauna e flora) completando e sobrepondo-se às construções humanas.

Diferentes pesquisas têm identificado benefícios psicossociais advindos da aproximação com a natureza e do efeito restaurativo que os ambientes naturais proporcionam ao ser humano (Kaplan & Kaplan, 1989; Ulrich, 1991). Nestes estudos é recorrente a afirmação de que o mundo natural é capaz de minimizar os efeitos estressantes que os modos de vida urbana contemporânea têm gerado nas pessoas e nas suas relações cotidianas, principalmente da vida nas grandes cidades.

As implicações dessa relação pessoa-natureza, além de possibilitar o restauro psicológico, seja cognitivo ou emocional, podem disparar aspectos sensibilizadores com relação à necessidade de proteção e cuidado ambiental (Alves, 2011; Corral-Verdugo, 2012). Entretanto, estudos da relação pessoa-natureza e comportamentos pro-ambientais ainda carecem de maior aprofundamento no sentido de não só ampliar o papel desses entornos e das características psicossociais do sujeito, como também compreender o contexto sociocultural e ambiental imbricados nessa relação (Gunther, 2011; Alves & Bertrabet-Gulwadi, 2008). Em outras palavras, apreciar a natureza num parque ecológico num fim de semana por uma pessoa que vive seu dia-a-dia numa grande cidade, é certamente diferente daquela que diariamente aprecia a natureza no ambiente urbano de Manaus. É crucial, portanto, que não consideremos uma universalidade material que não contempla as singularidades sociais.

A Amazônia como bioma natural é composta por uma exuberante floresta, uma rica e abundante biodiversidade animal e vegetal (Santos *et al.*, 2012). Como região demográfica é composta por diferentes localidades (urbanas e rurais) e habitada por populações diferenciadas (indígenas, ribeirinhos, caboclos, quilombolas, citadinos). As cidades na Amazônia sofrem do mesmo processo de desenvolvimento que qualquer cidade brasileira, ou seja, um crescimento exponencial e desordenado, enquanto que o interior vai diminuindo seus perímetros. A capital do Amazonas, Manaus, já está no rol das grandes e problemáticas cidades, cuja expansão pressiona impiedosamente o ambiente natural para dar lugar às construções e habitações.

Entre o mito de uma natureza selvagem do Eldorado perdido de um lado, e de outro uma cidade agraciada e celebrada por ideias desenvolvimentistas representado pelo parque industrial de Zona Franca e o cinza representante das grandes metrópoles, os impasses fazem

parte do imaginário local. A cidade é uma imensa clareira na floresta amazônica, tornando-se uma ilha de “quentura” com poucas áreas verdes. A arborização apesar de sua reconhecida importância pelos manauenses (Higuchi, Azevedo, & Forsberg, 2012) é quase nula e pouca realizada. Esse tipo de atitude baseia-se no abundante entorno florestal que a cidade tem em seus perímetros (Dray, 2014), e as demandas sociais de habitação e composição que a cidade precisa para ser considerada “desenvolvida” (Higuchi, 1999; Silva, 2009).

Essa multiplicidade de sentidos e significados instiga e intriga levando a questionamentos sobre o quanto e até que ponto os ambientes de um fragmento florestal urbano podem ser considerados ambientes restauradores e remetentes a um bem estar psicossocial nesse contexto urbano amazônico específico. Refletir sobre o contexto histórico e socioambiental no qual se encontram inseridas pessoas que têm necessidades básicas e de auto realização a serem supridas, como moradia ou grandes empreendimentos, pode nos indicar aspectos importantes da relação pessoa-pessoa e pessoa-natureza.

Esses questionamentos despontam como pano de fundo desse estudo. Tendo em vista as limitações de tempo e objeto de estudo, nos dedicaremos à investigação dessa relação a partir da percepção ambiental de trabalhadores que exercem suas atividades ocupacionais em ambiente considerado um fragmento florestal urbano, um campus sede de uma Instituição de Pesquisa na cidade de Manaus. O campus dessa Instituição é um dos poucos pontos verdes que se sobressaem numa imagem de satélite, como se fosse uma ilha verde na cidade. Construído em 1973 para ser a sede de pesquisa, é incrustado num ambiente de floresta com árvores de grande porte, de tal modo que os prédios são espalhados seguindo um arranjo que as árvores permitem. Ao transitar nas trilhas entre os prédios e alamedas do campus o transeunte pode dar de encontro com cutias, preguiças, macacos, tucanos, araras, cobras, iguanas, pássaros, entre outros. Nesse sentido, investigar a percepção de pessoas que vivem e trabalham nesse ambiente, pode trazer novas informações sobre aspectos psicossociais da relação pessoa-natureza, quando ela está, literalmente na porta e na janela diariamente.

Os espaços de trabalho têm uma característica simbólica geralmente relacionada à funcionalidade imposta e ao valor sociocultural presente na sociedade em que esse/essa trabalhador/a pertence (Fischer, n.d.). O local de trabalho, portanto, não se configura apenas como um meio de obter o sustento, mas sobretudo, um elemento repleto de sentidos e significados e que, em última instância, se mostra como um território existencial. O trabalho pode estar associado aos polos do prazer ou desprazer, da satisfação ou insatisfação, do feio ao bonito, do tranquilo ou do estressante, e assim por diante. Tais sentimentos estão associados tanto às funcionalidades quanto às externalidades que esse espaço apresenta para

as expectativas e vivências do indivíduo. Considera-se, assim, que o sentido dado ao lugar de trabalho está conjugado no espaço tanto as estruturas ocupacionais quanto as socioespaciais. Em outras palavras, “o que se faz” e “como se faz”, pode ter estreita relação com “o onde se faz” algo.

Partindo dessas premissas, o estudo se propôs a investigar o que os trabalhadores de ambientes de um fragmento florestal urbano, numa relação de proximidade física com a natureza num contexto urbano amazônico pensam e sentem sobre seu espaço de trabalho. De modo particular questiona-se se essa proximidade física com a natureza estaria proporcionando sensações/sentimentos específicos de bem estar psicossocial? Que tipo de percepções, esses/as trabalhares/as possuem sobre esse ambiente de trabalho numa cidade que têm de um lado a abundância no horizonte e de outro lado o desejo implícito de distanciar a rusticidade da floresta para ser reconhecida como cidade desenvolvida? Como as relações nesses ambientes são percebidas? Esse ambiente de trabalho possui algum diferencial para qualidade de vida dos trabalhadores que neles exercem sua função? Os trabalhadores desses ambientes possuem uma afetividade com a natureza mediada pelo ambiente de trabalho?

Ao compreender tais percepções é possível avançarmos no embasamento científico para intervenções que promovam tanto o bem-estar social quanto uma relação mais sustentável com os recursos naturais. Entende-se sustentabilidade não somente como a capacidade de manter um ambiente e um estilo de vida favorável para si mesmo e para as sociedades futuras, mas como um estilo que promove bem-estar e uma relação positiva entre a pessoa e seu entorno (Higuchi & Kuhnen, 2011).

Esse estudo possui caráter qualitativo e incorpora a abordagem multimetodos (Gunther, Elali & Pinheiro, 2008) utilizando como instrumentos uma entrevista semiestruturada e uma escala social, do tipo likert a fim de alcançar os objetivos da pesquisa.

Como objetivo geral desse trabalho privilegiou-se compreender a percepção ambiental de trabalhadores sobre seu ambiente de trabalho localizado num fragmento florestal urbano de Manaus-Am. Dessa forma, buscou-se especificamente investigar sensações/sentimentos dos trabalhadores sobre o seu lugar de trabalho a partir da predominância da floresta; identificar aspectos psicossociais que esse ambiente possibilita nas suas relações dentro e fora do trabalho e caracterizar níveis de afinidade ou ligação estabelecidos com a natureza a partir da vivência proximal desse ambiente de trabalho florestado.

Considerando tais objetivos os capítulos que seguem são fruto de uma revisão de literatura de modo a embasar teoricamente os temas relacionados. Primeiramente o tema abordará questões próprias da Psicologia Ambiental, a qual se configura como um aspecto

complementar para o entendimento do sujeito psicológico na sua constituição, e o entendimento da relação pessoa-ambiente. Nessa perspectiva, discute-se o conceito de Percepção Ambiental, observando os diversos espaços nos quais as experiências são vivenciadas, especialmente o ambiente natural no contexto amazônico e o espaço de trabalho bem como as discussões acerca dos benefícios da natureza em ambientes laborais.

Os resultados são apresentados e discutidos a partir da ilustração do perfil dos participantes. Em seguida foi possível identificar as percepções dos servidores sobre o lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano e discutir os significados atribuídos ao ambiente de trabalho que incluem: sentimentos, aspectos de avaliação e sensações vivenciadas no lugar de trabalho. A vivência do trabalho na proximidade com a natureza foi discutida em seguida revelando o trabalho e a convivência com a natureza delimitadas entre temor e respeito e o trabalho com a possibilidade da ausência dessa natureza. Finalmente as formas de interação e afinidade com a natureza são apresentadas elencando a natureza enquanto paisagem a ser contemplada, as possibilidades de interação, uso social e a afinidade com a natureza.

1. A PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM OLHAR PARA A RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE

A Psicologia Ambiental tornou-se significativa a partir do reconhecimento na década de 1960, da importância da configuração espacial na qual ocorre o comportamento humano (Gifford, 2007). Inicialmente esta abarcava estudos restritos às características físicas do ambiente. Contudo, no decorrer do tempo ampliou-se para incluir questões entre o comportamento humano e o ambiente sociofísico, dando mais ênfase às interações. Um dos estudos iniciais nessa área foi a investigação entre os aspectos arquitetônicos de um hospital psiquiátrico e o comportamento de seus pacientes, abrindo espaço para o diálogo entre a psicologia e planejamentos arquitetônicos (Caurus, Fornara & Bonnes, 2005).

Kuhnen (2009) enfatiza que como qualquer área do conhecimento que ainda está em construção, a PA apresenta algumas fragilidades conceituais. Entretanto, diante de diferentes conceituações admite-se que os aspectos psicológicos sofrem implicações do ambiente assim como implicam no comportamento de forma mútua.

Os estudos da PA abarcam o ambiente na sua mais ampla forma de entendimento, isto é, tanto ambientes naturais como construídos. Ambiente natural é um termo que se refere àquele no qual não houve uma intervenção incisivamente humana, e os construídos, àqueles

estruturados a partir de alguma ação humana que modifica seu estado nativo. De acordo com a autora, a discussão entre ambientes naturais e construídos pode ser polêmica, mas a PA é capaz de abarcar e discutir de acordo com seu pressuposto de reciprocidade entre quaisquer que sejam os ambientes e as decorrentes interações existentes.

Entende-se, portanto, a PA como área do conhecimento que objetiva estudar as relações recíprocas entre a pessoa e o ambiente, com a finalidade de compreender a construção de significados e os comportamentos relativos aos diversos espaços de vida, bem como as modificações e influências suscitadas pela intersubjetividade humana (Rivlin, 2003. Sommer, 2000; Sime, 1999.). A PA se propõe a compreender os diversos processos psicossociais, tais como percepção, cognição, afetos, representações e significados nos quais se baseiam nosso comportamento. Dessa forma, busca compreender como as pessoas interagem com seu entorno e as motivações que geram comportamentos de deterioração ou pró-ambiental referentes a esse ambiente.

Atualmente, o estudo da interação pessoa-ambiente a partir do pressuposto que considera uma relação recíproca entre ambos é fruto de uma construção histórica que passou por contribuições de distintas áreas do saber no campo da arquitetura, geografia e ecologia, e ciências do ambiente e antropologia. A mudança de paradigma na ecologia e na psicologia, superando o modelo mecanicista, possibilita analisar e compreender interdisciplinarmente os fenômenos psicossociais como importantes a serem estudados considerando sua complexidade e processos dinâmicos (Mendonça, 2005; Vasconcellos, 2002). Além disso, o objeto de pesquisa não pode se limitar ao binômio objetivo-subjetivo, da mesma forma que estudos sobre a decorrente interação não se sobrepõe àqueles que priorizam elementos isolados.

Esse modelo transacional pressupõe uma visão de ser humano como autor e agente de transformação da realidade, ao passo que altera e é alterado pelo ambiente. Pessoa e ambiente coexistem de forma dinâmica, abarcando aspectos contextuais e temporais que caracterizam o ser humano e ambiente como uma unidade (Altman & Rogoff, 2002). A partir desses pressupostos, é possível refletir sobre a relação pessoa-ambiente de forma interdisciplinar e bidirecional.

Apesar de a PA se configurar como importante área de estudo tanto do ponto de vista teórico como metodológico os estudos pessoa-ambiente têm se mostrado mais apropriados do que áreas adjetivadas, seja da Psicologia ou outra área de conhecimento (Gunther, Elali, & Pinheiro, 2008; Passig, 2011). Além disso, os autores argumentam que embora as pesquisas realizadas em PA aparecem prioritariamente como direcionadas à resolução de um problema,

há diferentes formas de compreender o fenômeno da relação pessoa-ambiente, com diferentes aportes epistemológicos e metodológicos nos mais diversos ambientes.

Estudar diferentes dimensões da relação pessoa-ambiente, em particular os ambientes de trabalho onde a natureza está fortemente presente pode nos indicar aspectos importantes sobre o papel que a natureza exerce na vida das pessoas, principalmente daquelas que residem em centros urbanos com prevalência das paisagens construídas e frenético estilo de vida. Mesmo em lugares de maior incidência da natureza ou de vegetação, compreende-se que todo espaço é sempre um espaço construído socialmente. E todo ambiente humano é social na sua própria estrutura, uma vez que é produto de intervenções que determinam o espaço no qual estamos inseridos (Fischer, n.d). Portanto as espacialidades em que se dão os acontecimentos sociais são de alguma forma produtos e produtores de socialidades distintas (Higuchi, 2002). A atribuição de valores e significados sobre um determinado espaço físico está invariavelmente associada às experiências vividas, à cultura e aos elementos presentes nesse entorno, que podem ser acessados pelas percepções ambientais.

Nesse sentido a busca da compreensão da percepção ambiental de trabalhadores em ambientes de fragmento florestal urbanos, considera sobremaneira o espaço físico no qual a pessoa está inserida, contando com elementos naturais e todas as representações possíveis sobre esse ambiente. Considera também os significados sociais e culturais atribuídos a um ambiente de trabalho e as demandas que esses sugerem. Essa busca, pretende não somente compreender a nível teórico dos afetos, significados e valores presentes nessa relação, mas também identificar propostas e soluções para os problemas socioambientais que se asseveram gradativamente. Na seção a seguir apresentamos as definições e entendimentos que darão rumos na relação pessoa-natureza.

1.1 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

A percepção ambiental é um conceito ainda em desenvolvimento, mas tem se mostrado um importante veio para entendimento das subjetividades que as pessoas possuem a respeito do entorno físico. Esse conceito advém das vivências e observações que ocorrem a respeito de um determinado ambiente e é composto pela cognição, afetividade, valores, preferências e significados.

A percepção ambiental está relacionada tanto aos aspectos físicos, quanto aspectos sociais, culturais e históricos que definem o ambiente sobre o qual são elaborados os entendimentos. A função de interpretar e construir significados, presentes no processo de

formação das percepções ambientais define rumos importantes na apropriação e identificação dos espaços e ambientes (Higuchi & Kuhnen 2011). A percepção ambiental do entorno físico, natural ou construído, implica basicamente a relação que dela se desprende.

Merleau-Ponty (1999) trouxe importantes elementos teóricos que foram incorporados na formação do conceito das percepções ambientais. Em sua obra intitulada a Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty aponta a importância do ser que se relaciona como o mundo e que atribui significados a partir das sensações que este ambiente lhe suscita. Para o autor, estamos cercados o tempo todo por diferentes estímulos, os quais forjam nossa forma de ver o mundo e de nos relacionar com ele. Assim nos diz que não observamos o mundo de fora, como meros espectadores, mas somos afetados por esse mundo, como agentes e pacientes no sentido de executar e sofrer as ações, de transformar e ser transformado.

Portanto, o processo de percepção vai além de simplesmente captar informações dos órgãos dos sentidos, embora se compreenda com o corpo, com os olhos, o tato, a voz, os ouvidos. A compreensão do mundo, segundo Merleau-Ponty (1999), ocorre a partir dos significados que reforçam e são reforçados por sensações e estímulos, pelas emoções e cognições proporcionadas num processo complexo de transformação. Esse processo ocorre em um mundo no qual o sujeito está inserido, um mundo que envolve aspectos objetivos e subjetivos com características que são percebidas ou não, que se atribui significados ou não, mas que implicam e sofrem implicações mútuas.

Uma vez que falamos sobre percepção ambiental é possível adentrarmos no conceito de *affordance*. O termo foi criado por James J. Gibson para designar os múltiplos estímulos oferecidos pelo ambiente ao organismo que com ele interage. Por referir-se tanto ao ambiente quanto ao organismo – animal ou pessoa – *affordance* diz respeito à relação recíproca entre eles. (Gunther, 2011). A palavra *affordance* nem mesmo consta nos dicionários da língua inglesa, mas uma tradução mais próxima origina do verbo *afford* que em inglês significa *fornecer, causar, propiciar*. Gibson (1977) defende que foi necessário criar a palavra *affordance* para sugerir uma relação de complementaridade do organismo e do ambiente. *Affordance* implica nessa relação de sugestionalidade que leva a um comportamento e se apresenta como o elo entre o comportamento e o espaço físico e corrobora com o conceito de bidirecionalidade e da relação recíproca pessoa-ambiente.

O mundo externo sobre o qual as percepções ambientais são formadas, incluem algumas diferenciações a partir das características físicas que o compõem. Essas características alimentam debates teórico-filosóficos e que merecem ser problematizadas aqui a fim de

estabelecermos um entendimento sobre qual ambiente estamos nos referindo, se natural ou construído. Autores concordam que é difícil estabelecer uma distinção clara entre o ambiente natural e o ambiente construído (Galindo, Gilmartin, & Corraliza; 2002). Para esses autores, seria mais compreensível entender o ambiente natural como aquele composto por elementos naturais e vivos. O polo oposto seria o ambiente construído, ou seja, um habitat formado pelas atividades humanas, cujo protótipo seria o meio urbano, isto é, as cidades.

Entretanto, mesmo em ambientes construídos é possível identificar aspectos naturais, como os parques verdes, jardins e áreas arborizadas, cujas paisagens incluem organismos vivos e não vivos que estão incorporados no ambiente construído, isto é, sem a intervenção humana. Por outro lado, um jardim, mesmo sendo natural, isto é, composto por uma vegetação, este pode ser produto de uma intervenção humana, que define o tipo e arranjos florísticos de acordo com uma concepção pessoal e cultural.

Adota-se como referencia nesse estudo, o entendimento de ambientes naturais efetivamente como ambientes nos quais sobressaia o verde, mesmo que estejam presentes elementos de ambiente construído em um meio urbano. É sobre esse ambiente que vamos estabelecer a discussão sobre percepções ambientais.

Nas grandes cidades o entorno é complexo e carregado de estímulos que formam paisagens confusas e repetitivas. As pessoas gastam tempo indo e vindo para o trabalho, locomovendo-se diante de espaços velozes e borbulhante de estímulos. Não é difícil prever elevados níveis de estresse que o habitante sofre nesses contextos (Moser & Robin, 2006). A busca de compensações e reequilíbrio de energia diante desses fatores estressantes pode ser bem sucedida no encontro com paisagens que apaziguem o estado de estresse. Essas paisagens geralmente remetem a áreas verdes, cada vez mais distantes da cor cinza metropolitana. Alguns estudos têm mostrado os benefícios da paisagem verde para a saúde (Tuan, 1980; Kaplan & Kaplan, 1989; Ulrich, 1991). Esses estudos asseguram que a paisagem do ambiente natural possui elementos que ativam sentimentos topofílicos, isto é, sentimentos capazes de modificar o estado de espírito e produzir bem-estar físico e emocional.

A antropologia fenomenológica de Tim Ingold (Carvalho & Steil, 2012) enfatiza a dinâmica dos processos temporais e sociais que dão forma ao ambiente, ao mesmo tempo em que são constituintes e também modificam os lugares e os modos de habitar. Não é possível compreender essa relação partindo-se de uma visão objetificadora que geralmente atribui um sentido de externalidade ao sujeito humano em relação a mundo. Segundo Lefebvre (1991) pouco se sabe sobre os critérios que formam espaços que possibilitam uma vida feliz ou bem-

sucedida. O autor chega a duvidar que existam tais espaços “favoráveis a felicidade” (p.101). É preciso notar, entretanto, que um ambiente não é apenas contemplado como algo externo ao corpo. Na verdade o ambiente é vivido pelo corpo e a partir do próprio corpo, como uma extensão do próprio self (eu) (Merleau-Ponty, 1999; Fischer, n.d). O movimento de expansão do eu e da retração do entorno, se efetiva a partir da dominância territorial e do controle sobre o espaço, também pode ser percussor de práticas benéficas para o seu ocupante.

A forma como a pessoa se deixa afetar pelo ambiente é fundamental para a compreensão da percepção que se estabelece. Sabe-se que a pessoa valoriza emocionalmente um espaço em função do tipo de relação que tem com o estímulo ou a capacidade para detectar similaridades ou diferenças com outros estímulos. Desta maneira o que torna uma paisagem ou ambiente ser atrativo não é exatamente o conteúdo de informações presentes no mesmo, mas sim o quanto que a paisagem significa para a pessoa. Corral-Verdugo (2012) acredita que se a pessoa é capaz de se sentir bem em ambientes de áreas verdes é possível que esse bem-estar seja, por sua vez, percussor de práticas de cuidado com esse ambiente. Pois como afirma Boff (1999) a emoção é capaz de se sobrepor à razão direcionando a comportamentos específicos.

A emoção afeta todas as esferas do funcionamento mental e pode ser definida como uma complexa interação entre fatores biológicos (sistema nervoso e hormonal, órgão dos sentidos) e psicossociais (sensações, experiências vividas, cognição). A emoção estimula e dirige uma ação seja ela positiva ou negativa, pois o princípio da ação humana relaciona-se a uma reação afetiva e o início de uma relação do sujeito com o ambiente (natural ou construído) se dá por uma série de dimensões afetivas (Corraliza, 2002).

Os afetos (sentimentos e emoções) são capazes de gerar comportamentos, significados e sentidos que nem toda coerência dos aspectos cognitivos poderiam expressar. A cognição, processo psíquico intimamente ligado às emoções diz respeito à atividade de conhecer. Isto envolve a aquisição, organização e o uso do conhecimento. Envolve elementos como: conhecimento, imagens, informações, impressões e crenças que os indivíduos e grupos têm acerca dos aspectos elementares, estruturais, funcionais e simbólicos dos ambientes físicos, reais ou imaginários, sociais, culturais, econômicos e políticos (Aragonés, 2002). Assim, a Percepção Ambiental pressupõe tanto emoções disparadas como o envolvimento da cognição que permite atribuir significados ao mundo físico.

Admite-se que as pessoas podem ter informações e entendimentos racionais sobre determinados aspectos, como a crise ambiental existente e a necessidade de investir em comportamentos sustentáveis. Porém estados emocionais podem tanto enriquecer quanto

dissimular, redirecionar ou transgredir aspectos previstos pela cognição. A Percepção Ambiental que abarca todos esses processos psicossociais, apresenta-se como uma forma de entender a relação pessoa-ambiente.

Neste estudo em particular, a percepção ambiental será um meio para compreender aspectos da relação pessoa-natureza de trabalhadores que desenvolvem atividades num fragmento florestal urbano. O ambiente de trabalho vivido por essas pessoas se insere em um contexto amazônico onde a natureza se expressa de formas peculiares, ou seja, árvores de grande porte associada ao sub-bosque com arbustos e cipós que dão abrigo a micro e meso fauna. Neste lugar, as pessoas que vivem numa grande metrópole, se deslocam todo dia para sair de lugares apinhados de construções para adentrarem num espaço florestal. A floresta está literalmente nas suas portas e nas suas janelas. Nesse ambiente de trabalho as pessoas têm um cenário ambiental diferenciado. Para avançarmos nas Percepções Ambientais desses trabalhadores, se faz necessário definir e problematizar os diversos tipos de ambientes que constituem a vida das pessoas. A Amazônia é um dos poucos biomas que ainda têm preservado grande parte do ambiente natural.

1.2 AMBIENTE NATURAL AMAZÔNICO: natureza, floresta e áreas verdes

Não se pode entender a pessoa, sem considerar o ambiente no qual esta se encontra. Tampouco é possível compreender as relações presentes num ambiente sem compreender as pessoas que nele estão. Em cada lugar há aspectos do mundo físico que atuam de forma peculiar sobre as pessoas, tanto objetiva quanto subjetivamente. Da mesma forma esse mundo físico é percebido pelas pessoas a partir de toda uma história pessoal e experiências vividas nesse mundo natural ou construído. A natureza, foco de nosso estudo, embora genericamente referida, não se constitui como uma universalidade, mas é sim um ambiente diversificado e dependente dos organismos que a compõem.

A natureza, numa visão biológica, possui muitos representantes que são os biomas, caracterizados como unidades biológicas ou espaços geográficos, que de acordo com o clima, o solo e aspectos da vegetação formam lugares distintos (Souza *et al.*, 2012). Os biomas são formados por seres vivos que possuem funções ecológicas distintas, são os vegetais, os animais, fungos e bactérias. No mundo temos pelo menos 11 tipos de biomas, enquanto que no Brasil temos 6 tipos de biomas, os Pampas, a Mata Atlântica, a Caatinga, o Pantanal, o Cerrado e a Amazônia. O bioma amazônico, também conhecido como floresta amazônica, varia de acordo com o relevo, tipo de solo e com a presença de bacias hidrográficas. Em cada

uma dessas unidades geográficas tem-se paisagens florestais peculiares como a floresta de terra firme, a floresta de várzea, a floresta de igapó, a floresta de bambu, a savana, a campina e campinarana (Almeida *et al.*, 2004; Haugaasen & Peres, 2006).

A Amazônia, representante dessa natureza desperta no imaginário popular uma imagem de floresta exótica e selvagem para os olhares dos que dela estão distantes. Entretanto, para os habitantes dessa região, a exuberante floresta que contém uma das mais ricas biodiversidades do planeta, é apenas uma parte desse lugar que abriga grandes cidades.

Na cidade de Manaus o verde da floresta amazônica contrasta com o cinza, típico de grandes centros urbanos. Nesse sentido, falar do ambiente natural presente no contexto amazônico necessita de um olhar mais acurado sobre o ponto de vista histórico. Ao longo dos séculos a natureza passou de um ente divino para um elemento servil aos humanos. Ora temida ora subestimada, a relação pessoa-ambiente teve idas e vindas.

A natureza, a vida simples e todo o imaginário e possibilidades que despertam ambientes nos quais há mais presença de elementos naturais, começou a ser valorizada desde o século XVIII. É o surgimento do movimento neoclássico, também chamado arcadismo. Esse movimento traz a ideia de *Locus Amoenus*, de vida simples no campo e do *Bucolismo* valorizando a natureza, bosques e rios na relação com o homem na transmissão de seus sentimentos em contraposição ao estilo de vida urbano (Serra, 1995).

A visão romântica, no entanto não dispensou o uso da natureza como fonte inesgotável para suprir as necessidades dos humanos. No último século XX e advento do século XXI, os ideais preservacionistas entram em cena capitaneados no ocidente pelos norte-americanos. Diegues (2011) discute os aspectos socioculturais que levaram à criação do primeiro parque natural do mundo, o Yellowstone, com símbolo de uma nova forma de ver e cuidar da natureza selvagem. A valorização da natureza passou a ganhar espaço em contraponto à desvalorização presente e da concepção do ser humano como senhor do mundo e dominador da natureza. A tarefa de domesticação, que até então era tarefa exigida aos humanos para que pudesse ser considerado evoluído, toma outra direção.

O respeito à natureza em sua forma rústica, não transformada pelos humanos passa a vigorar, mesmo que timidamente. Contribuindo para o ideal mais preservacionista, essa visão surge em meio as críticas decorrentes da revolução industrial que tornava o ar nas cidades irrespirável. Diegues (*ibid*) destaca que a volta do mito da natureza intocada se fundamenta nesses ideais românticos, que associados ao cristianismo, tentam manter a natureza em seu estado puro como espaço próprio para a meditação e ligação ao divino. Foram justamente baseados nessas crenças que os primeiros parques naturais sem qualquer presença humana

foram criados mundo afora. No entanto, o mito da natureza intocada se esvazia de sentido e se inicia um novo movimento preservacionista onde a natureza e humanos são elementos constituintes de um mesmo mundo, e portanto não há porque separá-los. O que deve ser revisto é a relação pessoa-ambiente para que ambos os mundos possam se completar sem um sobrepujar o outro.

Nas ciências naturais, falar em natureza é falar nesse mundo sem a intervenção humana e toda a biodiversidade possível. Na taxonomia da natureza temos os reinos animal e vegetal que podem ser tão diversos que a ciência se diz incapaz de classificar toda a realidade existente. Falar em ambiente natural amazônico é falar da floresta amazônica que se destaca pelas suas riquezas minerais, biodiversidade (animal e vegetal) e micro-organismos que oferecem recursos e serviços a outras formas de vida no planeta (Santos *et al.*, 2012). Implícito nessa caracterização há a ideia de uma grande área verde. No entanto, enquanto que a designação e caracterização de uma área como floresta amazônica possui um relativo consenso entre os estudiosos, a compreensão de áreas verdes está impregnada de controvérsias.

O termo “áreas verdes” é de alguma forma apresentado em contraposição com as áreas cinzas, ou áreas construídas num espaço urbano. Ora estas áreas são extensões cobertas de gramado, ora áreas jardinadas, ora áreas densamente arborizadas, sejam elas plantadas ou remanescentes de fragmentos florestais. Em todas elas, no entanto está presente a ideia de uma composição de algum tipo de vegetação, com a natureza se sobrepondo às construções (Barcellos, 1999; Castelnou, 2006; Fernandes, 2014).

As áreas verdes em espaços urbanos seriam os parques, os quais foram se configurando como lugar de recreação e lazer e não necessariamente como áreas de preservação, estas mais adequadas para grandes extensões geográficas no contexto rural. Mesmo no perímetro urbano ou peri-urbano esses espaços continuavam a ter características “selvagens”, ou seja, algo desconhecido e pouco visitado para os urbanos. Esse estranhamento e distanciamento da natureza progride a tal ponto de ocorrer o risco do rompimento de mundos. Louv (2005) aponta que uma das causas para esse afastamento da natureza é o acesso restrito às áreas naturais, pela própria ausência de parques naturais ou falta de estímulo e acesso a estes nos centros urbanos. Há que se considerar, no entanto, que tais fatos em si, já revelam a falta de vontade em ter a natureza próxima da vida urbana, ou até dos humanos.

Diferentes estudos apontam para os benefícios proporcionados pela aproximação com a natureza e a relação dessa aproximação com o cuidado ambiental (Corral-Verdugo, 2012; Hartig, Kaiser & Bowler, 2001; Korpela, Ylen, Tyrvaainen & Silvennoinen, 2010; Mayer,

Frantz, Bruehlman-Senecal & Dolliver, 2009; Nisbet, Zelenski & Murphy, 2011; Ryan, Weinstein, Bernstein, Brown, Mistretta & Gagne, 2010). Todavia, residentes de centros urbanos podem ter sentimentos ambivalentes em relação às áreas verdes (Bonnes, Passafaro & Carrus, 2011). A maior parte dos estudos é desenvolvida em cidades cuja área geográfica é relativamente distante das florestas nativas. No contexto amazônico, a floresta e os fragmentos florestais apresentam-se como paisagem muito presente e próxima dos olhos, mesmo que fora do perímetro urbano, e de forma geral, não é apreciada como ambiente de cidade (Higuchi, 1999; Higuchi, Azevedo & Forsberg, 2012; Silva, 2009). Outros estudos mostram que ambientes naturais podem induzir sentimentos negativos aos seus usuários (William & Cary, 2002). De modo geral as pessoas tendem a buscar espaços naturais a partir da percepção de suas qualidades estéticas e da possibilidade de restabelecimento e manutenção de um bem-estar físico e psicossocial (Cervinka, Röderer & Hefler, 2012; Howell, Dopko, Passmore & Buro, 2011; Laforteza, Carrus, Sanesi & Davies, 2009; Perón, 2002).

Se por um lado há uma literatura que enfatiza os benefícios da natureza e a busca da relação com ela como um ideal de bem-estar, verifica-se por outro, o distanciamento quer seja pela ideia de natureza selvagem que pressupõe perigos reais e simbólicos, ou pelo conforto que o modo de vida urbano oferece em contraposição aos estilos rústicos (Forsberg, 2012). Isso também revela uma representação da natureza selvagem e embora haja projetos de gestão urbana que valorize a arborização tanto para fins estéticos como para levantar à bandeira da sustentabilidade nas cidades a natureza para os cidadãos ainda se revela como entidade distanciada.

Como representante macro de uma área verde no planeta, a floresta amazônica é vivida e imaginada de formas peculiares. Há diferentes percepções para quem mora longe e percebe a partir de uma visão distanciada e para seus próprios moradores (Cunha, 2010; Forsberg, 2012). Estudos realizados com populações residentes em unidades de conservação no interior da Amazônia, para verificar a percepção ambiental de seus moradores, Higuchi & Calegare (2013) constataram que apesar de atribuírem importância à existência da floresta, esse é um lugar longínquo e inóspito para os seres humanos. À primeira vista tais resultados podem causar surpresa, uma vez que outros estudos dizem o contrário. Entretanto, há que se considerar o contexto no qual a área verde está localizada e todas as nuances que circundam tal localização e aspectos socioculturais nos quais as pessoas estão inseridas.

Silva (2009) em seu trabalho “Aqui é melhor do que lá” nos apresenta motivos pelos quais as pessoas se distanciam da floresta. A falta de oportunidades, as dificuldades pela falta de serviços de educação, saúde e transporte, além das expectativas de emprego e aumento da renda fazem as pessoas se distanciarem da floresta, onde “tudo falta”, porém, paradoxalmente, “tem tudo de bom”. Segundo a autora, o conflito está justamente no modelo de sociedade que valoriza o urbano em detrimento do rural, o construído em detrimento do natural. Uma vez na cidade, mesmo tendo boas lembranças e a certeza de ter bem vivido próximo à natureza, o mundo da cidade é melhor que o mundo da floresta, pois na cidade encontram a valorização social que lhes é importante para se sentirem pertencentes num mundo que lhes ignora socialmente. Silva (ibid) argumenta que há nesse deslocamento um ganho social, que aliás é aparente devido a precariedade de trabalho e demais benefícios sociais que passam a enfrentar, e uma perda na qualidade de vida proporcionada pela simplicidade e tranquilidade que o lugar proporcionava. Simbolicamente a floresta passa a representar toda a exclusão e discriminação social simplesmente pelo fato de ser morador do interior, tido como rústico e ingênuo, ou como se referem “caboco do interior”. Uma vez cidadão urbano, vivendo em Manaus, na capital do estado, a exuberância dessa floresta é vista com apreço, mas longe da cidade, repetindo talvez a síndrome conhecida como “não no meu quintal”.

Nesse sentido, os elementos físicos presentes num determinado lugar são valorizados e vivenciados a partir dos mais diversos filtros psicossociais e culturais. Ignorar tais aspectos é fazer uma análise incompleta da relação pessoa-ambiente. A floresta ou uma área verde estará em última instância, sempre sujeita a percepções que estarão subjacentes nos diferentes modos da relação pessoa-natureza. O presente estudo investiga essa relação a partir de uma floresta que se posiciona como elemento presente em um ambiente de trabalho.

De acordo com Fischer (n.d), os seres humanos desenvolvem suas vidas em torno de vários ambientes ou lugares. Estes se dividem em ambientes residenciais, institucionais, de trabalho e sociais paralelos. Em cada um desses ambientes está pressuposto comportamentos que são instituídos pela sociedade e que seus indivíduos compartilham, seja em termos funcionais ou simbólicos. É nesse rol de certos lugares para certas atividades que surge o ambiente de trabalho. Na seção a seguir nosso foco estará centrado nesse território existencial que é o ambiente de trabalho.

1.3 AMBIENTE DE TRABALHO

O trabalho ocupa parte fundamental da nossa existência, como a atividade direcionada a um objetivo ou uma atividade criadora, tipicamente humana. Muitos sentidos e significados são atribuídos ao ambiente de trabalho e ao ato de trabalhar, os quais repercutem não apenas na vida do trabalhador em particular, mas de forma global na sociedade. Trabalhar é uma dimensão da existência humana, tal qual o ato de amar, segundo a teoria psicanalítica proposta por Freud. Dessa forma, amar e trabalhar são pilares fundamentais para uma vida saudável, uma vez que estes atos definem significados que orientam as relações das pessoas (Synder & Lopez, 2009).

Os espaços de trabalho expressam um modelo social predominante na era industrial moderna e se distingue do local de habitação, principalmente em termos simbólicos, uma vez que este não pertence a uma pessoa em particular. É de certa forma imposto, e no seu interior desenvolvem-se atividades previamente definidas a partir de uma hierarquia de tarefas com local e tempo definidos (Fischer n.d). Em cada território um tipo de comportamento e significado está implícito nas mais diferentes sociedades. Para o autor todo espaço é sempre um espaço construído socialmente e todas as relações são mediadas pelo espaço físico.

O ambiente de trabalho é o espaço no qual muitas pessoas passam a maior parte do tempo de suas vidas. É um espaço social e sua dimensão subjetiva revela os significados distintos e uma diversidade de relações que se estabelecem a partir da funcionalidade ali presente (Iñiguez & Vivas, 2002; Ribeiro, 2005; Cruz, 2009). Observa-se, portanto que os significados e entendimentos acerca do ambiente de trabalho onde a pessoa desenvolve suas atividades cotidianas pode informar muito sobre as práticas direcionadas tanto às pessoas ali inseridas quanto as características do próprio ambiente físico e seus elementos constituintes.

Além da subjetividade presente na percepção desse ambiente de trabalho, os aspectos físicos do lugar, por meio do qual as atividades são desenvolvidas, atuam como fatores de influência (Fischer, n.d). Entendido como um sistema complexo, os fatores ambientais como temperatura, luz, ruído, acústica, cor e tamanho afetam as condições de trabalho e interferem no comportamento dos trabalhadores. Os elementos físicos do lugar de trabalho são fatores presentes, visíveis ou não, que atuam nos mais diferentes modos de agir, pensar e sentir das pessoas que ali estão engajadas.

Tais fatores ambientais são determinantes na qualidade de vida dos trabalhadores. Em nossa sociedade industrializada, o trabalho representa um importante meio para que os

indivíduos possam se projetar positivamente e atingir estágios de satisfação pessoal na busca por melhores condições profissionais e socioeconômicas. Entretanto, não apenas as atividades laborais concorrem para esse crescimento do indivíduo. O ambiente como um todo, considerando as atividades laborais, os instrumentos, mobília, arranjos espaciais e acessórios são aspectos decisórios para fazer divisões entre um trabalho que promove o bem estar e saúde e aquele que leva ao adoecimento físico e/ou emocional (Dantas, 2011).

As condições adversas de ambiência no trabalho produzidas pelos agentes físicos (como ruído, calor, vibrações, pressões e radiações) ou pelos agentes químicos (como fumo, poeira, gases, vapores) são alguns dos estressores ambientais encontrados em vários locais de trabalho. Os estressores organizacionais são fatores relacionados à organização do trabalho como, por exemplo, turnos, ritmo e ergonomia, ou seja, a relação do trabalhador com suas tarefas. Tais fatores levaram o Ministério da Saúde (2004) a implementar a Política Nacional de Humanização (PNH) como uma necessidade a ser iniciada pela ambiência nos mais diferentes ambientes, a fim de dar dignidade ao atendimento dos cidadãos. Para essa política pública a ambiência *“refere-se ao tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, humana e resolutiva, considerando alguns elementos que atuam como catalisadores da inter-relação homem-espaço”* (p.5).

De acordo com a PNH (MS, 2004), existem componentes que atuam como modificadores e qualificadores do espaço físico, cuja presença equilibrada e harmônica, podem criar ambiências acolhedoras contribuindo enormemente na promoção da saúde. Combinados, o conforto produzido pelas condições internas (iluminação, temperatura, morfologia, arranjos espaciais, cheiros, cores) e externas (áreas de descanso, presença de áreas arborizadas e jardins, arquitetura dos prédios) podem ter uma série de efeitos sobre a saúde e bem-estar dos trabalhadores. Assim esse ambiente pode se apresentar como benéfico para a saúde do ponto de vista psicológico, da saúde e social (Berlinck & Magtaz, 2008; Perez Gibert, 2009).

Para Fischer (n.d) o ambiente de trabalho como espaço vivido no trabalho pode ser entendido como um território humano, que delimita uma personalização e humanização do trabalhador, conferindo aspectos psicossociais a esse espaço. Assim, todo ambiente humano é social na sua própria estrutura, uma vez que é produto de intervenções que determinam o espaço no qual estamos. Revelam, portanto, sentido de reciprocidade e interdependência entre pessoa-ambiente e a atribuição de valores e significados relacionados a um espaço construído de forma social pelas experiências, cultura, percepção e afetos inerentes nessa relação

bidirecional. Dessa forma, muito mais do que um ambiente físico que é composto por estruturas específicas, o ambiente de trabalho é um lugar vivenciado de forma integral, incluindo aspectos sociais, afetivos, cognitivos, culturais e organizacionais.

Ribeiro (2005) argumenta que para a Psicologia Ambiental é importante estudar aspectos organizacionais do trabalho (motivações, atitudes, satisfação, cultura organizacional) dado o caráter transacional que busca entender as relações intrincadas a partir da interação com os aspectos físicos (ruídos, iluminação, temperatura, cor, tamanho). Compreende-se, portanto, que a PA ao lidar com ambientes de trabalho não tem a pretensão de verificar exclusivamente fatores ambientais que aumentam ou diminuem o rendimento no trabalho. Sua proposta abarca a sugestão de ambientes que facilitem uma interação favorável entre pessoa-ambiente, repercutindo na qualidade de vida.

Admite-se, assim uma visão holística que torna a Psicologia Ambiental também uma psicologia aplicada na busca da compreensão e promoção de modos de vida mais sustentáveis. Não se pode ignorar a importância desses espaços e da dimensão simbólica possibilitada nessa relação pessoa-ambiente, uma vez que a partir dos significados atribuídos a esse espaço de trabalho onde se desenvolve parte da própria vida do sujeito, este espaço deixa de ser apenas um espaço com atributos físicos específicos e passa a ser um lugar que permite a apropriação e sentimentos de pertencimento. E essa apropriação do lugar proporciona sentimentos de bem-estar (Proshansky, Fabian & Kaminoff, 1983; Cavalcante & Nobrega, 2011).

O que se questiona no presente estudo é se áreas externas, isto é, o perímetro além da porta de entrada e da janela, com paisagem de fragmento floresta urbano é capaz de produzir efeitos restauradores ou algum aspecto diferenciado para os trabalhadores ali empregados.

Kaplan (1993) apresenta estudos empíricos sobre os benefícios da natureza no lugar de trabalho e defende que os benefícios estendem-se a aspectos gerais da organização. As teorias que propõem a natureza como promotora de benefícios para o bem-estar influenciaram diversos outros estudos que serão apresentados no capítulo a seguir.

1.4 EFEITOS RESTAURADORES DA NATUREZA NO AMBIENTE DE TRABALHO

Muito se tem estudado sobre os ambientes industriais, escritórios e espaços fabris de modo geral na PA. Por outro lado, muito também se tem estudado sobre os efeitos restauradores de ambientes no qual se sobressai aspectos naturais e áreas verdes. Embora ainda incipiente existem alguns estudos sobre a influência desses aspectos na vida das pessoas. A teoria do Restauo da Atenção que possibilita restauro cognitivo de Kaplan e Kaplan (1989) e a Teoria da Recuperação do Estresse de Ulrich (1983) foram importantes para se pensar nessa relação entre a natureza e os benefícios que esta proporciona para o bem-estar do sujeito.

A teoria do Restauo da Atenção admite que os ambientes restauradores são aqueles capazes de restaurar a atenção da fadiga gerada pela concentração em atividades específicas e repetidas a que as pessoas são submetidas em sua vida cotidiana. Esses ambientes para que sejam considerados restauradores precisam ter quatro qualidades: 1) Escape, ou seja, proporcionar um distanciamento tanto físico como psicológico; 2) Fascinação, isto é, demandar uma atenção involuntária e um interesse espontâneo; 3) Escopo, que se refere percepção do ambiente como um todo e de fazer parte deste, e 4) Compatibilidade que sugere a congruência ou não entre o ambiente e o que se pretende fazer nele (Alves, 2011).

Essas características não dependem da pessoa ou do ambiente isoladamente para que sejam consideradas restauradoras, mas sim da interação entre ambos. As pessoas percebem tais características de acordo com suas experiências em outros ambientes. Admite-se que quando tais características restauradoras dos ambientes forem percebidas é possível que haja uma inclinação a comportamentos ecológicos (Hartig, Kaiser, & Bowler, 2001)

A teoria da Recuperação do Estresse, por sua vez, evidencia que as emoções propiciadas pelo contato com a natureza reduzem reações de estresse. O estresse é entendido como uma resposta fisiológica a fatores que ameaçam o bem-estar. Ambientes nos quais estão presentes elementos como vegetação e água, possuem a capacidade de acalmar são considerados recuperadores de estresse de acordo com essa teoria, pois os efeitos positivos desses ambientes são capazes de substituir emoções negativas geradas por fatores estressantes (Herzog & Strevey, 2008).

Destarte, a influência dos ambientes e seus efeitos nos sentimentos e comportamentos das pessoas passaram a ser mais enfocadas na PA possibilitando mais estudos e investigações na área sobre a temática. Com base nas teorias destacadas acima, acredita-se que ambientes

naturais são capazes de promover o restauro cognitivo e a recuperação do estresse. Nesse presente estudo, opta-se por acatar o termo Restauro Psicológico para abarcar os benefícios psicológicos, cognitivos e fisiológicos que essas teorias apresentam com relação ao contato com a natureza.

Um dos estudos sobre os efeitos restauradores em diferentes cenários e situações envolvendo espaços com áreas verdes e qualidade de vida no entorno do campus universitário de La Rioja (na Espanha) e realizado com 500 estudantes entre 1997 e 1998; identificou que entre as principais vantagens do campus universitário encontravam-se as zonas verdes, praças e jardins (Lázaro & Cabrerizo, 2002). Esses dados revelaram a importância das áreas verdes para a atribuição do nível de satisfação desse ambiente pelos estudantes. Porém um maior aprofundamento nessas questões é apontado pelos autores como necessário.

Estudos em escritórios para verificar a relação dos trabalhadores diante da exposição a plantas nesses ambientes também foram realizados, mas não se constatou efeitos significativos, embora tenha sido identificada uma atitude positiva em relação às plantas (Shoemaker, Randaall, Rel & Geller, 1992; Bringslimark, Hartig & Patil, 2011). De todo modo, pouco se sabe sobre a percepção de trabalhadores de ambientes no qual há a presença de áreas verdes.

Sendo o foco do presente estudo o entendimento de como os profissionais de um ambiente de trabalho em um ambiente em um fragmento florestal urbano, isto é, de área verde, realizou-se uma revisão de literatura nas duas mais importantes revistas de Psicologia Ambiental a nível internacional: *Environmental & Behavior* (EB) e *Journal of Environmental Psychology* (JP). Utilizando das palavras chaves ambientes de trabalho, ambientes restauradores e naturais foi possível encontrar 19 artigos na EB, dos quais a partir da leitura dos resumos, 12 foram eleitos para leitura detalhada. Na JP, foram identificados 30 artigos relacionados, sendo eleitos 15 para análise aprofundada. Desta revisão destaque-se o que segue.

Em ambas as revistas não foram encontradas pesquisas específicas na temática proposta no presente trabalho. Dos artigos identificados no JP através das palavras chave apenas três importam destacar. Nesses artigos identificou-se um estudo que buscou verificar os benefícios de plantas no interior dos ambientes de escritório quanto a capacidade de atenção de acordo com a teoria do restauro da atenção. Nesse estudo constatou-se uma relação entre melhor desempenho nos ambientes de trabalho em escritórios onde tem plantas, afirmando que elementos naturais podem afetar o desempenho cognitivo (Raanaas, Horgen, Rich, Sjøstrøm, & Patil, 2011)

Outro estudo foi realizado com trabalhadores em escritórios cujas salas tinham acesso a janelas com iluminação do dia e vista do lado de fora, para verificar se essa condição arquitetônica era capaz de trazer benefícios ou atuar como fator de interferência para a satisfação ou não no espaço de trabalho. Os dados empíricos não revelaram relações significativas quanto ao desempenho em ambientes de trabalho com espaços abertos em função da aproximação com a natureza. O estudo destacou que havia diferenças de gênero, evidenciando que os homens têm mais tendência a avaliar positivamente espaços abertos do que as mulheres (Yildirim, Akalin-baskaya, & Celebi, 2007).

Estudo similar foi desenvolvido para verificar as implicações entre as vistas de janelas para trabalhadores de escritórios e a prevenção de desconforto físico e psicológico. Esse estudo concluiu que mesmo dentro do ambiente relativamente adequado – com visualização da natureza e janelas - dos atuais escritórios, as condições de trabalho influenciam a saúde e bem-estar dos trabalhadores. O estudo concluiu que a iluminação adequada na arquitetura e designer dos ambientes de trabalho podem contribuir para a redução do desconforto físico e psicológico no trabalho, e estas melhorias se estendem para a vida em casa, influenciando qualidade do sono (Aries, Veitch, & Newsham, 2010).

Nos artigos do EB destacam-se cinco trabalhos que tratam da compreensão da interação com áreas verdes em ambientes de trabalho como elementos benéficos para o bem estar dos trabalhadores e uma melhoria nas atividades organizacionais. Um dos estudos refere-se a investigação acerca do papel do pôster de paisagens em um ambiente acadêmico. O estudo foi realizado com estudantes de psicologia em situação de laboratório para verificar possíveis implicações entre a visualização de pôsteres de artes abstratas e da natureza nas paredes de escritórios e as respostas a estes em circunstâncias de raiva e estresse. Os resultados revelam que o aumento das proporções de pôsteres relacionados a natureza diminuía o estado de raiva por causa da diminuição dos níveis de estresse diante desses estímulos. Atribuiu-se a diminuição do nível de raiva pós-trabalhos estressantes, ao fato das imagens de natureza terem a capacidade de reduzir o estresse. Esses resultados foram mais eficientes para os homens do que para as mulheres. No caso das mulheres, no entanto, a exposição de pôsteres tanto de artes abstrata como da natureza não influenciou no nível de raiva e estresse (Kweon, Ulrich, Walker, & Tassinary, 2008).

Bringslimark e seus colaboradores (2011) revelaram que a falta do bem estar e qualidade de vida no trabalho que ocorre num ambiente sem janelas pode ser compensado com atividades ao ar livre. Os autores constataram que se os trabalhadores de escritórios não têm uma vista do ambiente natural externo de suas janelas eles procuram compensar essa falta

trazendo plantas e imagens de natureza para seus ambientes de trabalho. Num estudo com 385 trabalhadores de um escritório norueguês para investigar se essa compensação ocorre, os pesquisadores constataram que aqueles que não tinham janelas em seus ambientes de trabalho levavam cerca de cinco vezes mais plantas para seus espaços de trabalho do que aqueles que tinham vista de janelas. Esses trabalhadores também mostraram ter três vezes mais fotos da natureza em seus espaços de trabalho comparados com os que tinham janelas em suas salas de trabalho (Bringslimark, Hartig, & Patil, 2011). Os autores argumentaram ainda que os resultados encontrados podem contribuir para que se estabeleçam projetos ambientais que ofereçam contato com a natureza para pessoas que passam grande parte do tempo em ambientes fechados. O estudo corrobora com dados que apontam para os efeitos restauradores de espaços da natureza quando esta não está disponível.

Com base nesses resultados, podemos nos questionar se isso somente ocorre onde esses aspectos da natureza sejam escassos e raros não apenas no ambiente de trabalho, mas também no cotidiano das pessoas em centros urbanos cercados por prédios e poucas áreas verdes. Do mesmo modo, aqueles que convivem com a constância da natureza, não estariam sobrecarregados com essa presença ou esta passaria despercebida, como é o caso do contexto amazônico?

Outro estudo que chamou atenção foi uma pesquisa de caráter experimental realizada com o objetivo de testar se plantas retratadas nas telas de computadores nos locais de trabalho com e sem vista de janelas teria efeitos restauradores nos usuários. Embasado na perspectiva da Teoria da Recuperação do Estresse e na Teoria da Restauração da Atenção foi realizado a partir da observação das tarefas durante uma hora com 85 trabalhadores feitas em sala com ou sem janela. Foram observados diferentes desempenhos que relacionadas a três situações específicas: a) local com a presença de plantas naturais; b) local com a presença de objetos inanimados; e c) local sem alteração, como situação de controle. Observou-se que a presença de plantas levou a um maior fascínio, que é uma das características de ambientes restauradores, mas não foi observada uma relação com a melhora da capacidade de atenção. A presença de plantas no trabalho não tem efeitos restauradores superiores quando comparados a objetos inanimados, nem tampouco em ambientes de trabalho com ou sem janela. No entanto verificou-se que a visualização de plantas e objetos inanimados no computador revelou um potencial restaurador que carece de maiores investigações (Evensen, Raanaas, Hagerhall, Johansson, & Patil, 2013).

Pilotti e seus colaboradores (2014) verificaram os efeitos restauradores que a natureza oferece depois de um dia de trabalho. O estudo sugere que uma breve exposição a natureza no

final de um dia de trabalho pode colaborar com o desempenho cognitivo por melhorar a atenção e a memória a longo prazo. Nesse estudo, os autores exibiram um vídeo de um ambiente natural ou de uma rua movimentada da cidade no final do dia trabalho. Os resultados mostraram que os participantes que assistiram ao vídeo de natureza apresentavam características fisiológicas que proporcionava ao indivíduo mais vigor para concluir tarefas e maior capacidade de memória. Entretanto o estudo não encontra dados significativos relacionados a afetos e sugere mais estudos considerando essa questão (Pilotti, Klein, Golem, Piepenbrink, & Kaplan, 2014). Esse estudo nos leva a questionar sobre os efeitos que a constância da natureza no ambiente de trabalho tem sobre a capacidade de restauro cognitivo nesses trabalhadores.

O levantamento de pesquisas nas duas importantes revistas de PA (EB e JP) revela que os poucos estudos apresentam resultados e metodologias diversas e que ainda faltam elementos para comprovação de que os elementos da natureza são capazes de contribuir com o restauro cognitivo nos ambientes de trabalho. A maioria dos estudos apresenta situações simuladas de laboratório e portanto, tais estudos não possuem uma leitura holística que estudos naturalísticos teriam. Além disso, nestes estudos há uma maior preocupação com aspectos cognitivos (memória, atenção) e pouco se referem ao restauro emocional (bem estar, tranquilidade).

Diante desse cenário, o presente estudo pretende contribuir com outros dados, no sentido de verificar quais as implicações que elementos da natureza constante e farta no dia-a-dia dos amazônidas, têm na vida de pessoas quando estes são abundantes também no trabalho, como é o caso dos trabalhadores do Campus Aleixo I do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em Manaus-AM. Estaria essa natureza farta agindo como aspectos restauradores num contexto amazônico onde a floresta está invariavelmente próxima e diuturnamente presente?

2. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa de caráter qualitativo se configura como estudo exploratório e descritivo, incorporando a abordagem Multimétodos (Gunther, Elali & Pinheiro, 2008). Para Minayo (2008) a Pesquisa Qualitativa depende muito da “criatividade do pesquisador” que se mostra como elemento primordial para a construção do conhecimento, deixando de lado o modelo positivista e apropriando-se de uma dialética de subjetivação e objetivação.

Essa pesquisa, de caráter social, abrange diversos tipos de investigação que discutem as relações sociais e institucionais, considerando a historicidade dos sujeitos e os significados atribuídos às suas realidades. Para as ciências sociais, a historicidade dos sujeitos é aspecto a ser considerado na pesquisa, sendo sujeito tanto o participante da pesquisa quanto o pesquisador que se mostra implicado nesse processo. O registro desse aspecto deve ser respeitado de acordo com os valores de cada grupo social e suas especificidades. Busca-se compreender o local e o global, o macro e o micro, os aspectos mutáveis e permanentes presentes nas diferentes dinâmicas sociais.

A abordagem Multimétodos (Gunther, Elali & Pinheiro, 2008) inclui o uso de dois ou mais métodos de pesquisa que são definidos de acordo com os objetivos desejados. Nas ciências sociais a pesquisa baseada em múltiplas abordagens tem uma longa tradição e nos estudos Pessoa-Ambiente se mostra como uma opção favorável para esclarecer tanto perguntas quanto características do ambiente em função das pessoas (Centrada no Ambiente) como perguntas referentes aos atributos das pessoas em função do ambiente (Centrada nas pessoas) e ainda na transação entre pessoa e ambiente. Os autores argumentam que aplicar métodos isolados pode gerar lacunas por contemplarem apenas uma faceta do conhecimento e não suas múltiplas relações. Por isso a importância da triangulação de métodos nessa abordagem.

Como o estudo busca compreender a percepção de trabalhadores sobre seu ambiente de trabalho localizado num fragmento florestal, optou-se por métodos para estudos centrados na pessoa que incluem: entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e aplicação de escala social.

Primeiramente foi realizada uma entrevista semiestruturada com os participantes da pesquisa (Ver apêndice 1). Em seguida aplicou-se uma escala social, do tipo likert. As escalas do Tipo Likert, são mensurações muito utilizadas nas ciências sociais, especialmente em

levantamentos de atitudes, opiniões e avaliações. Nessas escalas solicitou-se que o participante avaliasse um fenômeno em graus de concordância, importância ou de satisfação, com cinco graus do menor (1) ao maior (5), do que se aplica totalmente ou definitivamente não se aplica (Gunther, Elali & Pinheiro 2008). Nesse estudo foi acrescentada a Escala de Conexão com a natureza (Mayer & Frantz, 2004) já validada para população brasileira no estudo de Rosa (2014) para verificar sentimentos de conexão com a natureza (Ver Apêndice 2).

A pesquisa foi encaminhada para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFAM para verificação dos critérios éticos da pesquisa em conformidade com a Resolução CNS 196/96 atualizada pela Resolução 466/2012 que dispõe das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Foi elaborada uma carta ao gestor da instituição para solicitar a anuência de realização da pesquisa no ambiente de trabalho (Anexo II). Para anuência dos participantes apresentou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para solicitar a permissão da realização da pesquisa (Apêndice 3). O CEP emitiu parecer favorável quanto aos procedimentos éticos para a realização da pesquisa em setembro de 2014 sob número: 804.214 (Anexo I) cujo CAAE é 36325514.8.0000.5020.

A análise dos dados teve um tratamento qualitativo, utilizando-se da Análise de Conteúdo para tratamento dos dados emergentes da entrevista. A análise de conteúdo possibilita categorizar e compreender dados de maneira qualitativa colhidos tradicionalmente em materiais textuais escritos (Bardin, 2004), mas procedimento semelhante pode ser aplicado a imagens e sons (Bauer, 2010).

Além da identificação das categorias que emergiram a partir das respostas, realizou-se a descrição quanto a sexo, idade, escolaridade, ocupação, procedência e tempo de trabalho na instituição.

A análise dos dados resultantes da escala de conexão com a natureza foi feita por meio de estatística descritiva e seus dados relacionados de forma qualitativa na triangulação com os outros métodos abarcados nessa pesquisa.

2.1 LOCUS DA PESQUISA: O CAMPUS ALEIXO I DO INPA

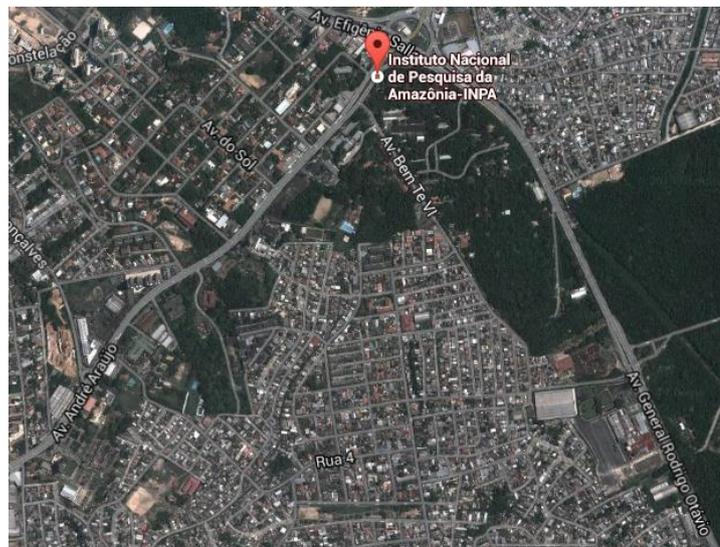
O INPA, órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), é um instituto de referência mundial em pesquisas sobre o meio ambiente amazônico. Sua criação data de 1952 com implementação em 1954 e descreve a missão do INPA no desenvolvimento de estudos científicos do meio físico e das condições de vida da região amazônica para

promover o bem-estar humano e o desenvolvimento socioeconômico regional (www.inpa.gov.br). O alto status do INPA como órgão de pesquisa se estende aos servidores que lá desenvolvem as mais variadas atividades, seja serviços gerais, administrativos, gestão de projetos, laboratoriais, informática e a pesquisa em si. Trabalhar no INPA é atrativo e dá aos servidores um status diferencial.

O INPA tem sua sede em uma área de 379.868,41m², na área urbana de Manaus, distribuída em três campi: O Campus Aleixo I, com 255.736,49m²; Campus Aleixo II, com 49.131,92m² e Campus do V-8, com 75.000,00m². Também possui três reservas florestais e duas biológicas, quatro estações experimentais, duas bases flutuantes de pesquisa, um laboratório flutuante e um barco de pesquisa como componente de sua estrutura. Além da sede em Manaus o INPA ainda possui três núcleos de pesquisas localizados nos Estados do Acre, Roraima, Rondônia e Pará.

Esse estudo foi realizado apenas com trabalhadores do Campus Aleixo I (Figura 01), que possui uma distinção, por ter sido construído no meio da floresta, ainda que secundária, e ter mantido essa característica que o transforma num oásis florestal. Do ponto de vista do ambiente físico esse é um dos campi no qual a vegetação mais se sobressai, tendo inclusive um parque zoobotânico, o Bosque da Ciência, espaço aberto para visitação pública.

Figura 01: Campus Aleixo I do INPA



Fonte: Google Maps.

A área florestal desse campus do INPA, apesar de não ser primária, está mantida como tal há mais de 40 anos. A floresta secundária conta com diversas espécies botânicas, sendo a exuberância do verde o que mais se destaca nessas áreas (Higuchi & Farias, 2002). Sabe-se

que embora existam algumas ilhas de florestas primárias no local, a maior parte da diversidade da vegetação existente foi plantada e cultivada pelos mateiros da instituição com fins de pesquisa e estéticos.

Recentemente, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Sustentabilidade (SEMMAS) considerou o INPA como Área de Proteção Ambiental (APA) num esforço da Prefeitura de Manaus para aumentar o raio de áreas protegidas da cidade. Trata-se da APA UFAM, criada pelo Decreto nº 1503 de 27 de março de 2012, localizada na zona centro-sul da cidade de Manaus, que reúne uma área de 759,15 ha e é formada pelos fragmentos florestais do INPA, UFAM, Parque Lagoa do Japiim e área verde do Conjunto Acariquara (www.manaus.am.gov.br).

Atualmente a estrutura física desse campus é cercada por árvores de grande porte e vegetação amazônica com fauna livre na área (Figura 02). A estrutura física dos prédios constitui-se por um layout horizontal, sendo que os laboratórios e escritórios são térreos, permitindo um acesso imediato, sem espaços intersticiais entre o interior e exterior do prédio. Apenas o prédio, da Diretoria e outro de Pesquisas em Tecnologia da Madeira tem mais de um andar e menos do que três. Na maioria das salas há janelas que dão para a área externa amplamente florestada (Figura 03) e não rara vitrine para os diferentes animais que passeiam no campus. Pela restrição de espaço, alguns ambientes de trabalho acabaram sem janelas e iluminados apenas de forma artificial.

Figura 02: Entrada do INPA- Campus I

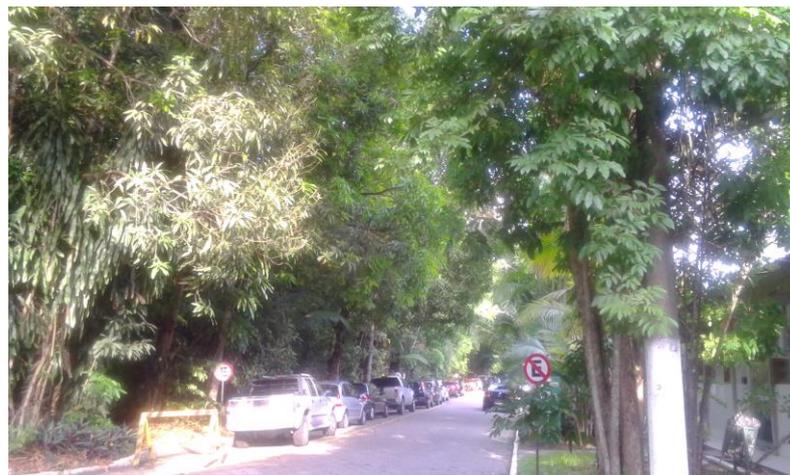


Figura 03: Estrutura das salas



Todos os ambientes são climatizados para manter uma temperatura agradável, haja vista o calor típico da região Amazônica, e possuem tanto a iluminação natural das janelas como iluminação artificial necessária para a execução das atividades. Os estacionamentos são em áreas de clareira entre as sombras das árvores (Figura 04). Em dias de sol intenso é alentador, porém em dias de chuva há um grande risco de queda de galhos e frutas que podem atingir tanto os carros como os pedestres. A sensação térmica dentro do campus é sensivelmente mais baixa do que em outras áreas pavimentadas da cidade.

Figura 04: Estacionamentos entre as árvores



O trânsito de pedestres entre os prédios é feito por trilhas entre as árvores de grande porte e área de arbustos que impedem a visão de outros prédios ali construídos. Nessa circulação é muito comum se deparar com preguiças e cutias (Figura 05 e 06) ou cobras cruzando o caminho ou nos galhos das árvores, tirando atenção ou rumo do transeunte. Distrações

positivas ou de desconforto se configuram como possíveis nesse cenário no qual fauna e flora saltam aos olhos.

Figura 05: Animais nas trilhas

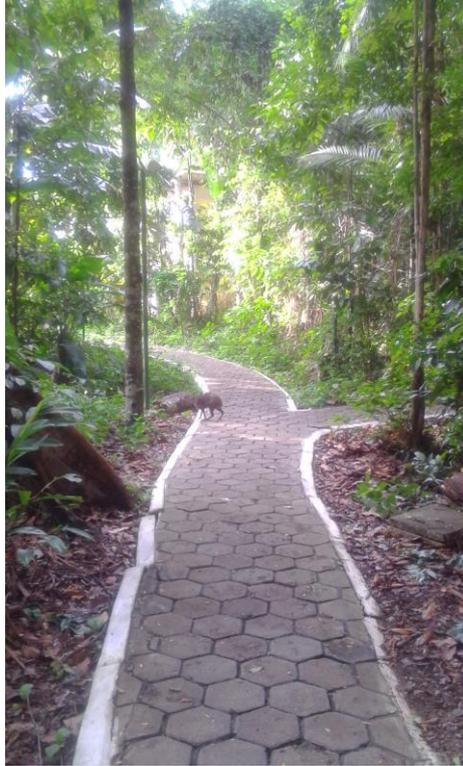
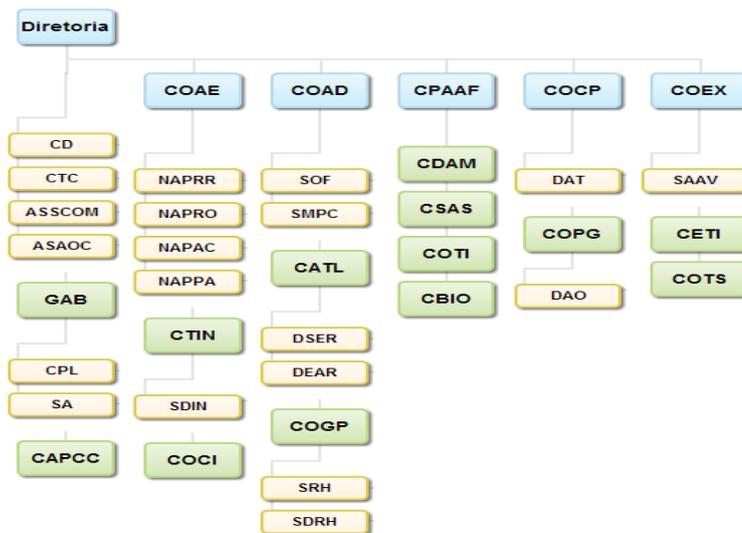


Figura 06: Trilhas de acesso a prédios



O INPA possui uma organização hierárquica composta por uma Direção geral e cinco principais coordenações, são elas: COAE (Coordenação de Ações Estratégicas); COAD (Coordenação de Administração); CPAAF (Coordenação de Pesquisas e Acompanhamento das Atividades Finalísticas); COCP (Coordenação de capacitação); e COEX (Coordenação de Extensão). Essas coordenações possuem subdivisões de coordenações conforme Figura 07.

Figura 07: Estrutura Organizacional e de Pesquisas do INPA



Fonte: www.inpa.gov.br

No Campus Aleixo I há trabalhadores de todas estas coordenações, sendo minoria de pesquisadores e técnicos de laboratórios, os quais estão distribuídos nos demais campi. Neste, além dos servidores (pesquisadores, administrativos e técnicos), há colaboradores de empresas terceirizadas e bolsistas de apoio técnico e iniciação científica.

O levantamento fornecido pelo setor de Recursos Humanos lista aproximadamente 165 trabalhadores com vínculo de trabalho efetivo igual ou superior a dois anos (critério a ser adotado neste estudo) assumindo cargos de assistentes e analistas em diferentes níveis e lotações funcionais, a saber: 1) Coordenação de Ações Estratégicas; 2) Coordenação de Administração; 3) Coordenação de Apoio Técnico e Logístico; 4) Coordenação de Biodiversidade; 5) Coordenação de Cooperação e Intercâmbio; 6) Coordenação de Dinâmica Ambiental; 7) Coordenação de Extensão; 8) Coordenação de Extensão Tecnológica e Inovação; 9) Coordenação de Gestão de Pessoas; 10) Coordenação de Pesquisas e Acompanhamento das atividades finalísticas; 11) Coordenação de Pesquisa em Biologia Aquática; 12) Coordenação de Pesquisa em Botânica; 13) Coordenação de Pesquisas em Clima e Recursos Hídricos; 14) Coordenação de Capacitação; 15) Coordenação de Pós

Graduação; 16) Coordenação de Sociedade , Ambiente e Saúde; Coordenação de Tecnologia da Informação; 17) Coordenação de Tecnologia e Inovação; 18) Coordenação de Tecnologia Social; 19) Coordenação de Divisão de Apoio Técnico; 20) Serviço de Material e Patrimônio; 21) Orçamento e Finanças.

2.2 PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Participaram deste estudo 36 (trinta e seis) trabalhadores (20 F; 16 M) do Campus I Aleixo INPA com idade entre 31 e 62 anos com vínculo profissional na instituição entre 4 (quatro) e 35 (trinta e cinco) anos. Entre os servidores participantes da pesquisa 58% vivem com cônjuges (Casados ou em união estável) e 42% afirmaram viver sem cônjuges (Solteiros, viúvos ou separados/divorciados), sendo que 83% dos servidores possuem filhos e 17% não possuem. A tabela 01 indica que 56% dos trabalhadores entrevistados tem entre 51 e 60 anos de idade evidenciando um público de trabalhadores em fase preparatória ou em processo para a aposentadoria.

Esses dados também podem ser evidenciados em função do tempo de trabalho na instituição onde a maioria (69%) desses entrevistados tem mais de 20 anos. Nesta mesma tabela 01 observa-se que 6% dos entrevistados estão de 2 a 5 anos trabalhando na instituição, 25% entre 10 e 20 anos, 36% entre 21 e 30 anos, e 33% dos entrevistados estão a mais de 30 anos na instituição. O tempo de trabalho na instituição e a idade revela um público que iniciou carreira ainda jovem e passou parte significativa da sua vida trabalhando na instituição.

Tabela 01: Distribuição percentual dos participantes em função da idade e tempo de trabalho

Faixa Etária	Tempo de Trabalho na Instituição				Total %
	2 a 5 anos %	10 a 20 anos %	21 a 30 anos %	> 30 Anos %	
31 - 40	0	17	0	0	17
41 a 50	6	6	8	0	19
51 - 60	0	3	25	28	56
> 61	0	0	3	6	8
Total	6	25	36	33	100

Os servidores em sua maioria, apresentam-se em fase ativa laborativa mesmo que alguns apontem para a iminência da aposentadoria e destacam os resultados positivos e

negativos do trabalho afetando diretamente seu modo de vida. Esse ambiente de trabalho portanto, além de apresentar-se como um cenário físico que possibilita realização de atividades concretas, possibilita ainda relações multidimensionais na trajetória desses colaboradores associando-se ao tempo de trabalho dedicado a instituição e aos significados advindos a partir dessa inter-relação.

Baltes (1987) ao discutir sua teoria do *lifespan* ou ciclo de vida, aponta para a importância do entendimento de que o desenvolvimento humano passa por mudanças ao longo da vida em um processo contínuo que envolve ganhos e perdas de acordo com as demandas apresentadas pelo indivíduo e ambiente durante o processo vitalício de adaptação, incluindo o trabalho como sendo uma das dimensões existenciais que afetam significativamente a pessoa.

De acordo com os critérios de inclusão e exclusão no estudo, participaram apenas trabalhadores de áreas de gestão (Assistente e Analista de C&T) e técnicos e tecnologistas que realizam as atividades no Campus I. O fato de não envolver os pesquisadores ocorreu por motivos destes terem deslocamentos constantes para floresta nativa, pois essa aproximação com a natureza é sua ocupação profissional. A tabela 02 mostra a distribuição dos entrevistados em função dos cargos ocupados.

Tabela 02: Distribuição de trabalhadores de acordo com o cargo

Cargo	%
Analista C&T	22
Assistente C&T	47
Técnico	25
Tecnologista	6
Total	100

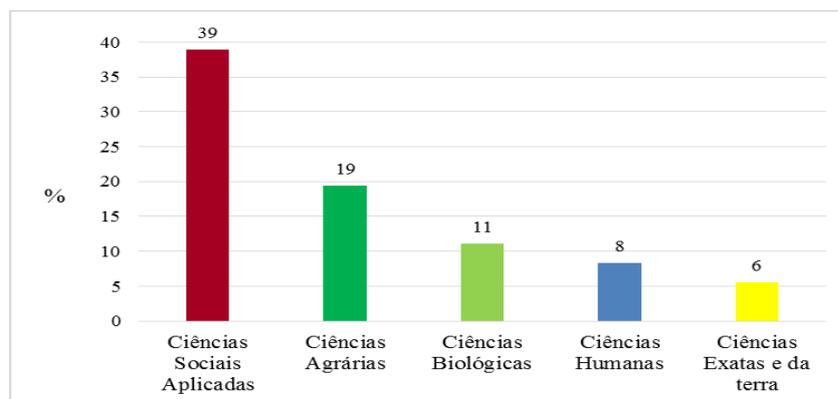
As atividades laborais estão geralmente relacionadas as atividades de gestão, atendimento ao público interno e externo e de apoio à pesquisa. Os colaboradores que possuem o cargo de Assistente e/ou Analista de Ciência & Tecnologia (69%) desenvolvem tarefas associadas ao suporte, apoio e gestão administrativa de menor a maior complexidade dependendo do setor. A rotina envolve tarefas no computador e em sistemas administrativos, atendimento ao público, controladoria e gerenciamento de rotinas administrativas.

A ausência de níveis hierárquicos e descrição de cargos bem definidos aparecem sutilmente como propulsoras de conflitos organizacionais presentes entre os servidores. Os técnicos (25%) possuem a função de suporte aos laboratórios de pesquisa, atuando especificamente de acordo com as atividades do laboratório e coordenação de pesquisa de locação. Entretanto existem técnicos remanejados para atuar como apoio à gestão administrativa e atendimento ao público, assim como Tecnologistas (6%) que têm como atribuição o desenvolvimento de pesquisa, mas podem adentrar em atividades de rotina administrativas.

Observou-se que 81% dos servidores entrevistados atuam prioritariamente na área de gestão e administrativa, quer seja de recursos, serviços, finanças ou pessoas e 19% atua especificamente em atividades mais técnicas em laboratórios com produtos florestais e tecnologias de apoio a pesquisa.

A instituição possui incentivos ao aperfeiçoamento acadêmico e no quadro há muitos servidores com escolaridade superior, sendo que 64% deles possuem o ensino superior completo. Dos que possuem ensino superior completo, 57% possuem especializações, mestrado, doutorado ou uma segunda graduação. Os demais 17% dos servidores possuem o ensino médio completo e 19% o ensino superior incompleto em função de ter iniciado uma graduação ou manter em andamento sem ter finalizado ainda. Os servidores reconhecem na instituição a oportunidade de investimento na carreira acadêmica e na formação profissional de modo geral, embora nem todos os colaboradores tenham uma formação de acordo com a atividade laborativa que desempenha.

Figura 08: Distribuição dos entrevistados em função da área de formação



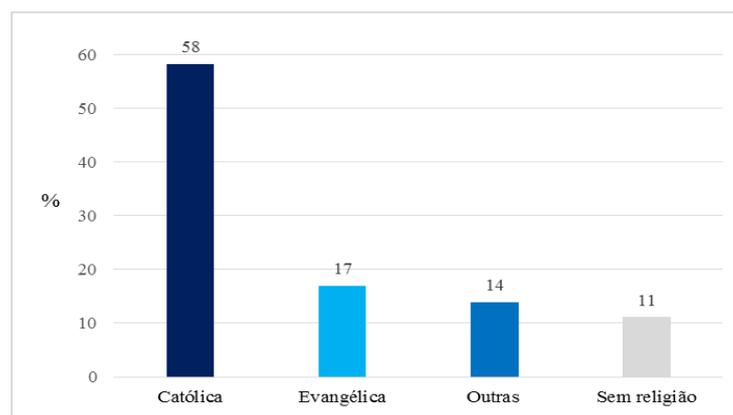
Conforme a figura 08 é possível observar a distribuição da área de formação dos servidores, sendo 39% com formação relacionada as Ciências Sociais aplicadas

(Administração, ciências contábeis, direito, economia, turismo); 19% Ciências Agrárias (Engenharia de Alimentos, Engenharia florestal e tecnologia florestal); 11% Ciências Biológicas (Biologia e biotecnologia); 8% Ciências Humanas (História, Geografia e Estudos Sociais) e 6% Ciências Exatas e da Terra (Rede de computação e Ciências Naturais).

A religiosidade presente na vida das pessoas de modo a constituir filtros de juízos de valor para a realidade e interferindo em pensamentos, emoções e ações de alguma forma apresenta-se entre os servidores. O cristianismo apareceu em destaque indicado pela religião católica 58% e evangélica 17% como maioria entre os participantes (Figura 09).

Todos os servidores da pesquisa revelaram ter alguma crença divina, sendo que 14% participam de outras religiões orientais como messiânicas ou relacionadas com doutrina espíritas. Para 11% dos servidores a religião não está definida, embora afirmem algum tipo de espiritualidade.

Figura 09: Distribuição dos entrevistados em função da religião



As ideias advindas de religiões judaico-cristãs influenciam um ideal de natureza relacionado a um lugar paradisíaco e positivo, entretanto fundado numa relação de hegemonia do homem entendido como sujeito dominador; e natureza é vista como entidade a ser dominada para servir aos interesses do homem criado a imagem e semelhança do Divino. Essa visão considerada antropocêntrica opõe-se à ecocêntrica que entende a natureza e o homem de forma conectadas e em uma relação horizontal e não verticalizada (Thompson & Barton, 1994). De acordo com Carvalho & Steil (2008) essa relação entre espiritualidade e religião pode ser verificada a partir da crescente valorização da natureza e das religiões orientais que buscam um ideal de conexão com a natureza a partir de uma crença em elementos sagrados em relação de igualdade ou até mesmo de supremacia da natureza diferentemente das religiões tradicionais.

3. PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR DE TRABALHO EM UM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO

Interpretar e construir significados faz parte do processo de formação das percepções ambientais e define rumos importantes na apropriação e identificação dos espaços e ambientes (Higuchi & Kuhnen 2011). A atribuição de significados sobre um determinado espaço físico associa-se às experiências vividas, à cultura e aos elementos que se fazem presentes nesse entorno e que podem ser acessados pelas percepções ambientais.

Destarte, verificou-se que as percepções ambientais desses servidores que trabalham com a floresta na porta e na janela revelam-se a partir dos: a) Significados atribuídos ao ambiente de trabalho; b) A vivência do trabalho na proximidade com a natureza; e c) Formas de Interação e Afinidade com a natureza.

3.1 SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO AMBIENTE DE TRABALHO

O processo pelo qual o espaço físico se converte em espaço significativo para uma pessoa é um dos aspectos mais relevantes da interação pessoa-ambiente. O estudo do significado do ambiente envolve tanto a representação interna da organização espacial como os elementos significativos em torno dos quais essa representação se organiza. O significado do ambiente é a resposta que antecede e que está na base de outras respostas efetivas como a intenção e a ação atrelada a experiência psicológica que abarca dimensões básicas, a saber: ambiente como fonte de estimulação; ambiente como fonte de informação; ambiente como âmbito para ação (Corraliza, 2002).

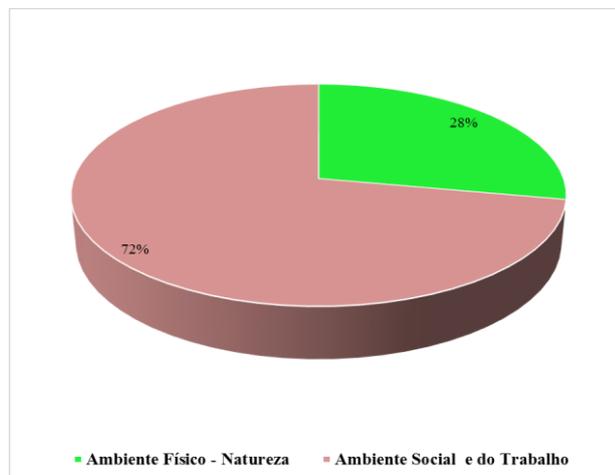
O significado abrange uma complexidade de outros aspectos, que juntos, de forma não linear, compõem o lugar como um cenário de acontecimentos sociais e nele estão inclusos a) sentimentos associados ao ambiente de trabalho; b) aspectos de avaliação do ambiente de trabalho, e c) sensações vivenciadas ao adentrar no lugar de trabalho.

3.1.1 Sentimentos associados ao ambiente de trabalho

Há um entendimento de que os comportamentos e a visão de mundo das pessoas são determinados por suas percepções. E essas percepções surgem primeiramente como sentimentos e emoções e depois se transformam em pensamentos que gestam conceitos e

formas de compreender e experienciar o mundo (Mendonça, 2005; Tuan, 1983). Entender os processos afetivos que abarcam sentimentos positivos e negativos direciona o caminho para reflexões acerca do que leva a ação e as conotações significativas. A Figura 10 retrata os aspectos relevantes do ambiente sobre os quais os sentimentos foram evocados. Aqueles que retratam os sentimentos relativos ao ambiente social e do trabalho em si (72%) e aqueles que se referem ao ambiente físico, mais particularmente às características de proximidade com a natureza preservada (28%).

Figura 10: Aspectos do ambiente sobre os quais os sentimentos são manifestados pelos servidores



Sentimentos relativos ao ambiente social e do trabalho

Entre os entrevistados, 67% se referem ao ambiente social e do trabalho e apontam sentimentos positivos de realização pessoal e profissional e de orgulho e pertencimento e 5% referem-se a sentimento de frustração.

- a) *Realização pessoal e profissional* (50%): sentimentos que se referem à gratidão e satisfação relacionados à trajetória de trabalho, às oportunidades de desenvolvimento específico da atividade ocupacional, da realização pessoal e profissional e segurança financeira:

“Me sinto Grata. Acho que é um privilégio trabalhar no INPA. É um setor agradável, um ambiente muito familiar. Eu me sinto muito grata por ter essa oportunidade de trabalhar num local que tem amigos.”

“Eu agradeço primeiro a Deus, de ter me dado a oportunidade de trabalhar aqui na instituição. E me deu uma oportunidade de vida melhor.”

“Trabalhar nesse ambiente é prazer. É tá bem. Porque eu gosto do INPA. Gosto do que eu faço. Tudo isso aqui. E não deixa de ser a extensão da minha vida. Já passei por tempos que eram diferentes mas sempre bom de trabalhar. Local super agradável.”

- b) *Orgulho e Pertencimento* (17%): Sentimentos de orgulho e satisfação relacionados ao fato de pertencer a uma instituição de pesquisa científica reconhecida socialmente:

“Sinto prazer. Por eu ta trabalhando por eu ta compartilhando com pessoas e pesquisadores de alto grau e conhecimento. Eu tenho admiração e respeito. Muitos valores nesse espaço. É gratificante. Estar num local que é bem recebido e aceito.”

“Sentimento de felicidade, de orgulho de trabalhar no INPA. Então pra mim é um orgulho, é um prazer. Porque eu entro em contato com a natureza. E uma instituição assim reconhecida mundialmente.”

Esse ambiente social e do trabalho, no entanto, produz também sentimentos negativos, embora tais sentimentos tenham sido evocados por uma pequena parcela.

- c) *Frustração Funcional* (5%): sentimentos de frustração por dificuldades vividas nas atividades de trabalho:

“Eu me sinto num paradoxo. Sinto desvalorização pelo desvio [de função]. Se eu trabalhasse com o que eu deveria seria o paraíso, além de fazer o que você gosta ainda teria um ambiente que te proporcionasse um bem estar maior. Infelizmente ele funciona como um amenizador”

Essas categorias de sentimento que emergiram dos entrevistados estão associadas com o fato das pessoas estarem se referindo exclusivamente ao ambiente social e de trabalho. Além destas, emergiu sentimentos relacionados ao ambiente físico, mais particularmente a especificidade de trabalhar num ambiente de forte presença da natureza e por isso manifestar um sentimento de agradabilidade.

Sentimentos relativos ao ambiente físico – natureza

Entre os entrevistados 28% manifestaram sentimentos de bem estar com a natureza, de satisfação e felicidade que tem origem no fato de se trabalhar e estar num lugar que permite o contato com a natureza e ao mesmo tempo pertencer a uma instituição que se preocupa em preservá-la e protege-la.

“Amor. Eu gosto muito daqui porque a natureza é amor né. A natureza o verde, a paz. O ar puro. Coisa que não é lá fora.”

“Harmonia. Por causa de um todo né. Amigos, trabalho, fazer aquilo que gosta e o ambiente. Porque isso ai faz bem para todas as pessoas. Eu penso assim. Pra mim faz bem. Somos privilegiados por ta aqui dentro. Todo mundo diz o mesmo: deve ser tão bom trabalhar. Acho que todas as instituições deveriam ter um ambiente de preservação, um ambiente verde: os hospitais, as entidades, os órgãos públicos.”

Ainda que de forma sutil a natureza apresenta-se como aspecto diferenciado. O fato de se constatar que 28% dos entrevistados sugerem a natureza como aspecto formulador de sentimentos positivos é alentador, uma vez que a natureza se destaca diante das atribuições próprias da ocupação e sugere um aspecto importante na vida funcional destas pessoas a ser considerada junto com outros aspectos.

A Psicologia Positiva reconhece como aspectos que geram a satisfação no trabalho benefícios que envolvem desde a variedade das tarefas realizadas como a sensação de estar num ambiente de trabalho seguro; a oportunidade de renda para a família e para a própria pessoa; sensação de estar desempenhando bem e atingindo os seus objetivos e o companheirismo e lealdade de colegas de trabalho (Synder & Lopez, 2009). Como apresentado, esses aspectos revelaram-se presentes para 50% dos entrevistados gerando sentimento de realização pessoal e profissional.

Quando há a possibilidade de atribuir significados a um espaço que engloba não somente atributos físicos, mas também interacionais na compreensão de alguns teóricos da Psicologia Ambiental (Proshansky, Fabian & Kaminoff, 1983; Cavalcante & Nobrega, 2011) ocorre uma apropriação desse espaço como lugar capaz de gerar sentimento de pertencimento que gera satisfação e bem-estar. Essa possibilidade se tornou concreta para 17% dos entrevistados que revelaram sentimentos de orgulho e pertencimento por fazer parte desse ambiente de trabalho.

Embora a frustração funcional tenha se manifestado como sentimento presente em 5% dos entrevistados, esses dados permitem a reflexão sobre a relação complexa que mediatiza o ambiente de trabalho. O ambiente de trabalho não envolve apenas as estruturas físicas existentes, mas sim vivências integradoras, incluindo aspectos interacionais, sociais, afetivos, cognitivos, culturais e organizacionais. Essa compreensão remete ao objetivo proposto pela Psicologia Ambiental ao adentrar nos estudos tanto de fatores organizacionais do trabalho como dos aspectos físicos dado ao caráter transacional que busca entender a interação entre esses fatores e sua repercussão na relação pessoa-ambiente (Ribeiro, 2005). Desse modo os conflitos organizacionais presentes influenciam na percepção desse ambiente dando diferentes tonalidades afetivas para as experiências vivenciadas nele.

Nesse contexto, o entorno florestado revela-se, ainda que de forma sutil, como elemento possível de amenizar os desconfortos por trabalhar em um ambiente cuja presença da natureza requer cuidados específicos, mas incapaz de dar conta de forma isolada como estímulo a afetividades mais positivas com relação ao ambiente de trabalho.

As emoções como dimensão mediadora revelam que as pessoas são antecipadamente emocionais. Bomfim (2010) refletindo sobre as contribuições da psicologia social para o entendimento da relação afetiva pessoa-ambiente, destaca que afetividade tem a ver com implicação e o que marca essa implicação é algo que está presente e que pode se tornar figura ou fundo e pode ser ativo, reativo, positivo, negativo, direta ou indiretamente.

Os resultados desse estudo, sugerem nesse sentido, que a natureza se manifesta como possibilidade valorativa, implicando em sentimentos de satisfação mediante aproximação com a natureza preservada nesse ambiente. Isso é particularmente revelador, uma vez que a pergunta feita se referia ao “ambiente” de modo geral. Tal questionamento permaneceu como geral, pois se pretendia verificar se o aspecto físico era revelador de uma dimensão percebida e vivida pelos entrevistados.

3.1.2 Fatores de avaliação do ambiente de trabalho

O ambiente de trabalho se constitui numa totalidade que envolve dimensões de espaço e lugar. Esse ambiente inclui pessoas, serviços, aparatos e lugares. A relação advinda entre sujeito e objetos formam subjetividades que contribuem para um determinado significado. Ao avaliar tais fatores do ambiente de trabalho surgem aspectos de agrado e desagrado que por sua vez impulsionam motivos para mudanças das inadequações desse ambiente, caso os

desagrados sejam evidenciados, ou então para a manutenção daquilo que é considerado adequado.

Constatou-se que os fatores de desagradabilidade ocorrem a partir de aspectos organizacionais e aspectos da arquitetura construída. Já os fatores de agradabilidade se referem aos relacionamentos sociais; manutenção da área verde e ao conjunto de todos os aspectos desse ambiente.

- a) *Desagradabilidade proporcionada pelos aspectos organizacionais e normas trabalhistas:* Se refere aos aspectos relacionais e funcionais do ambiente do trabalho, tais como relacionamentos interpessoais, cumprimento de tarefas e atribuições de cargos, rotinas de trabalho, equipamentos e ambiente físico. De forma geral, esses aspectos são manifestados quando há desagrado no ambiente de trabalho, gerando interesse em modificações.

"Olha. Se tivesse ao meu alcance, coisa que não está, tampouco estará. Depende de uma gestão maior. Eu acho que fisicamente nada mas sim as pessoas. Há necessidade de convencer as pessoas da importância que elas têm no setor que trabalham ou seja incorporar isso mesmo nas responsabilidades mas acima de tudo isso no compromisso, compromisso de estar no horário. Ter noção de ter compromisso e responsabilidade".

"Oh o que eu te falei seria um espaço maior de forma que a gente pudesse inclusive manter a equipe talvez atualizar os equipamentos né... principalmente equipamento de informática que nós temos computadores aqui bastante atrasados e lentos mas o ambiente é bom, é tranquilo. Poucas coisas só."

- b) *Agradabilidade proporcionada pelo contato com a natureza presente no campus:* Diz respeito aos aspectos da construção dos prédios que tenham janelas que permitam um contato visual da floresta (plantas e animais). O espaço que não permite esse contato torna-se fator de desagrado bem como a redução de áreas verdes no campus, descaracterizando a instituição e os benefícios percebidos por essa proximidade com a natureza.

"Eu acho que algumas áreas precisariam mesmo de mais espaços, perdeu essas características de ter janelas né, não há janelas, não tem muitas janelas, fizeram essa janela muito em cima como era no passado né, que foi muito enclausurado, eu acho que o gestor anterior nunca pensou em fazer isso né? Em alguns setores,

algumas áreas, é por exemplo: na área de incubadores lá é tudo de vidro, o ideal seria que todos os espaços fossem de vidro, lá é tudo de vidro, ali na frente, aqui no centro é muito legal, porque você tá vendo os macacos, as árvores, e é importante né esse contato com a natureza faz bem"

"Ah eu abriria mais janelas como essas aí (aponta para a janela de vidro da sala) que tem aqui porque só os prédios mais recentes, esse aqui que tem e os mais recentes mas o mais antigo não tem uma parede que dê para ver, mais transparente que possa ver o externo."

"Eu não permitiria que construíssem mais prédios. Porque quando a gente vai construir mais prédio, você tira essa floresta, Você tira...Não que eu seja um fanático ecólogo mas isso aqui é muito gostoso. Então toda vez que você cria novos prédios você tira, você acaba com uma parte desse ambiente"

"Acho que essa atmosfera que existe aqui no campus. Deixaria o próprio verde, a estrutura física não mexeria no sentido de se criar mais espaço derrubando áreas verdes. Acho que nesse aspecto."

A dimensão afetiva revela-se como atrelada as memórias e experiências atribuídas a um lugar. Essas memórias e experiências permitem ao sujeito atribuir valoração positiva ou negativa ao ambiente de acordo com as vivências possibilitadas que por sua vez geram uma carga emocional ligadas ao lugar. O conceito de topofilia (Tuan,1980) que evidencia essa troca afetiva reitera esses dados e leva a constatação de que o elo afetivo com um ambiente vai além das características físicas, mas não as exclui, pelo contrário, esse ambiente é vivido a partir do corpo do sujeito em um mundo concreto e não abstrato (Merleau-Ponty, 1999). Esse mundo, entretanto abarca complexos fatores que relacionam-se ao tempo, espaço, cultura e historicidade.

As avaliações feitas por esse ambiente de trabalho nos surpreende, uma vez que a natureza é vista aqui como um objeto que desencadeia boas lembranças e se torna ícone de agradabilidade no mundo do trabalho. O reconhecimento dos atributos de conforto possibilitado pela floresta é o fator de distinção na organização do trabalho. Já a desagradabilidade é atribuída às relações funcionais, que parecem inibir ou não presenciar o externo das funcionalidades desenvolvidas.

Considerando que ao avaliar um objeto, acontecimento ou lugar as pessoas o fazem não apenas a partir de suas próprias vivências, mas também a partir das opiniões

compartilhadas pela coletividade, um ambiente de trabalho segue os mesmos critérios. Fischer (n.d) e Bourdieu (1997) nos falam dos sentidos que a sociedade dá aos lugares, que a partir desses aspectos socioculturais, um lugar pode adquirir um status valorizante ou desvalorizante. Para os entrevistados, a avaliação do seu lugar de trabalho ouvida por pessoas externas à intuição contempla de forma unânime aspectos positivos, os quais são caracterizados a partir de dois fatores distintos: a) ao lugar de preservação da natureza; b) ao lugar de status e estabilidade trabalhista.

- a) *Lugar de natureza preservada*: comentários positivos a respeito do seu lugar de trabalho em função dos atributos naturais desse ambiente como a flora e a fauna e a possibilidade de proximidade e contemplação da natureza.

“Ah eles ligam logo a questão ambiental né: - Ah deve ser legal porque lá não sei o quê, né, o ambiente é bom, tem muito bicho - então eles têm essa impressão de que é agradável aqui”

“- Olha só você trabalhar olhando as árvores- ', tudo muito belo, enfim... é isso que eles falam, que é um lugar muito bom para se trabalhar.”

“Puxa, você trabalha na sala de espera do céu né?”, eu imagino o céu como uma coisa boa né. Ah, eles gostam, eles falam - pô, você é um felizardo... é uma maravilha - aí perguntam como faz para ingressar aqui né, eu digo que é através de concurso.”

“As que não trabalham diz que gostam né da natureza, eles acham - ah, aquele lá o INPA é muito bom, é um local muito bom pra gente trabalhar- e realmente é, é muito bom.”

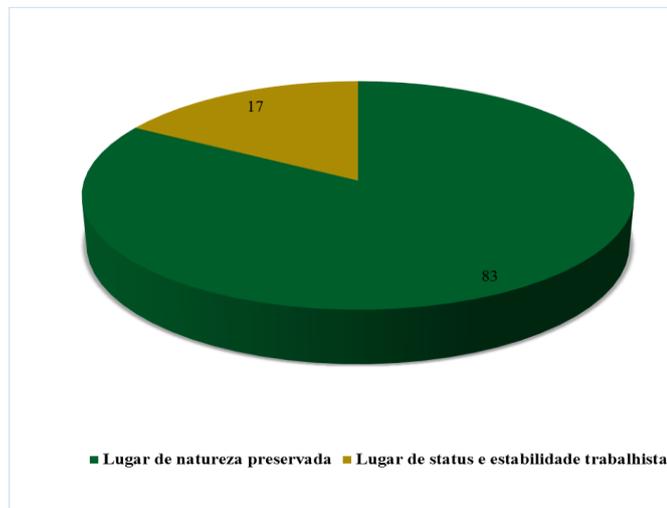
- b) *Lugar de status e estabilidade trabalhista* - comentários positivos a respeito do lugar de trabalho relacionado tanto ao status possibilitado por trabalhar em um Instituto Nacional de Pesquisas quanto de ser servidor público dada as implicações de segurança financeira e estabilidade.

“Tem a questão do status, do aspecto do conforto, do aspecto da questão salarial e mesmo do status. Quando você fala que trabalha no INPA parece que tem seu Status de que você tem um privilégio, eles entendem que você trabalha num órgão de reconhecimento nacional e isso te dá um certo status diferente de trabalhar no distrito industrial.”

“Então às vezes as pessoas que não sabem que eu trabalho aqui quando sabem ficam admirada "pô, trabalha pra União", sabe, é aquela coisa assim que dá status, aparentemente pra quem tem vontade de entrar.”

Na Figura 11 observa-se que de acordo com 83% dos entrevistados, esses comentários positivos são majoritariamente atribuídos a fatores ambientais relacionados ao fragmento florestal urbano. Já para os demais 17% dos entrevistados, os comentários positivos se referem majoritariamente ao status possibilitado pela ocupação de um cargo público em uma instituição que possibilita segurança financeira.

Figura 11: Distribuição dos aspectos positivos do lugar de trabalho para terceiros



Os dados demonstram como a natureza está presente tanto nas avaliações individuais a partir da vivência o que nos leva ao entendimento da experiência a partir do corpo nesse mundo vivido (Merleau-Ponty, 1999) e também pela forma de valoração atribuída pela coletividade. Desse modo a natureza como aspecto de trabalho passa a ter significados valorizados e valorizantes àquele que está, de uma forma ou outra, associado a ela, uma vez que o mundo vivido é compartilhado socialmente mediante a intersubjetividade (Amatuzzi, 2009). Isto revela as implicações do olhar do outro a respeito da constituição do próprio olhar, sentir e vivenciar esse ambiente.

Para Bourdieu (1997) o conceito de *habitus* é adequado para explicar como se dão as percepções e ações a partir de um corpo que é constituído por sujeitos sociais e seus processos de socialização que revelam nas subjetividades a própria existência do que é compartilhado socialmente. Nesse sentido pode se compreender que todo espaço revela sempre uma história que por sua vez é individual e social e isso pressupõe que os lugares são dotados de

significados ligados as representações sociais que deles se fazem (Fischer/n.d). As constatações do estudo apontam para uma valoração positiva no que se refere a presença de elementos naturais no lugar de trabalho tanto a nível individual como coletivo o que evidencia intersubjetividade atrelada a percepção do lugar de trabalho. E é constituída de elementos que se verificam a partir da própria vivencia na relação pessoa-ambiente.

3.1.3 Sensações ao adentrar no campus inserido num fragmento florestal

Em sua condição mais própria o ser humano enquanto ser no mundo se relaciona com este não de forma dicotômica, mas de forma recíproca e de inegável bidirecionalidade. Nessa relação mútua a atribuição de significados decorre das sensações que este ambiente suscita a partir da experiência corporal (Merleau-Ponty, 1999). O ser humano percebe o mundo com seu corpo como um todo. Não o percebe porque o mundo esteja fora como exterioridade, mas porque o mundo é o que o constitui como sujeito e vice-versa.

Nessa construção das percepções o ser humano se vale das vivências cotidianas que se alinham em zonas espaciais com fronteiras tênues. Os lugares se constituem em espaços contíguos, com características que os distingue uns dos outros, e por consequência, os seus ocupantes incorporam em seu uso social tais características, sejam no modo do pensar ou agir. Os territórios possuem fronteiras físicas e territorialidades socioculturais que se manifestam nas práticas humanas. Dessa forma, o dentro do campus estabelece um pensar e um fazer, da mesma forma que o fora estabelece suas diferenças, tendo em vista os atributos com os quais esse ambiente é formado.

Estar numa cidade grande, com todos os problemas próprios da urbanização exponencial e de certa forma não planejada e caótica, é por si só um ambiente já apontado por vários estudos, como estressante. O encontro com uma ilha de estímulos diferenciados como o campus imerso num fragmento florestal traz a novidade, algo que pode ser sentido na pele pelos que ali trabalham. É nesse viés que ao adentrar campus algo ocorre para essas pessoas.

Ao adentrar no campus inserido num fragmento florestal, quando comparado a outros lugares na cidade pelos quais transitam os entrevistados evidenciaram três tipos de sensações: a) físicas e estéticas; b) conectivas e c) indiferenciadas:

- a) *Físicas e estéticas*: O sujeito percebe que a diferença principal de trabalhar em um lugar caracterizado como fragmento florestal urbano (ilha de natureza) traz sensações físicas e de paisagem agradável que permite a contemplação.

“O clima diferente que é mais fresco, mais agradável. Fica mais ameno o clima, a gente se sente melhor. É a questão das árvores, às vezes tá florido sabe bonito ai a gente para pra olhar, as chuvas de semente, fica bonito.”

“Eu ainda sinto beleza eu ainda sinto enorme prazer de vir pra cá de verdade. Eu acho que aqui é muito agradável sabe. A gente já percebe que existe um clima diferente na temperatura pelo próprio ambiente (...) e ai fora as pessoas tão muito mais voltada para essa coisa do transito enlouquecido, do calor que é infernal. Essas coisas.”

“Aqui é um ambiente super tranquilo. Aconchegante...Você entra aqui e você já sente uma tranquilidade que dá em você, o clima é diferente. É uma paz muito grande. Eu sinto isso. Eu atribuo isso assim as arvores, ao ambiente né. Tudo isso aqui que está ao nosso redor. Por exemplo você vai em outro lugar e você só vê cimento, você não vê arvore, você não ver nada como aqui você ver. Aqui você sabe que está vendo as pacas, a cutia né, quando você ver um macaco, então eu acho que eu atribuo assim a natureza que traz tudo isso pra gente.”

- b) *Conectivas*: O sujeito percebe que a diferença principal de trabalhar em um fragmento florestal urbano decorre da possibilidade de interação e conectividade com essa natureza que estimula o contato, práticas e ações de bem-estar possibilitando trocas com o ambiente.

“Ao adentrar dentro da instituição eu me sinto bem porque é um lugar arejado, flui uma energia boa. Sinto isso. Sensação muito boa. Espiritual. Eu tô num ambiente de trabalho onde eu posso me locomover tendo essa ligação com a natureza. É muito forte isso. Eu me sinto bem. A energia é outra. Primeiro pela localização do espaço físico. Arvores e tudo.”

“Essa natureza. Essa interação com a natureza. Eu prefiro deixar meu carro lá. E vir andando.”

“Aqui é um paraíso pra mim. Parece que eu tô entrando num outro mundo diferente. O INPA pra mim sempre teve um quê diferente, uma magia. Não sei se por causa dessas alamedas em baixo das árvores, tanto que eu caminhava por aqui nos intervalos. Pra mim esse ambiente sempre foi muito magico, muito acolhedor até por causa dos laboratórios. Eles são infiltrados debaixo das árvores.”

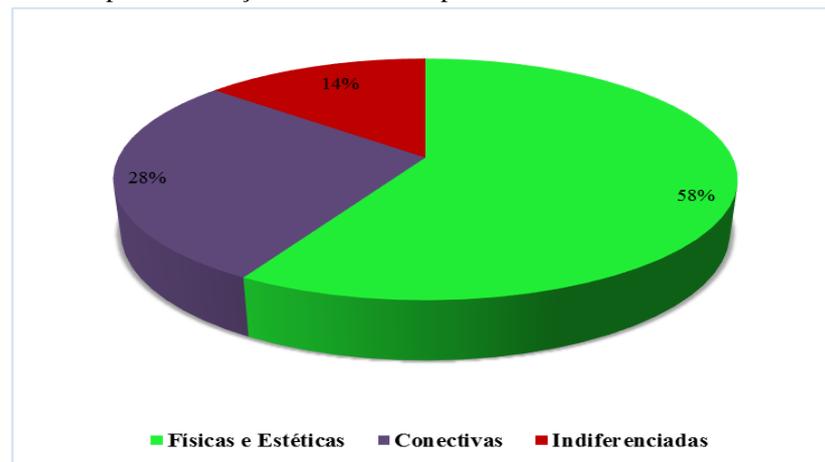
- c) *Indiferenciadas*: A natureza aparece como característica óbvia do ambiente, algo que está aí, faz parte desse ambiente sem proporcionar grandes impactos, sensações ou emoções:

“Cada local tem suas características né. É um ambiente característico do INPA. Característica do INPA é a natureza, preservação da natureza (...). Acho gostoso e tal, mas não faz muita diferença.”

“A floresta... é uma reserva diferente de outros lugares. Talvez eu não perceba porque já trabalho aqui há muito tempo.”

Contatou-se que esses três tipos de sensações manifestadas pelos participantes ao adentrar no campus de trabalho em função de sua inserção num fragmento florestal urbano, são distribuídos de formas distintas entre os participantes da pesquisa (Figura 12).

Figura 12: Tipos de sensações manifestadas pelos entrevistados ao adentrar no campus



Observa-se que para a maioria dos servidores (58%) as sensações dizem respeito aos aspectos físicos e estéticos. Já a possibilidade de contato com a natureza e o fato de poder interagir com esses elementos naturais (plantas, animais e ar) foram elencadas por (28%) dos entrevistados. Embora a presença intensa da natureza seja “vista” nesse campus, para uma pequena parcela (14%) dos entrevistados, ela tornou-se tão habitual que passa a ser uma característica indistinta, indiferenciada.

Algumas reflexões têm sido realizadas a luz das teorias antropológicas e fenomenológicas de Tim Ingold e Merleau-Ponty a fim de trazer uma compreensão desse mundo de estímulos e vivências que caracterizam a relação pessoa-ambiente. Essas reflexões apostam em uma concepção do corpo como sujeito da percepção e da paisagem como corpo

do mundo. Ou seja, como condição do ser no mundo no qual se entrelaçam cultura, natureza e o próprio sujeito (Carvalho & Steil, 2008). Essas reflexões apontam para a implicação entre o conceito de paisagem e de corporeidade proporcionando uma acepção de paisagem como expressão da corporeidade da natureza. Ao passo que a relação da pessoa com o mundo é constitutiva do seu ambiente de vida sendo, ao mesmo tempo, construtoras e construídas pelo entorno.

A naturalização desse entorno florestado, cheio de árvores, plantas e animais silvestres tão presentes, a ponto de dele desaparecer-se, remete a um descolamento e externalização da pessoa em relação à paisagem. Ainda que esse entorno passe a ser naturalizado e pareça não fazer diferença, nem tampouco promover sensações distintas, este ambiente constitui o próprio habitat desses servidores, ainda que marcados pela aparente indiferença. Visto que essa naturalização pode ser fruto da constância cotidiana ao longo dos anos.

O trabalho, dado o próprio caráter existencial que ocupa nas vidas das pessoas, proporciona significados que se estendem para além dos limites físicos e laborais, visto que o ambiente é sempre um espaço construído socialmente (Fischer, n. d). Sendo assim, o ambiente de trabalho é produtor do próprio sentido que abarca não somente o espaço em si mesmo como o próprio projeto de vida de forma concreta e simbólica. Concreta porque permite ações e respostas específicas e práticas como o sustento, as aquisições, a possibilidade de crescimento financeiro e investimentos diversos mas também simbólica dado os significados que permeiam as relações e as atividades desenvolvidas nesses espaços e para além deles.

Ressalta-se aqui que o fato de um ambiente de trabalho ter em sua configuração aspectos de forte presença da natureza (árvores, plantas, animais silvestres), que transcendem e se confundem com o próprio trabalho, mesmo que tais significados não sejam compartilhados pela maioria, se mostram reveladores da importância do espaço verde na estruturação espacial do trabalho.

3.2 A VIVÊNCIA DO TRABALHO NA PROXIMIDADE COM A NATUREZA

De modo geral, a natureza tem sido reconhecida como fator de influência positiva no enfrentamento do estresse vivido pelos habitantes de grandes cidades (Ulrich, 1987; Kaplan & Kaplan, 1989). Poucos estudos têm mostrado os fatores de influência da natureza quando esta é o lugar onde habitantes estão vivendo seu dia-a-dia (Higuchi *et al.*, 2013). Na Amazônia onde a natureza é exuberante e inexoravelmente presente, muitas vezes se torna um aspecto de desconforto e até mesmo de ameaça (Higuchi & Silva, 2013). A natureza pela sua própria característica não possui controle dos humanos e por isso é estranha e temida. Nesse sentido, para esses entrevistados, que moram na Amazônia e têm a floresta no seu quintal, quais seriam as implicações de suas vivências diárias ao trabalhar num campus que se caracteriza como um fragmento florestal urbano?

Como já apresentado nas seções iniciais desta dissertação, o campus se destaca na cidade de Manaus como um fragmento florestal urbano, onde a floresta nativa foi preservada na construção de prédios, cujas portas e janelas se confundem com a própria vegetação formada de árvores centenárias com altura em torno de 30 metros e arbustos que impedem uma incursão entre elas. Esses espaços foram preservados para abrigar inúmeras espécies de animais silvestres que eventualmente correm soltos entre as trilhas e os prédios onde as pessoas trabalham. É um espaço que esses trabalhadores dividem com as plantas e os animais. Essa vivência traria algum tipo de receio? Que tipo de implicações essa proximidade traz aos trabalhadores?

Constatou-se que para os entrevistados trabalhar num lugar onde a natureza se confunde com as construções traz riscos com os quais deve-se aprender a conviver ou mesmo ignorá-los. Da mesma forma, essa convivência os faz diferenciar e comparar com outros ambientes de trabalho onde essa natureza estaria ausente. Nessa ausência sobressaem os valores atribuídos à natureza.

3.2.1 O trabalho e a convivência com a natureza: respeito ou temor?

Respeitar os ciclos da natureza e a dinâmica do ecossistema não é uma tarefa simples para essas pessoas, mesmo sabendo que no campus há um certo controle, uma vez que não se está na mata virgem, na “verdadeira floresta amazônica”. Saber entender como tudo isso funciona é praticamente impossível, mas ao estar numa instituição cuja missão é o estudo

dessas dinâmicas ambientais, traz um alento e uma certa segurança aos que trabalham nesse espaço. Os especialistas estão circulando nos corredores ou estão na sala ao lado. Diante dessa realidade, os servidores encaram de formas diferenciadas essa convivência, há os que não se preocupam sobremaneira com possíveis riscos e os que demonstram certa preocupação, porém encaram como algo natural, passível de ser controlado.

- a) *Risco controlado*: para a grande maioria desses entrevistados existe uma espécie de conduta que deve-se tomar para evitar riscos que podem ocorrer, seja com as intempéries ambientais ou com os bichos da floresta. Na chuva, no vento ou na seca o receio é a queda de árvores ou de galhos sobre os prédios, veículos ou pessoas. Deve-se estar atento ainda aos bichos que vivem na floresta, uma vez que estes animais podem causar danos ao patrimônio e às pessoas: é uma vivência de risco controlado por estar diante e dentro da natureza.

“Dos bichinhos né, das cobras, escorpião. Porque aqui é um espaço ecológico. Eu tenho que tá preparada pra ele não ele pra mim. Eu não tenho assim grandes preocupações.”

“A floresta já tava aqui eu que sou o invasor. Ela que tem que ter medo de mim...nós temos arvores de grande porte, tem uma erva de passarinho que ela vai prejudicar a mangueira e com o tempo se ela cair vai prejudicar uma instituição. Então a gente tem o trabalho de olhar se determinada área ta em situação de risco.”

“Claro é um ambiente, as cobras...como a gente já presenciou perto algumas vezes sim. Mas eu não fico pensando sobre isso não. É um ambiente pra um biólogo ta na área de mata é um ambiente que o animal convive.”

“Eu trabalhava na CPAAF eu ia caminhando então o que eu teria medo era de cobra mas eu perdi.”

“Em tempos muitos chuvosos as árvores acabam caindo em cima dos carros. Uma vez aconteceu no meu, outra vez no do colega e pode causar um dano material. Como temos árvores centenárias pode acontecer de cair em algum prédio. Esse receio tenho. Mas a gente percebe que tem uma preocupação dos responsáveis de olhar os problemas, as árvores. Tá tirando, podendo.”

Trabalhar num lugar tão próximo à natureza que é proporcionado por esse campus instalado num fragmento florestal urbano, exige uma conduta que reconheça certas ameaças, sejam elas relativas ao tempo, à vegetação ou aos animais. É esse conhecimento que, a despeito de todas as ameaças, se caracteriza num risco controlado. A postura diante desse ambiente natural é o respeito que supera o temor. Atribui-se esse reconhecimento do risco controlado tanto ao fato de os servidores possuírem uma formação na área, isto é um conhecimento formal que permite lidar melhor com os riscos possíveis bem como ao tempo de experiência e as estratégias desenvolvidas para lidar com possíveis ameaças, além da confiança de que a instituição toma providências e possui recursos para lidar com os riscos próprios desse ambiente natural.

b) Ausência de preocupação com possíveis riscos: O ambiente florestado não causa nenhuma preocupação ou receio. A vivência nesse ambiente natural é algo posto e que se torna parte de algo conhecido e seguro para os demais participantes da pesquisa.

“Não. Medo nenhum. Nada.”

“Nenhum. Medo de nada. Ao contrário é só alegria.”

“Não. Não tenho receio não”

A Figura 13 nos mostra que para 75% dos entrevistados há uma percepção de que há um risco controlado por trabalhar num lugar com tamanha proximidade com a natureza e para 25% deles, trabalhar nesse ambiente não gera nenhuma preocupação.

Figura 13: Distribuição da percepção de riscos quanto ao lugar de trabalho



Dentre os entrevistados que percebem as ameaças amenas que o ambiente florestado pode oferecer a maioria diz que não chega a ser um transtorno, uma vez que existem medidas que podem ser tomadas para evitar maiores danos e há estratégias para lidar com essas possíveis ameaças. Vale ressaltar que a maioria destes entrevistados (69%) desenvolve seu trabalho no campus há mais de 20 anos. Essa familiaridade no entanto, não os faz ser menos cuidadosos do que em outros ambientes da cidade. Por exemplo, 81% afirmam que são cautelosos e tomam certos cuidados para evitar riscos. Já 19% deles afirmam não ter nenhum tipo de cuidado específico em função das características desse fragmento florestal.

Dos que admitem ter algum tipo de cuidado (81%) dizem atentar para os seus bens, como onde estacionar o carro para não ter prejuízos causados por queda de frutas ou galhos de árvores ou para sua segurança pessoal, tomando o cuidado de olhar atentamente por onde andam e se proteger adequadamente contra mosquitos, cobras e outras espécies que possam oferecer risco ou desconforto conforme pode se verificar nas falas a seguir:

“Sim, quando eu olho tem galhos que já estão perto de cair que podem cair eu estaciono eu dou uma olhada. Mas só isso. Um cuidado que tomo pro estacionar.”

“Evitar, não sair quando ta chovendo muito, olhar pra cima.”

“O cuidado que eu tenho é deixar as portas fechadas para se aparecer algum animal não entrar. Só isso.”

“Eu fico de olho na ventania, na chuva, eu tento estacionar meu carro onde não tem arvores altas grossas com troncos grossos. Não estaciono perto assim de Poste de energia, mesmo assim olho se ele ta bom mesmo. Eu tento que proteger o máximo o meu carro pra eu ficar mais descansada e vir trabalhar.”

“Apesar de eu ser do mato ne aqui tem inseto... Então eu ando sempre com repelente porque se o inseto me morder. Mas não tenho medo não”.

Para os que afirmam não tomar nenhum tipo de cuidado especial (19%) não o fazem por se sentirem muito à vontade neste lugar, mesmo reconhecendo a necessidade de que o cuidado seria importante para sua segurança.

“Não. Sabe que nunca me preocupei... Sou muito displicente. Tô nem aí”

“Cuidado como assim? Com carro, galhos? Não não tô nem preocupada. Deveria mas não estou ó”

Esses dados revelam uma convivência harmoniosa de trabalho num lugar construído em meio à natureza. Tal qual a cidade, esse ambiente requer cuidados específicos, mas que possui estratégias e recursos para lidar com os riscos. O tempo de trabalho, a experiência e o conhecimento desse ambiente faz com que essas pessoas se sintam seguras, num ambiente que os abriga e não lhes oferece temor incondicional.

O temor é definido por Heidegger (2006) em o “Ser e o tempo” como uma das tonalidades afetivas fundamentais da existência sendo aquilo que traz desconforto, transtorno e desestrutura a convivência cotidiana. No temor há sempre uma possibilidade de algo que se anuncia e que diz respeito a algo ameaçador. Nesse sentido embora haja um entendimento de que esse ambiente possa oferecer riscos, estes podem ser controlados e os servidores utilizam o conhecimento e a experiência que têm para isso ao passo que esses riscos não se revelam como desencadeador de sentimentos relacionados ao temor de forma ostensiva.

A experiência ambiental envolve a percepção, avaliação e o comportamento de formas imbricadas. Assim os atributos objetivos do ambiente são percebidos acoplados aos elementos pessoais e culturais e se relacionam de forma objetiva e subjetiva a partir da valoração do ambiente (Amerigo & Aragonés, 1997). Os dados permitem compreender que esse lugar de trabalho dimensionado em um fragmento florestal urbano é muito menos percebido como um ambiente que oferece riscos e ameaças e muito mais como um ambiente que pode trazer implicações para o bem estar como pode ser verificado a seguir.

3.2.2 A possibilidade de ausência dessa convivência com natureza

Se a natureza presente impõe condutas de respeito e cuidados, a possibilidade de não tê-la próxima traria, na percepção da maioria desses entrevistados, implicações negativas no desenvolvimento do trabalho e na satisfação de estar ainda ativo nas suas atividades laborais. É interessante notar, que quando se coloca a possibilidade da perda desse ambiente natural, os entrevistados tendem a valorizá-lo, evidenciando o quão agradável é esse contato com a natureza. Apenas uma pequena parcela dos entrevistados revela que essa possibilidade de

trabalhar em um outro lugar com a ausência de um entorno florestado não traria implicações significativas pessoal ou profissionalmente.

O trabalho com a possibilidade da ausência de convivência com essa natureza, provoca, na percepção desses entrevistados, duas diferentes implicações: a) Perda do bem-estar ou b) indiferença.

- a) Perda do Bem-estar:** Para alguns entrevistados trabalhar em um ambiente próximo à natureza, que permite liberdade de se locomover e de ter uma agradável paisagem é o fator de distinção e bem estar. A ausência de tudo isso seria muito negativo, um fator estressante e que não geraria a mesma sensação de bem-estar.

“Ah com certeza. Esse tipo de ambiente assim ele te propicia a um ambiente assim de descanso né, um ambiente estético...que eu acho que ajuda né. Nesse desestressamento diário, da quantidade de trabalho. Você trabalha e trabalha ai na hora de sair você sair numa avenida... Aqui é um ambiente que você consegue quando precisa da uma levantada sair fora né e aqui é bem gostoso isso.”

“Com certeza. Eu acho que eu já não me sentiria tão bem dentro de uma sala, de um escritório num prédio trabalhando eu ia sentir falta dessa liberdade que se tem aqui dentro desse espaço, a esse espaço físico, onde tem trilhas, onde tem sabe muitas árvores, onde se tem natureza aqui exposta.”

“Teria sim. Eu acho que afetaria pra não deixar de ter aquela identidade da instituição porque queira ou não queria você fica mais perto da natureza, a natureza queira ou não queira dá um outro sentido pra você, traz um renovo. Eu me sinto renovada. Quando eu entro aqui eu vou entrando pelos portões aqui eu me sinto em outro ambiente em local não parece que eu tô dentro de Manaus.”

“Acho que eu não ia ser tão feliz quanto aqui. Eu ia continuar pela questão da necessidade do salário mas não Seria a satisfação que você tem de vim pra cá. Seria uma questão de obrigação né.”

O ambiente físico com a presença da natureza para esses servidores é tão significativo para a satisfação laboral que a ausência teria implicações diretas no desenvolvimento do trabalho e na sua longa permanência no trabalho ativo. Nesse caso, dizem que apressariam a aposentadoria, pois muitos deles poderiam estar aposentados legalmente. Só não o fazem em função de todas as características que nesse ambiente encontram. Para esses entrevistados um

dos fatores que faz com que permaneçam e se sintam bem no lugar de trabalho, é o quão o ambiente físico é agradável para eles devido ao contato com a paisagem natural.

“Eu acho, que estaria bem perto da minha aposentadoria e me apressaria. Não ia saber desse paraíso que nós temos aqui... Eu sou um pouco estressada né, não sei como seria. Eu me pergunto: como será que seria se eu tivesse num lugar é de carro, poluição, barulho. Não sei, não sei te explicar como seria... pior não seria agradável não”

“Já teria me aposentado. Não seria a mesma coisa porque o visual também te beneficia muito ou o contrário. Você trabalhar vendo essa paisagem é diferente...Então é estressante porque você vai ver coisa que você não quer. Vai ficar mais lelé da cuca vamos dizer assim e aqui não você fica aqui em paz, oh a natureza daqui né e se você for pro centro da cidade é um te incomodando, então você vai se estressar então você não vai conseguir trabalhar e vai se desgastar mais.”

“Olha eu acho que sim até porque eu não gosto de muita agitação e eu acho que isso influencia no seu trabalho, no prazer de você trabalhar e até de continuar...eu gosto muito de tá no INPA, de vim pro INPA trabalhar de tá com essa atividade eu gosto muito então se o INPA fosse um prédio dentro de outros prédios eu acho que não só eu acho que a comunidade toda teria um comportamento diferente eu acho que isso influencia no nosso comportamento com certeza vamos dizer se o INPA fosse lá no centro da cidade que ele já veio de lá pra cá lá na Joaquim Nabuco quando foi criado, deus o livre acho que todo mundo já teria um pouco mais de estresse , deveria ser mais agitado ,mais perturbado...uma coisa assim e acho que aqui não remete isso.”

- b) Indiferença:** Para outros entrevistados, trabalhar em um outro lugar com a ausência do entorno florestado não traria implicações significativas seja pessoal ou profissionalmente, seria indiferente. Esses entrevistados revelam a capacidade de se adaptar e desempenhar uma boa atividade de trabalho independente do ambiente físico possibilitar contato ou não com a natureza. As inseguranças e implicações se dariam em relação a aspectos organizacionais e não necessariamente a aspectos físicos ambientais.

“Não porque como tô dizendo, como falei pra você se eu mudar daqui pro outro ambiente de trabalho eu vou procurar fazer o meu melhor”

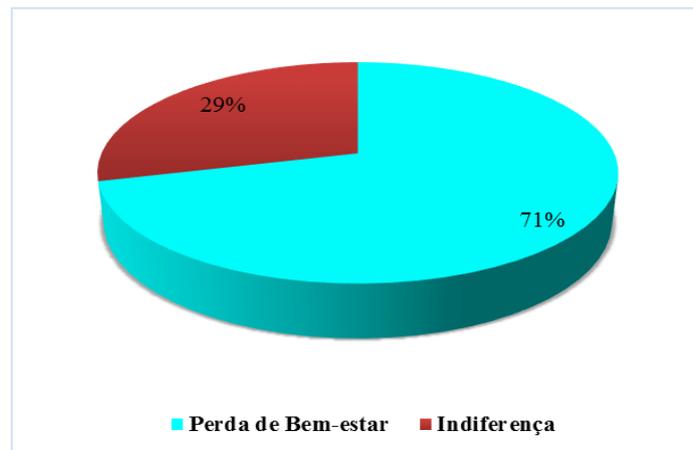
“Se a gente for deslocado eu sempre digo tem que se adequar (...) A gente tem que pensar na vida ne eu vou continuar minha vida do mesmo jeito.”

“Tudo que é novo nos causa uma certa... Um certo medo mesmo você mantendo algumas variáveis, mantendo mesmo salário, gratificações...tipo no financeiro não vou mexer mas vou te colocar aqui com a mesma função. O que você acha...mas e o ambiente é o mesmo, e as pessoas que eu vou lidar como são? não sei como responder.”

“Olha ... De...viver. A gente tem que primeiro viver a situação. Quando eu entrei aqui eu não posso te dizer porque a sede dele era lá no centro eu não posso te dizer como é que eu sentiria. Você tem que primeiro vivenciar a situação para te dar uma definição. Não sei lhe dizer porque é como... a gente tem que primeiro sentir...”

A Figura 14 possibilita ver a distribuição com relação as implicações de trabalhar em um lugar diferente desse inserido em um fragmento florestal urbano para os entrevistados.

Figura 14: Implicações de trabalhar em um lugar sem o entorno florestado



Observa-se que a maioria (71%) dos entrevistados tende a valorizar a natureza presente no lugar de trabalho. Cogitar trabalhar sem esse cenário traria implicações para o próprio bem-estar e desenvolvimento das atividades laborais. Esses dados permitem constatar o que entendemos por apego ao lugar, que implica em constatar que as dimensões funcionais (espaço físico interferindo nos comportamentos), simbólicas (conteúdo simbólico, sociocultural e individual) e relacionais (interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente) estão presentes (Elali & Medeiros, 2011). Esses aspectos refletem a percepção desses servidores a respeito de seu lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano. Considerando o tempo de trabalho, as experiências, memórias,

historias e sentimentos imbricados nele não é possível dissociar esse espaço físico da identidade social que se tem formado por esses servidores na sua dinâmica existencial.

A percepção dos servidores a respeito desse lugar de trabalho engloba múltiplos elementos e a natureza aparece ora como figura ou fundo na qual as vivencias positivas são associadas aos significados atribuídos a esse lugar contando como elemento de vinculo e apego. Ainda frisando o tempo de trabalho que esses servidores possuem no campus e os diversos elementos presentes nessa relação vale ressaltar o papel da natureza como elemento de agradabilidade e a relação com essa natureza mesmo quando impõe riscos mediada pelo respeito.

A familiaridade com um lugar apresenta-se como um indicador avaliativo importante para valoração positiva ou negativa. Para Tuan (1989) a familiaridade engendra afeição ou desprezo. Os dados nos revelam que para esses servidores a familiaridade com o lugar de trabalho no qual há a convivência e presença exuberante da natureza se revela possibilita uma afetividade positiva capaz de trazer sentimentos de bem-estar e satisfação.

Esses dados dialogam com achados de outras pesquisas (Bringslimark *et al.*, 2011) que revelam que a presença ou ausência da natureza é percebida pelos trabalhadores que não possuíam uma aproximação com a natureza, mesmo que visual pela vista de janelas para o ar livre e buscavam compensações trazendo fotos e figuras com imagens da natureza para seu ambiente de trabalho.

Para os servidores entrevistados nesse estudo não foi possível verificar que recursos e estratégias utilizariam para compensar a ausência da natureza em seus ambientes de trabalho mas é fato que as implicações não seriam positivas. Para 29% dos servidores a solução seria se adequar a um novo lugar de trabalho independente da presença ou não da natureza. Ainda assim, manteve-se uma maioria que acredita que a presença da natureza no ambiente de trabalho pode gerar efeitos positivos e até mesmo restauradores aliviando a fadiga ou amenizando o estresse diante das demandas da rotina trabalhista. De forma oposta, sua ausência traria impactos negativos ou ainda que não, desagradáveis.

Esses resultados são encorajadores para se pensar nas questões relativas a sustentabilidade em tempos de emergências ambientais. Estudos anteriores (Hartig, Kaiser & Bowler, 2001; Corral-verdugo, 2012) têm mostrado que, de acordo com a vinculação com o ambiente natural, há uma maior tendência a comportamentos ecologicamente responsáveis e de cuidado ambiental. Se uma afetividade positiva é capaz de gerar ações igualmente

positivas e sustentáveis e a natureza apresenta-se como fator de agradabilidade que favorece esses sentimentos no lugar de trabalho, o presente estudo intui reflexões que possibilitem a (re) construções de ambientes de trabalho nos quais a natureza se faça presente visto que espaço físico e social constituem-se mutuamente na atribuição de significados (Fischer, n.d; Bourdieu, 1997). Dessa forma é possível se pensar em ambientes de trabalho saudáveis, satisfatórios e comprometidos sustentavelmente.

3.3 FORMAS DE INTERAÇÃO E AFINIDADE COM A NATUREZA

A forma de vivenciar os espaços pode ser compreendida a partir do entendimento a respeito de duas formas de se relacionar com a natureza (Fischer, n.d). Uma diz respeito ao quadro funcional no qual o espaço é composto por atributos funcionais que exercem certas influencias, e outra que diz respeito a experiência vivida nesse espaço e que se refere a capacidade de agir sobre um lugar ao mesmo tempo que ocorre a adaptação a ele. No caso deste estudo, que formas de interação e afinidade com a natureza esses servidores teriam? As implicações positivas nesse ambiente de trabalho atribuídas a presença da natureza se estendem, possibilitando outras vivencias?

Constatou-se que a natureza oferece possibilidades de contemplação durante a rotina de trabalho, todavia nas atividades de lazer, a proximidade com a natureza não é necessariamente privilegiada.

3.3.1 A natureza como paisagem a ser contemplada

A paisagem possui uma dimensão estética que envolve aspectos afetivos (Saraiva & Lavrador-Silva, 2005). A natureza pode ainda se apresentar como recurso estético que traz benefícios capazes de gerar emoções positivas e proporcionar interações agradáveis. Para Barcherlard (2000) a imagem poética de um espaço tem relação com o próprio entendimento do que vem a ser um homem feliz. Todavia, a constância dessa natureza vivenciada no ambiente de trabalho pode se configurar de múltiplas formas e possibilitar vivencias diversas.

Observou-se assim, que para alguns entrevistados é possível vivenciar de diferentes formas as possibilidades que esse espaço oferece. E tais possibilidades se manifestam em comportamentos de acordo com o arranjo espacial onde atuam suas funções de trabalho. Dessa forma, o arranjo espacial que permite o contato ou a visualização dos elementos naturais (plantas, animais) para alguns interfere de forma positiva nessa rotina e oferece uma possibilidade a mais diferente de outros ambientes não florestados ou esse arranjo espacial pode não apresentar um diferencial na rotina de trabalho.

- a) *Implicações Benéficas*: para a maioria dos entrevistados (56%) ter a paisagem da natureza se reverte em um aspecto positivo, que possibilita conforto físico e restauro das emoções.

“É gostoso! Essa minha rotina de trabalho, eu trabalho num prédio altamente moderno e o que fica em segundo tempo é a instituição do bosque, rodeado de floresta.”

“Eu costumo sair dar uma volta, respirar e voltar para resolver o que tem para resolver. A gente tem essa possibilidade ne porque aqui nesse sentido é um lugar bem agradável nesse sentido. Você tá com alguma dificuldade dá pra vc respirar um ar puro ver as arvores fora respira e volta e tenta fazer o que você tem que fazer.”

“Eu acho que essa minha rotina tem vez que está muito agitada, muito agitada mesmo, ainda mais assim no início do ano, muitas mudanças. Mas o resto é tranquilo, dá pra levar. Eu levanto... Eu vou muito no bosque, quando eu tô assim com algum problema, cansada vou lá para o bosque, dou uma volta por lá e converso com as tartarugas e volto. Eu gosto de olhar, eu sempre olho aqui pra trás também, para trás da sala e mesmo quando eu estou com alguma dificuldade assim, que eu não consigo fazer algum pagamento que dá problema de IP ou alguma coisa eu não fico, eu vou, vou, vou, vou e aí pego, ou eu vou aqui ou lá para o bosque.”

- b) *Indiferenciada*: Para 44% dos entrevistados, a presença da natureza (plantas e animais) não contribui ou dificulta sua rotina de trabalho. As externalidades do espaço que envolve suas funções específicas não fazem parte da rotina para esses servidores.

“Rotina mesmo. Administrativa. É... Não saio, não sou de ficar saindo aí, andando, não gosto. Eu gosto de ficar sentada resolvendo as coisas. Computador, telefone... ah bom, confortável, tenho tudo, computador, telefone, tem tudo”

“Eu fico transitando da porta pra cá, e o apoio com a secretaria que controla todo material que entra que chega, eu fico mais da porta pra dentro, tô aqui porque no momento estamos tranquilos, mas o normal é ficar transitando entre a coleção, ir pra estufa pra secar, tem todo um protocolo. O computador eu paro só pra olhar e-mail, noticiário mas é mais coleção mesmo, manejo da coleção. É um ambiente...”

são dois prédios grandes onde há muita transição de pessoas, fluxo de pessoas, climatização.”

“Ah, a rotina de trabalho é aqui às oito horas da manhã, oito e meia quando chega aqui, aí executa as atividades que tem que fazer, vai almoçar, volta e é isso. Eu fico entretido aqui no computador e quase não olho [a janela].”

Para a maioria dos servidores (56%) a presença da natureza se manifesta de forma agradável e traz implicações benéficas na rotina de trabalho. Para outros (44%) ela nem faz parte desse trabalho, que os encapsula nos equipamentos ou nas atividades específicas.

A rotina de trabalho destes servidores ocorre naturalmente dentro das salas, todas no nível térreo. A partir das observações realizadas fez-se um levantamento das salas e a partir da presença ou ausência de janelas ou portas que dão acesso direto à natureza (Tabela 03).

Tabela 03: Relação entre o acesso visual à paisagem externa e implicações no ambiente de trabalho

Implicações do Ambiente florestado na Rotina	Salas com Janela (%)	Salas sem Janela (%)	Total Geral (%)
Implicações Benéficas	47	8	56
Indiferenciadas	28	17	44
Total Geral	75	25	100

A maioria dos entrevistados (75%) trabalha com acesso à paisagem pela janela ou paredes de vidro que revelam a natureza incontestemente. A possibilidade de olhar elementos naturais até mesmo por uma janela traz efeitos positivos para a rotina e ambiente de trabalho em vários aspectos, tanto funcionais como psicológicos (Kaplan, 1993). Tais benefícios contribuem no descanso e eliminação dos efeitos da fadiga mental que acontece quando somos expostos a determinado tipo de atividade por muito tempo, requerendo muito uso da atenção concentrada como acontece nas atividades laborais. Ulrich (1991) afirma que a natureza é capaz de reduzir o estresse que ocorre diante de situações que se configuram como ameaçadoras e opõem-se a sensação de bem estar. É possível notar que entre os servidores há os que percebem na contemplação da natureza uma forma de recuperar o estresse da rotina de

trabalho e como elemento que oferece descanso a partir das características restauradoras desse ambiente natural.

3.3.2 Da contemplação para a interação com a natureza

Embora haja aqueles para os quais o ambiente natural não se apresente como fator diferenciado, destaca-se o fato de que ainda que evidente e vivenciada há anos pelos servidores, a natureza “convida” para uma aproximação, para uma maior interação capaz de amenizar possíveis contratemplos e ocorrências no trabalho. Essa interação perpassa a contemplação de uma paisagem que é vivenciada de forma agradável.

Constatou-se que a maioria (92%) dos entrevistados afirmou contemplar a natureza nesse ambiente de trabalho e apenas 8% afirmaram não ter o costume de admirar a natureza que está na janela e na porta de suas salas. Dentre os servidores que afirmaram contemplar a natureza destacou-se dois principais motivos: a) Inevitabilidade mediante o deslocamento e b) Efeitos restauradores proporcionados.

- a) Inevitabilidade mediante deslocamento:** Os servidores se percebem admirando a floresta quando precisam se deslocar dentro da instituição, na entrada, na saída ou ao transitar entre os setores. Se trata de uma obviedade que se tornou costumeira.

“Costumo assim..é ... no passar, no chegar aqui no trabalho. Na entrada a gente ver o cuidado que estão tendo com as arvores o pessoal hoje em dia faz um trabalho de poda e tudo mais e o instituto é bom entendeu. Às vezes quando a gente vai em outro setor ne, as vezes cai a gente olha.”

“Ah as vezes uma ou duas vezes só por semana porque as vezes eu saio também pra resolver alguma coisa no centro em banco...nem sempre que tenho essa folga...”

“Olha quando eu entrei aqui como ficava muito mais em campo e era meio que novidade, era bem mais. Hoje em dia como a gente já acostumou a gente já percebe menos as coisas. Não tanto como antigamente mais nas saídas quando sai do campus pra resolver algum problema, as vezes a gente simplesmente vai e volta e as vezes vai e encontra alguma coisa interessante e para pra olhar.”

b) *Efeitos restauradores*: Para esses servidores contemplar a natureza lhes proporciona bem estar independente de um tempo específico ou situação. A presença da natureza traz possibilidades de distanciamento físico e psicológico que amenizam problemas e estresses associados ou não ao ambiente de trabalho, possibilitando assim deslumbramento e identificação com esse ambiente.

Os efeitos restauradores são diversos para esses servidores. No Quadro 01 estão sumarizadas as características de ambientes restauradores propostos por Kaplan & Kaplan (1989) e os efeitos percebidos pelos entrevistados como restauradores ao contemplar o entorno.

Quadro 01: Relação entre características restauradoras e os motivos para contemplar a natureza

Características de Ambientes Restauradores	Efeitos Restauradores percebidos pelos servidores
Escape: Distanciamento físico ou psicológico	<i>“Costumo...quando eu vou dar uma volta, quando eu tô estressado demais, eu dou uma volta, aí eu caminho no bosque, aí eu fico observando, tentando entender como é que aquela vegetação fica ali né, como é pra ela crescer, se desenvolver, aí, naquele momento, eu fico viajando...viajando assim, que os meus problemas que eu tinha até então, eles se dissiparam ali, principalmente quando eu abro aquele portão aqui lateral, aí começa tudo de novo...”</i>
Fascinação: Atenção involuntária para estímulos da natureza que permite o deslumbramento.	<i>“Ah sim, essas vezes que eu falo pra vc que eu vou andar eu paro e fico olhando as vezes tem um macaquinho, macaco de cheiro essas coisas todas, então eu fico admirando, as cutias que passam na estrada, preguiça, então eu fico curtindo isso. Quando eu saio, as vezes eu vou lá atrás na cantina. Ai eu paro. Outro dia parei e fiquei uns quinze minutos olhando a preguiça atravessando uma hora ela me viu esperando a preguiça passar. Pra te dizer olha só eu quando entro aqui eu não ando a mais de 30 km por hora exatamente pra curtir esse ambiente aqui.”</i>
Escopo: Envolve pertencimento, senso de identificação.	<i>“Todo tempo, ela pra mim é linda. Toda hora eu tô olhando, eu sempre tô observando as essências florestais florar, os pássaros que visitam, insetos que visitam as flores, só mesmo o pessoal da área que tem essa sensibilidade. Há uma interação entre eu e a floresta, entendeu, sempre houve, a minha vida sempre foi pautada, sempre trabalhando nisso, ginásio, segundo grau, tudo agrícola...”</i>
Compatibilidade: Congruência relacionada a fazer atividades que agradam.	<i>Eu saio daqui eu vou olhando cada pedaço. Eu passo ali na Tanimbuca [árvore centenária], converso com a Tanimbuca, Vou na gruta [com imagem de N.Sra, Aparecida]. Cada espaço que tem ao meu redor já fica melhor. Faz essa experiência de olhar tudo a teu redor. Você passa pelo portão meu deus que coisa linda, olha observa... o que a natureza ta proporcionando.”</i> <i>“Logo quando eu chego de manhã, eu já, já vou olhando pras minhas plantinhas né... É como se elas fizessem parte de mim um pouco. Depois do almoço, quando eu venho também do almoço, aí eu fico aqui agradecendo a Deus sempre né, e eu acho maravilhoso ter essa mata pra mim olhar né...”</i>

- c) *Nenhuma interação*: Dentre os servidores que afirmaram não contemplar a natureza verificou-se que havia tantos motivos de aversão pessoal para não contemplar quanto motivos de naturalização da presença da natureza como algo posto, acostumado, já invisível.

“Não, não gosto olha. Eu sou urbana. Não sou muito chegada a natureza olha...não. Eu nasci em fazenda, fui criada em fazenda, vivi tudo que tinha que viver de mato. Ah não ...Nasci em fazenda mesmo, passei minha infância toda em fazenda. Então eu gosto de cidade. Acho bonitinho e tal mas nada me atrai.”

“Não admirando não. A área verde do campus hoje talvez nem tanto quando no início. Logo quando você começa a trabalhar aqui isso aqui chama a atenção, estagiário, bolsista, chama atenção. A gente que já ta há 5 anos, 10 anos, gente que já ta prestes a se aposentar talvez não enxergue com os mesmos olhos do início. É um processo até natural.

A tabela 04 indica a distribuição dos motivos para contemplação e a frequência com que se percebem contemplando a natureza presente.

Tabela 04: Distribuição de frequência e motivos para contemplação da floresta

Frequência	Motivos da contemplação (%)			Total geral
	Inevitabilidade/ Deslocamento	Efeitos restauradores	Não contemplação	
Diariamente	11	25		36
Esporadicamente	39	17		56
Nenhuma			8	8
Total geral	50	42	8	100

A natureza de acordo com Kaplan & Kaplan (1989), não é o único elemento capaz de trazer efeitos restauradores, porém os estudos indicam que possui todos as características de ambientes restauradores, tais como escape, fascinação, escopo e compatibilidade. Verifica-se que a maioria dos entrevistados vivencia a possibilidade de contemplação dessa paisagem natural, quer seja pela inevitabilidade do deslocamento ou pela sensação dos benefícios recebidos a partir dos efeitos restauradores.

Além disso, soma-se a percepção estética a partir dos elementos visuais que essa natureza proporciona e que possibilita discussões acerca da afetação a partir da beleza estética

da paisagem (Marin & Kasper,2009). A afetividade positiva está atrelada assim, a uma estética que convida a contemplação. No lugar de trabalho esses aspectos passam a ter um valor a mais no sentido de que a ambiência tende a colaborar para o clima organizacional atrelando fatores como assiduidade, motivação e produtividade e satisfação mediados pelas características externas que compõem o lugar.

Cabe aqui frisar que mesmo que se utilize termos como externo/interno como espacialidades isoladas, adota-se um entendimento de que há uma dialética de uma pessoa que existe a partir da sua relação com o mundo (Bourdieu, 1997; Fischer, n.d; Bacherlard, 2000; Merleau-Ponty, 2000; Ingold,2000) e por isso a necessidade de se compreender como pessoa e ambiente se afetam mutuamente de acordo com as configurações espaciais existentes.

3.3.3 A natureza como lócus de uso social

As naturezas possíveis nos espaços urbanos possuem além de uma função ecológica, possuem uma função social dada a possibilidade de uso que engendra. Gibson (1977), autor do termo *affordances* avança no entendimento de percepção entendendo que perceber implica a captação de *affordances*, isto é nas possibilidades de ação recíproca entre organismo e ambiente e que estas podem ser percebidas diretamente. Esse ato perceptivo não se direciona especificamente às qualidades ou às propriedades do ambiente captadas, mas sim às possibilidades de ação.

Nesse sentido, quando questionados quanto a possibilidade de usar esse ambiente de trabalho florestado, principalmente o uso das trilhas para outras atividades além da funcional, os entrevistados reconhecem tais possibilidades, entretanto a maioria (58%) só utiliza as trilhas para se deslocar em função da necessidade de trabalho, 31% faz uso delas como atividade física e 8% evitam qualquer uso.

- a) *Uso como parte da atividade de trabalho:* Esses servidores afirmam usar as trilhas para caminhar unicamente em função das necessidades de trabalho. Se deslocam entre os setores e trilhas quando é preciso executar alguma atividade que exija o deslocamento.

“Só a trabalho quando eu preciso ir em algum setor com alguma finalidade ou então particular, recursos humanos, férias, algum assunto meu. E eu vou focada no que eu vou fazer.”

“Ah sim quando vou em outro setor, quando há necessidade. Eu não exército nada aqui não só na associação lá embaixo. Aqui dentro é muito esporádico, muito difícil, uma vez na semana.”

“Caminho. Às vezes só outras só eu. Mas só a trabalho.”

“Só a trabalho, ir para o banco, levar um documento, sempre a trabalho.”

- b) Uso como lugar para atividade física e mental:** Esses servidores afirmam que usam as trilhas para caminhar como uma opção tendo em vista que esse ambiente é favorável para aliviar estresses da rotina e relaxar.

“Costumo. Costumo caminhar. Assim. Como eu digo...Quando tô assim meio agoniado como uma coisa que não depende de mim eu vou relaxar andando ai no campus.”

“Trago minha sandália, de caminhar, minha sandália rasteira e vou embora porque chego muito cedo e vou embora.”

“Às vezes simplesmente pra dá uma recarregada na bateria quando o negócio tá meio chato né...aquilo que falei pra você que acontece em qualquer local em qualquer ambiente, eu vou ali dar uma voltinha nas trilhas. Dar uma recarregada mesmo.”

“Sim, sim, sempre, sempre...é, porque eu não tenho muito tempo né, entendeu, então na hora do almoço eu vou até ali geralmente à trilha suspensa, dar uma olhada entendeu, aí gosto de reparar as cutias quando tão com filhote.”

- c) Nenhum uso pessoal:** Esses servidores afirmaram não fazer uso desse espaço para caminhar, evitando qualquer possibilidade de deslocamento interno.

“Não. Nada possível que sou bastante preguiçoso, até para ir pra diretoria eu vou de carro. Risos.”

“Não, não, é não costume...é não costume. Só acontecia muito isso quando eu era da, quando eu era da eu trabalhava na administração, quando eu fui chefe de serviços gerais, eu tinha que visitar o INPA como um todo ne.”

A figura 15 aponta a distribuição dos entrevistados quanto ao uso social das trilhas que circundam a floresta e prédios.

Figura 15: Percentual de uso social das trilhas no campus



Verifica-se que a maioria (58%) usa as trilhas para uma atividade como caminhar. Mas esse caminhar não se configura como uma possibilidade que surge espontaneamente pelo encontro com as características oferecidas pelo ambiente e um comportamento associado. Esse caminhar é tal qual o deslocamento entre corredores, salas ou prédios. Trata-se de uma necessidade do próprio trabalho.

Entretanto destaca-se uma parcela (31%) dos entrevistados que percebe essa natureza como possibilidade de ação para além das atividades próprias do trabalho. Para esses servidores é possível verificar a *affordance* de caminhar para sentir-se bem. Por outro lado, há os que não percebem nesse ambiente essa *affordance*.

Diante destes resultados, se constata que a natureza revela-se muito mais como possibilidade de ser contemplada (como um objeto que existe fora) do que como possibilidade para ação (lugar no qual estou inserido). Muito embora, ainda que de forma sutil, esse ambiente de trabalho constituído por trilhas em meio a um fragmento florestal, com árvores e animais, parece revelar-se como o que Fischer (n/d) compreende por espaços intersticiais, isto é, um espaço “entre dois” que favorece uma conduta não prevista, pois se o INPA configura-se como um lugar de trabalho que pressupõe a execução de atividades laborais, as trilhas que ligam os prédios assumem a função de passagem.

Nesse sentido, essa passagem pode assumir outra função, claramente designada pelo fato de ter a natureza circundante e não paredes. Um caráter interessante que só é possível com esse mundo natural cujas *affordances* culminam num encontro restaurativo para aqueles que conseguem assim vivenciar esse ambiente em sua distinção e totalidade. É a natureza que permite às pessoas adicionarem em suas atividades laborais, experiências afetivas e cognitivas que contribuem para o bem-estar psíquico e físico.

3.3.4 A natureza para além do lugar de trabalho: Atividades de lazer preferidas

Se os espaços possuem toda uma poética capaz de propiciar elementos do bem-viver (Bacherlard, 2000) e descansar é fugir de espaços rotineiros (afim de buscar esses elementos do bem-viver que envolve afetividade caracterizada por satisfação). Quais seriam os espaços preferidos para realização de atividade de lazer desses servidores que passam cinco dos sete dias da semana em contato constante com a natureza?

Para verificar a relação entre as atividades de lazer e uma possível proximidade ou distanciamento da natureza, os servidores foram questionados sobre o que gostavam de fazer nas suas atividades de lazer. A partir das respostas obteve-se duas categorias relacionadas as atividades de lazer: a) Contato com a natureza e b) Atividade sem contato com a natureza.

- a) *Contato com a natureza*: Esses servidores destacam atividades que envolvem contato com a natureza como preferências de lazer.

“Gosto de viajar pelo interior do Amazonas nas cidades mais próximas. Manacapuru, Rio Preto da Eva...é...pra cachoeira ali... Presidente figueiredo... sair ne um pouco do perímetro urbano da atenção pra família mas especificamente pra minha filha pra ela ter contato assim com rio, igarapé, floresta, estrada. Por uma qualidade de vida né.. lazer mesmo. Quando é final de semana só isso mesmo.”

“Também gosto de buscar a natureza. Eu gosto muito de buscar a natureza, se pudesse ir pra chácara, pra uma... Eu tenho uma irmã que tem uma chácara, é... Então, sempre que ela vai, a gente vai pra lá e tenho também um companheiro que tem um sítio, apesar de não ser casada, mas convivemos numa união estável há muito tempo, então tem um sítio, a gente vai pra lá pro esse sítio, então eu tô sempre buscando a natureza.”

“Por incrível que pareça eu trabalho aqui no INPA mas eu gosto muito de ir no Jardim Botânico. No mês com certeza uma vez eu vou por semana no Jardim Botânico. Depois do Jardim botânico e no bosque da ciência que eu gosto de vir também, futebol.”

- b) *Outras atividades sem contato com a natureza:* Esses servidores elegem como atividade de lazer ambientes urbanos ou mesmo atividades em casa que não envolvem contato com a natureza.

“Como Manaus não oferece muita coisa eu saio poucas vezes vou ao cinema, teatro Manaus tem poucas coisas também eu vou. Quando é fim de semana eu não fico muito em floresta já passa muito tempo aqui então ... como eu moro só eu tomo conta da minha casa eu arrumo. São minhas atividades... Fim de semana vou mais pra parte urbana.”

“Nos horários de lazer eu não sou muito de sair, não sou muito festeira, mas eu gosto de ficar em casa lendo, descansando, isso pra mim é o melhor lazer.”

“Ah... Não sou muito de sair não olha. Vou ao shopping, cinema e tal mas não sou de sair. Eu sou altamente urbana.”

“Final de semana é mais shopping, levar minha filha para brincar, pra passear, é, se encontrar com a família, almoço em família, não sou muito assim de pegar a estrada, ir pra longe não.”

Podemos observar que há quase uma divisão igualitária na busca da natureza ou não para atividades de lazer nos momentos de descanso do trabalho. A figura 16 indica que 47% dos entrevistados preferem se aproximar da natureza, enquanto que 53% preferem espaços urbanos ou domésticos para seu lazer e descanso.

Figura 16: Atividades de lazer

Os dados apontam que 53% dos entrevistados diz preferir atividades de lazer que não envolvem o contato com a natureza e 47% deles preferem atividades de lazer envolvendo um maior contato com a natureza. Gressler (2014) em sua tese de doutorado sobre “O descanso e a teoria dos ambientes restauradores” comenta a respeito dos sinônimos de descanso como lazer, folga, tempo livre, repouso, passatempo, passear e tirar férias como comportamentos que implicam em “um estado de alma”, e pressupõe o repouso das fadigas associando-se ao não trabalhar e a pausa. Os resultados de seu estudo sugerem novas possibilidades para estudos a respeito do que se configura como ambientes restauradores, pois as características que oferecem essa possibilidade de restauro vinculam-se não somente com aspectos físicos, mas também psicológico o que reitera a questão da implicação mutua e a dimensão holística da relação pessoa-ambiente.

Nesse sentido é compreensível que os servidores optem por atividades que possibilitem escapar da rotina diária sem que isso descaracterize, necessariamente a afetividade com a natureza. A própria noção de ambientes restauradores concebe que a fadiga resulta da exposição constante a um mesmo tipo de estímulo e os ambientes restauradores oferecem exatamente a possibilidade de escape desses estímulos repetitivos que demandam atenção voluntária.

Assim pode se compreender que há indicativos de que um ambiente pode ser restaurador quando há a possibilidade de deslocamento aleatório pelo espaço sem objetivos específicos a cumprir, não necessitando assim da utilização da atenção voluntária, que utilizada em demasia é a responsável pela fadiga mental. Esses espaços por possibilitar o uso de uma atenção involuntária, não direcionada e por permitir um escape daquilo que é rotineiro encontram

equivalências com os ambientes restauradores. Os espaços de errância (Fischer n/d) nesse sentido poderiam ser considerados ambientes restauradores e independem de possuir ou não elementos naturais no seu escopo para exercerem tal função. Entretanto o espaço é também entendido para além da sua funcionalidade como um espaço que a partir da afetividade envolvida pode se tornar um lugar que inclui memórias e expectativas relacionadas a dimensão existencial da história de vida do sujeito.

Para esses servidores a paisagem natural é digna de ser contemplada, pode oferecer *affordances* específicas e diversas formas de interação, mas a natureza não aparece como entidade idealizada para mais nem para menos. Nem como no ideal romântico revelando apenas aspectos benéficos, nem tampouco como natureza selvagem para ser evitada. Há uma relação concreta mediada por vivências temporais associadas tanto a um lugar de trabalho e sua dimensão existencial como as próprias intersubjetividades desses servidores. Para eles é possível um sentimento de conexão com a natureza que perpassa diversos fatores conforme será discutido no próximo subcapítulo.

3.3.5 Afinidade com a natureza

A temática ambiental encontra-se em evidencia e a opinião pública tem compartilhado tanto os impactos negativos da degradação da natureza como os benefícios que espaços com elementos naturais podem proporcionar para qualidade de vida (Fischer/n.d). A natureza assume tanto uma dimensão real quanto simbólica. Real porque, por um lado, pressupõe elementos concretos que podem ser vivenciados a partir da experiência com o corpo, fonte de todo conhecimento perceptivo genuíno de acordo com Merleau-Ponty (1999). Por outro lado, essa mesma concepção de natureza assume uma dimensão simbólica a partir dos significados representados e compartilhados mediante a intersubjetividade presente no mundo vivido e compartilhado socialmente.

A afetividade relaciona-se com os aspectos cognitivos na medida em que as crenças a respeito de algo implicam em associações valorativas que indicam sentimentos a partir de experiências mediadas pela cognição. Portanto, não é possível dissociar aspectos afetivos dos cognitivos dada a relação entre estes. A afetividade tem caráter orientador de ações (Bomfim, 2010) e por isso entende-se por afinidade com a natureza um senso de aproximação e valorização positiva e integrada.

A natureza tem sido evidenciada como elemento desencadeador de sentimentos positivos em diversos estudos realizados nos Estados Unidos e Europa, países desenvolvidos que sofrem os impactos negativos da degradação dos recursos naturais e do estilo de vida em grandes metrópoles. Todavia, os poucos estudos realizados no Brasil ainda não foram suficientes para afirmar essa relação de afinidade com a natureza ou até mesmo podem evidenciar o contrário, uma certa desvalorização da natureza quanto mais próxima se encontra (Cunha, 2010; Forsberg, 2012). Isso pode ocorrer devido a fatores históricos culturais se compreendermos o Brasil como país continental que, ainda que em desenvolvimento com grandes metrópoles, possui a natureza muito mais em evidência quando comparado com os países onde os estudos sobre os benefícios da aproximação com a natureza têm sido realizados (Gressler, 2014).

Para compreender esse senso de aproximação e valorização positiva e integrada com a natureza, Rosa, Roazzi & Higuchi (2015) buscaram traçar um perfil de afinidade ecológica a partir dos significados atribuídos à floresta amazônica. O estudo foi realizado com moradores de Manaus-AM e Ceres-GO, e os resultados identificaram dois perfis distintos, um relacionado a afinidade ecológica fazendo referências a aproximação do ambiente natural e um perfil mais utilitarista fazendo referência à natureza como elemento subordinado às necessidades humanas. É interessante que o perfil utilitarista foi associado a moradores de Manaus-Am, que vivenciam a realidade de proximidade com a floresta amazônica e o perfil de afinidade ecológica associado aos moradores de Ceres-GO, mais distantes dessa realidade. Esses dados parecem sugerir uma percepção diferente de acordo com a aproximação real dessa natureza e uma aceção simbólica. Um dos instrumentos utilizados nesse estudo como componente do constructo de afinidade foi a escala de conexão com a natureza.

Conexão com a natureza refere-se à ligação emocional com o mundo natural e as crenças que a pessoa tem à respeito da natureza. A escala de conexão com a natureza é um instrumento proposto por Mayer e Frantz (2004) como uma nova forma de mensurar o nível de ligação emocional entre a pessoa e o mundo natural. No Brasil já foi validada em diferentes estudos (Gressler, 2014; Rosa, 2014).

Alguns estudos têm postulado que quanto maior os níveis de conexão com a natureza, maior a satisfação pessoal e sensação de bem-estar (Wolsko & Lindeberg, 2013) e essa relação pode implicar sentimentos altruístas e comportamentos de cuidado ambiental (Mayer & Frantz, 2004; Zelenski & Nisbet, 2012). No entanto, podemos questionar se essa natureza diz respeito a um aspecto simbólico ou do lugar real, que envolve aspectos cotidianos de

acontecimentos sociais como os do presente estudo que integra a natureza como parte presente no ambiente de trabalho.

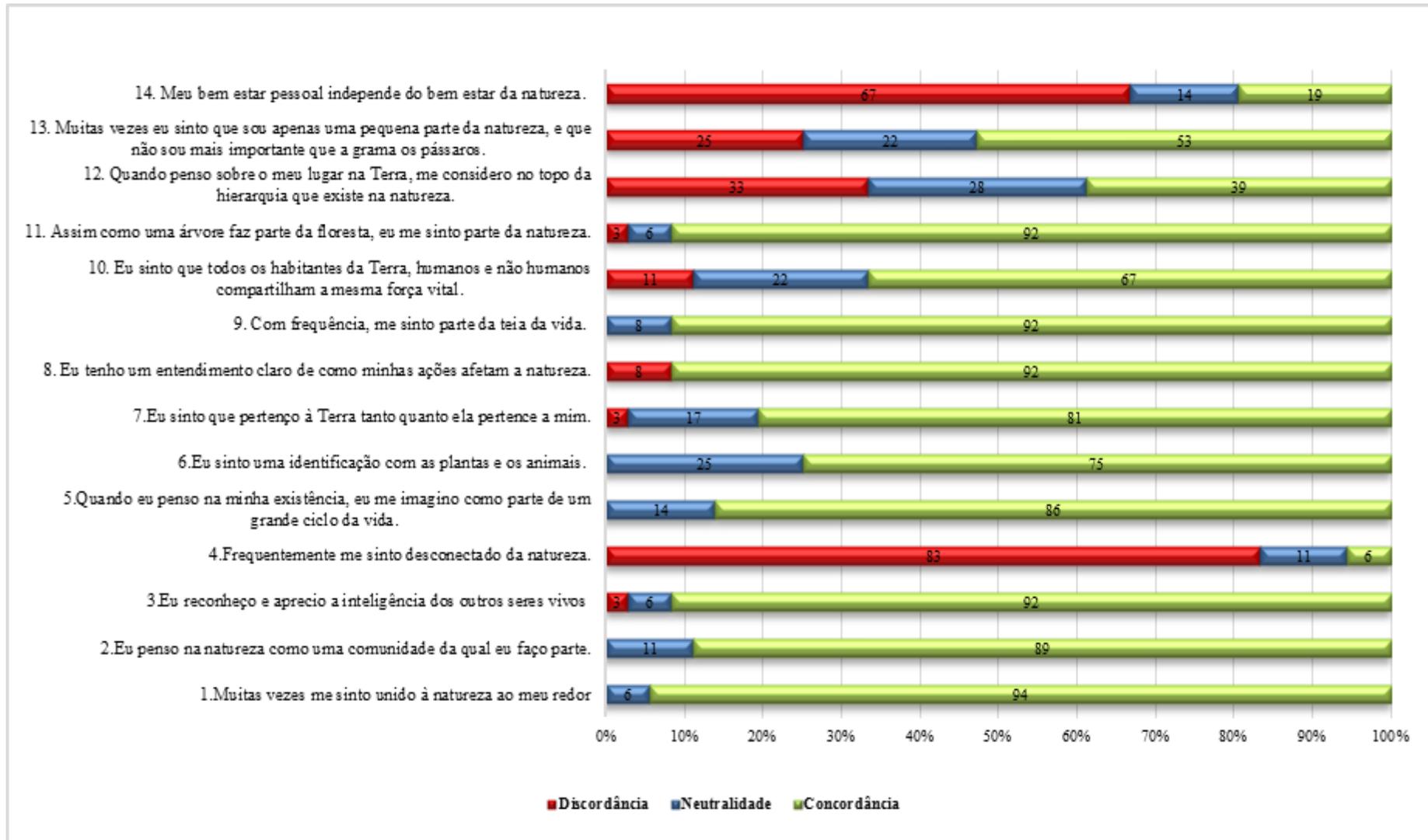
Diante da necessidade de compreender melhor essa dinâmica na relação pessoa-natureza, um dos questionamentos do presente estudo refere-se a investigação da afinidade ou ligação com a natureza a partir da vivência proximal possibilitado por esse ambiente de trabalho em um fragmento florestal urbano.

A escala de conexão com a natureza permite verificar a relação entre os sentimentos possíveis direcionados a natureza no modo como conduzem suas afirmativas diante das questões expostas conforme verificado na Figura 17.

De modo geral, observou-se que há um alto índice nas afirmativas que revelam sentimentos relacionados à conexão com a natureza entre os servidores. Apenas em duas afirmativas que aparecem de forma inversa, isto é, negativadas (item 4 e 14), apresentam alto índice de concordância, o que quer dizer uma aceitação da conectividade com a natureza. Os índices mais baixos podem ser notados nos itens 10, 12 e 13. Observa-se que 75% dos servidores tem religião cristã e assim é possível uma reflexão quanto à presença de ideias antropocêntricas suportadas por concepções religiões judaico-cristãs que concebem a natureza como um lugar paradisíaco e positivo, entretanto o ser humano detém uma posição de distinção e não pode ser igualado a outros seres ou elementos naturais (Thompson & Barton, 1994).

A maioria dos itens apresenta acima de 70% de concordância, indicando crenças que revelam uma ligação emocional com a natureza que podem ser associadas à Biofilia – termo utilizado para explicar a predisposição positiva que os seres humanos têm com a natureza a partir do reconhecimento dos seus benefícios e recompensas que oferece (Fedrizzi, 2011). Essa ligação emocional com a natureza também pode ser entendida a partir da concepção de apego ao lugar (Scannell & Gifford, 2010) que abarca aspectos pessoais, isto é aspectos afetivos mediados pelas experiências pessoal com o lugar e o aspecto coletivo que implica em crenças e valores compartilhadas a nível social. Em outras palavras, de acordo com a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty essa natureza pode ser compreendida a partir da vivência do próprio corpo que se caracteriza como uma forma de compreender o mundo sem se subordinar totalmente a uma função simbólica (Verissimo, 2014) e sem negligenciar aspectos sociais que envolvem a linguagem e a relação com o outro que envolve a intersubjetividade.

Figura 17: Escala de Conexão com a Natureza



Diante dos altos índices de conexão com a natureza podemos verificar que existe uma aproximação com a natureza caracterizada por itens discutidos no capítulo referente aos significados atribuídos ao ambiente de trabalho e envolvem:

- a) *Dimensão Pessoal (Corpo)*: sensações percebidas pelo contato com esse ambiente de trabalho no qual a natureza se destaca de forma diferenciada proporcionando sensações agradáveis sejam elas físicas e estéticas (58%) ou conectivas (28%) conforme verificado no capítulo que discutimos.
- b) *Dimensão Coletiva (Intersubjetividade)*: Aspectos positivos atribuídos por outrem, associados ao lugar de trabalho atrelado a lugar de natureza preservada (83%).

Esses dados permitem relacionar a conexão com a natureza a sensações vividas pelos servidores nesse ambiente de trabalho, entretanto percebe-se que as sensações conectivas aparecem em menor proporção quando comparadas aos altos índices de conexão com a natureza revelados pela escala. Portanto, ainda que a escala indique uma aproximação com a natureza de forma bastante expressiva, essa aproximação não é constatada da mesma forma diante dos significados atribuídos a natureza no lugar de trabalho que aparece de forma mais equilibrada. O estudo revela que para alguns servidores (14%) essa natureza não promove grandes diferenças. Mas de modo geral a natureza parece ter uma valorização positiva que não se resume somente a experiência vivenciada nesse lugar de trabalho mas remete aos significados compartilhados socialmente que notificam essa natureza como um elemento simbólico.

Outros estudos realizados recentemente com público e contexto diferente têm indicado resultados semelhantes quanto aos altos índices na escala de conexão com a natureza (Gressler, 2014; Rosa, 2014). Esses dados precisam ser repensados à medida que podem resultar mais da deseabilidade social do que aspectos genuínos do modo de pensar. Todavia se partimos do princípio que as emoções afetam os comportamentos, o panorama é positivo e evidencia pessoas positivamente ligadas a natureza e conseqüentemente desenvolvendo uma relação de cuidado. Para que essas cogitações possam ser verificadas, fazem-se necessários maiores estudos a curto, médio e longo prazo que possam mensurar, senão melhor compreender a relação entre sentimento e ação ou predisposição.

CONSIDERAÇÕES E POSSIBILIDADES

Compreender a percepção de trabalhadores sobre seu ambiente de trabalho localizado em um fragmento florestal urbano, que possibilita uma aproximação física incontestável com a natureza, foi o principal objetivo do presente estudo. Os achados possibilitaram compreender que esse espaço de trabalho pode ser compreendido a partir da dimensão psicológica, cultural e social que abarcam. Compreender essa percepção a partir da dimensão psicológica foi possível a partir do entendimento dos significados atribuídos a esse ambiente de trabalho pelas próprias experiências pessoais dos sujeitos pois o espaço só existe em termos de espaço vivido e isso pressupõe uma dimensão simbólica. Ao compreender esse espaço em termos culturais, entendemos que os valores vinculados à instituição de trabalho desses servidores que envolvem sustentabilidade e preservação da natureza e que é reconhecida internacionalmente, implicam de forma contundente na forma de perceber o próprio ambiente. O local de trabalho é um Instituto de Pesquisas que lida diretamente com questões ambientais. Essa dimensão cultural aproxima-se da dimensão social na medida em que diferencia esses trabalhadores de outros em função do tipo e lugar no qual desenvolvem suas atividades.

A percepção desses trabalhadores sobre seu lugar de trabalho próximo a natureza abarca dimensões que envolvem o ambiente social no que se refere aos sentimentos de realização pessoal, profissional, pertencimento e orgulho por fazer parte da Instituição. Diante das características físicas do ambiente a natureza revela-se como fator de agradabilidade e sua ausência poderia gerar implicações para o bem-estar no lugar de trabalho. Para os trabalhadores, a natureza possibilita amenizar os desgastes do mundo do trabalho e oferece possibilidade de contemplação e interação que proporcionam escape e distanciamento de possíveis problemas ou situações desgastantes durante a rotina de trabalho.

A percepção desses trabalhadores é mediada a partir de vários aspectos que refletem a importância de se entender a relação pessoa-ambiente, sempre de forma multifacetada, entendendo que o todo é mais do que as somas das partes e se influenciam mutuamente. Compreender o que leva servidores a perceber um ambiente de forma benéfica implica em entender a relação entre aspectos físicos e psicossociais do ambiente capazes de promover qualidade de vida. Além dos benefícios para o trabalhador, a natureza como aspecto diferenciado positivamente no lugar de trabalho pode contribuir para melhorar o clima organizacional e o sentimento de conexão com a natureza. De modo geral, os servidores

revelaram uma percepção favorável do ambiente de trabalho que envolve uma dimensão existencial, principalmente se reconhecermos o tempo de trabalho da maioria dos servidores entrevistados, sendo a dimensão temporal um fator determinante no modo de perceber esse ambiente.

Esse estudo pode indicar que a natureza traz sensações capazes de promover a restauração da atenção e gerar bem-estar. Entretanto, a natureza não atua de forma isolada. Um ambiente não se torna restaurador tão somente pela presença ou ausência de elementos naturais, mas sim pela relação que envolve aspectos culturais, sociais, cognitivos e afetivos na construção do significado desse ambiente para a pessoa. Esse processo pode ser compreendido a partir do conceito de percepção ambiental e abarca uma acepção de percepção fenomenológica que vai além do contato entre pessoa e ambiente como sujeito/objeto. Engloba a relação recíproca e complexa que transforma espaço em lugar a partir da vivência corporal e temporal.

O estudo não pretende e nem poderia negar ou se opor as evidências encontradas em estudos anteriores de que ambientes nos quais prevalecem elementos naturais e áreas verdes trazem benefícios para o bem-estar atuando na diminuição do estresse e na restauração da atenção. Todavia, os achados revelam que na realidade vivenciada por trabalhadores de um ambiente florestado no qual a natureza se sobressai ela não se destaca como um ambiente restaurador *per se*. A própria permanência e contato constante com a natureza com quem tem como lugar de trabalho um fragmento florestal urbano pode se tornar o polo oposto do que se entende por ambientes restauradores quando se revela a preferência por atividade de lazer predominantemente em áreas urbanas e distanciadas de áreas verdes ou de contato com a natureza. Ambientes restauradores parecem estar associados a ambientes que possibilitam um distanciamento da rotina e se essa rotina é associada a ambientes verdes é compreensível a opção desses trabalhadores por atividades de lazer que os coloquem em contato com ambientes diferentes dos rotineiros. Por outro lado, as vivências individuais também contribuem para que esses ambientes, onde há a predominância da natureza possam ser percebidos como restauradores ou não. O estudo revela contudo, que ainda que não haja uma predominância de preferência por atividades de lazer e descanso em áreas próximas a natureza, isso não revela um total distanciamento dos servidores ou negação dos benefícios proporcionados por uma natureza que é real e simbólica.

Nesse sentido, o estudo pretende contribuir muito menos com respostas e conclusões precisas a respeito do que determina se um ambiente é restaurador ou não e muito mais com a possibilidade e necessidade de se buscar compreender a relação pessoa-ambiente a partir da

vivência não somente imediata e sim incluindo as várias dinâmicas envolvidas nessa percepção. Acatar o pressuposto de que os ambientes onde há a presença da natureza são predominantemente restauradores e trazem benefícios não somente a nível individual, mas coletivo considerando a crise ambiental que o mundo contemporâneo presencia é alentador. Embora o estudo não tenha tido elementos para concluir que a afinidade com a natureza pode gerar comportamentos protetivos com o meio ambiente, inclusive porque não era seu principal objetivo, foi possível identificar uma afinidade com a natureza mediada pelo lugar de trabalho que facilita uma relação de proximidade. Se essa natureza se apresenta como algo positivo capaz de gerar apreço e sua ausência é sentida de forma negativa como constatado pelos servidores quando questionados a respeito do trabalho com a possibilidade da ausência dessa natureza constata-se que é possível que essa afinidade sugira uma relação de cuidado. Para tanto seriam necessários estudos futuros que possam focar a relação entre a afinidade com a natureza e o comportamento pro-ambiental.

O estudo realizado possibilita verificar que no trabalho a natureza aparece como fator de agradabilidade promovendo benefícios para o bem-estar e atuando como amenizador de possíveis eventos negativos na rotina de trabalho. Ao assumir o compromisso com a ciência e com a construção de modos de entendimento a partir da Psicologia Ambiental que ampliem a promoção de bem-estar e de uma relação saudável entre pessoa-ambiente é possível constatar que de fato a natureza se revela como fator diferenciado, ainda que de forma sutil quando consideramos todos os aspectos multifacetados na relação dessas pessoas com seu lugar de trabalho. A natureza aparece de modo geral associada a sentimentos positivos e sensações agradáveis no ambiente de trabalho. E ainda que para alguns servidores a natureza apareça de forma indiferenciada no lugar de trabalho, ela de forma alguma foi associada a algo negativo mesmo quando há o conhecimento de que pode oferecer riscos, sobressai uma atitude de respeito. Portanto pode-se constatar que há um fator diferenciado predominantemente associado a atributos benéficos relacionados a um ambiente no qual os elementos naturais se destacam. Diante de tais evidências, destaca-se que é preciso investir em ambientes que preservem em sua estrutura a possibilidade de aproximação com essa natureza. E apostar, especificamente na configuração espacial de ambientes de trabalho que possibilitem contato com a natureza, esperando que esses espaços contribuam de forma positiva tanto para o equilíbrio pessoal como para o planeta e a sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

- Almeida, S.S.; Amaral, D.D.; Silva, A.S.L. (2004). Análise florística e estrutura de florestas de várzea no estuário amazônico. *Acta Amazônica*, Manaus. Am. V 34, n 4, p. 513-524.
- Altman, I. Rogoff, B. (2002). World Views in Psychology: Trait, Interactional, Organismic and Transactional. In: *Handbook of Environment Psychology*.
- Alves, S.M. & Bertrat, G. (2008). Interação Humana com Ambientes Naturais: Uma Revisão no Periódico *Environment and Behavior*. In J.Q. Pinheiro, & H. Gunther (org.), *Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente* (pp.343-368). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Alves, S.M. (2011). Ambientes Restauradores. In S. Cavalcante, & G.A. Elali (org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 44-52). São Paulo: Editora Vozes.
- Amaral, I.L. do; (2013). Tipos de vegetação nos biomas brasileiros e seu inventário florístico. In: Moreita, et al. *O ecossistema Solo: Componentes, relações ecológicas e efeitos na produção vegetal*. Editores, Fátima M.S Moreira.Lavras: Ed, UFPA.
- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, 26 (1), 93-100.
- Amerigo M, Aragonese J.C. (1997). A theoretical and methodological approach to the study of residential satisfaction. *Journal of Environmental Psychology*, 17. 47-57.
- Aries, M.B.C., Veitch, J. A., & Newsham, G. R. (2010). Windows , view , and office characteristics predict physical and psychological discomfort. *Journal of Environmental Psychology*, 30(4), 533–541. doi:10.1016/j.jenvp.2009.12.004
- Aragonés, J.I. (2002). Cognición Ambiental. In Aragonés, J.I., Américo, M. (Coords) *Psicologia Ambiental* (p.p). Madri. Ediciones Pirámide.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of the Lifespan developmental Psychology: On the dynamics between growth na decline. *Developmental Psychology*, 611-696.
- Barracho, C. (2001). *Psicologia Social: Ambiente e Espaço* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Bachelard, G. (2000). *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1957).
- Barcellos, V.Q. (1999). *Os Parques como espaços livres públicos de lazer: o caso de Brasília*. Tese. FAU/USP, São Paulo.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M.W. (2010). *Análise de Conteúdo clássica: uma revisão*. In: Bauer, Martin w.; Gaskell, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Tradução de Pedrinho Guareschi. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Berlinck, M.T. & Magtaz, A.C. (2008). Reflexões sobre O caso de Ellen West: estudo antropológico-clínico, de Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*

Fundamental, 11(2),232-238. Retrieved July 14, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142008000200005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1415-47142008000200005.

Boff, L. (1999). *Saber Cuidar: Ética Humana – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes.

Bomfim, Z.A.C. (2010). *Cidade e Afetividade: estima e construção de mapas afetivos de Barcelona e de São Paulo*. Fortaleza: Editora da UFC.

Bonnes, M., Passafaro, P., & Carrus, G. (2011). The ambivalence of attitudes toward urban green areas: Between proenvironmental worldviews and daily residential experience. *Environment and Behavior*, 43, 207-232. doi:10.1177/0013916509354699

Bourdieu, P.(1997). *Efeitos do Lugar* - In Bourdieu, P. (Org.) *Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, pp.159 a 166.

Brasil. Ministério da Saúde. (2004). *Política Nacional de Humanização*. Brasília. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id_area=390>. Acesso em: 7 jul. 2014

Bringslimark, T., Hartig, T., & Patil, G. G. (2011). Adaptation to windowlessness: Do Office workers Compensate for a Lack of Visual Access to the Outdoors? *Environment and Behavior*, 43(4), 469–487. doi.org/10.1177/0013916510368351

Bringslimark, T., Hartig, T., & Patil, G. G. (2009). The psychological benefits of indoor plants: A critical review of the experimental literature. *Journal of Environmental Psychology*, 422-433.

Carvalho, I.S.M; Steil,C.A. (2012). *Cultura, Percepção e Ambiente – Diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro nome.

Carvalho, I.S.M; Steil,C.A.(2008) . A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade, *Ambiente e Sociedade*, 21(2) p. 289-30.

Castelnou, A.M.N. (2006). Parques Urbanos de Curitiba: De espaços de lazer a objetos de consumo. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*. Belo Horizonte, 13(14): 53-73.

Caurus, G. Fornara,F; & Bonnes, M. (2005). As origens da Psicologia Ambiental e os factores externos. In: Socza, L[org]. *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cavalcante, S.; Nóbrega, L. M. A. (2011). Espaço e Lugar. In: cavalcante, S.; Elali, Gleice (Orgs). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Corraliza, J. A. (2002). Emoción y Ambiente. In J.I. Aragonés, & M. Amérgo (Coord.), *Psicologia Ambiental* (pp. 59-76). Madri: Ediciones Pirámide.

Corral-Verdugo, V. (2012). *Sustentabilidad y Psicologia Positiva: una visión optimista de las conductas proambientales y prosociales*. Mexico: Editorial el Manual Moderno.

Cruz, R.B. (2009). Trabalho, Saúde e Ambiente. In: Kuhnen *et al.* [org.]. *Interações Pessoa-ambiente e Saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Cunha, D. da (2010). Aspectos Cognitivos das Concepções sobre as Transformações de Áreas Verdes: A Floresta Amazônica em questão. Dissertação de Mestrado. *Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações*. Distrito Federal: Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia
- Dantas, A.N.M. (2011). *Abordagem dos Profissionais de Saúde Frente aos Programas de Prevenção de Perdas Auditiva no Polo Industrial de Manaus*. Dissertação de Mestrado em Saúde, Sociedade e Endemias na Amazônia - Universidade Federal do Amazonas, Fundação de Amparo a Pesquisa no Estado do Amazonas. Orientador: Maria Inês Gasparetto Higuchi.
- Diegues, C.A. (2011). *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. 3º Ed. HUCITEC. São Paulo.
- Dray, W.T. (2014). *Arborização Condominial Em Manaus: Um Estudo Sobre As Percepções Dos Moradores*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas.
- Elali, G. A; & Medeiros, S.T.F. (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante, & G.A. Elali (org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 53-62). São Paulo: Editora Vozes.
- Evensen, K. H., Raanaas, R. K., Hagerhall, C. M., Johansson, M., & Patil, G. G. (2013). Restorative Elements at the computer workstation: A comparison of live plants and inanimate objects with and without window view. *Environment and Behavior*, 22, 1-16. doi.org/10.1177/0013916513499584
- Fernandes, K.M. (2014). *Gestão e uso de Parques Verdes Urbanos como cenários sociais de proteção ambiental*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Fischer, G. (n.d.). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Forsberg, S.S (2012). *Processos cognitivos relacionados à transformação da floresta amazônica: Um estudo com adolescentes e jovens de Manaus e da RDS do Uatumã*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidades na Amazônia. UFAM: Manaus.
- Fedrizzi, B. (2011). Biofilia e Biofobia. In S. Cavalcante, & G.A. Elali (org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 98-104). São Paulo: Editora Vozes.
- Galindo, M.P., Gilmartín, A.G., & Corraliza, J.A. (2002). El medio natural. In J.I. Aragonés, & M. Américo (Coord.), *Psicologia Ambiental* (pp.281-307). Madri: Ediciones Pirámide.
- Gifford, R. (2007). Environmental Psychology and sustainable development: expansion, maturation and challenges. *Journal of Social Issues*, 63, 199-212. doi: 10.1111/j.1540-4560.2007.00503
- Gibson, J. J. (1977). The theory of affordances. In R. Shaw & J. Bransford (Eds.), *Perceiving, acting, and knowing*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Gressler, S. C. (2014). *O descanso e a teoria dos ambientes restauradores*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília.
- Günther, H. (2011). Affordances. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Orgs.). *Temas básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 21-27). Petrópolis, RJ: Vozes.

Gunther, H., Elali, G. A., & Pinheiro, J. Q. (2008). *A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente : Características, Definições e Implicações*. In J. d. Pinheiro, & H. Gunther, *Metódos de Pesquisa Estudos Pessoa-Ambiente* (pp. 369-391). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hartig, T., Kaiser, F. G., & Bowler, P. A. (2001). Environment and Behavior Psychological Restoration In *Nature As A Positive Motivation*, 33,590-607. doi:10.1177/00139160121973142

Haugaasen, t.; Peres, c.a.(2006). Floristic, edaphic and structural characteristics of flooded and unflooded forest in the lower Rio Pusu region of central Amazônia, Brazil. *Acta Amazônica*, Manaus, v 36, n4, p.731-740.

Heidegger, M. (2006). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes.

Herzog, T. R., & Strevey, S. J. (2008). Environment and Behavior of Humor , and Psychological Well-Being, 40 (6) ,747-776. doi:10.1177/0013916507308524

Higuchi, M.I.G. (1999) *House, Street, Bairro and Mata:Ideas of Place and Space in an Urban Location in Brazil*. Tese de doutorado. Brunel University, Inglaterra.

Higuchi, M.I.G.; Farias, M.S.M. (2002). *Pequenos Guias do Bosque da Ciência: Trajetória de uma experiência de Educação Ambiental com crianças na Amazônia*. Projeto de atividades, Manaus: INPA.

Higuchi, M.I.G; Kuhnen, A.(2011). *Percepção Ambiental*. Cap 21. In: Cavalcante, S. ; Elali, G. A.[org]. *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petropolis, RJ: vozes.

Higuchi, M.I.G; Kuhnen, A. (2008). *Percepção e Representação Ambiental - Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental*. In: PINHEIRO, J.Q.; Gunther, H. (Orgs.). *Métodos de Pesquisa nos estudos pessoa - ambiente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Higuchi, M.I.G.; Azevedo, G.C.; Forsberg, S.S.(2012). A Floresta e sociedade: ideias e práticas históricas. In: Higuchi, M.I.G.; Higuchi, N. (Orgs.) *A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental*. 2.ed.rev. e ampl. Manaus, 311-357.

Higuchi, M.I.G; Silva, K. (2013). Entre a floresta e a cidade: percepção do espaço social de moradia em adolescentes. *Psicologia para América Latina*, 25, 5 - 23.

Higuchi, M.I.G; Calegare, M. (2013). Percepções sobre a floresta amazônica, áreas verdes e manejo ambiental. In: Higuchi, Maria Inês Gasparetto; Freitas, C.C; Higuchi, N. (Orgs.). *Morar e viver em Unidades de Conservação no Amazonas: considerações socioambientais para os planos de manejo*. Manaus: Edição do autor.

Íñiguez,l. Vivias,P. (2002). *Ambientes Laborales*. In J.I. Aragonés, & M. Amérigo (Coord.), *Psicologia Ambiental*. Madri: Ediciones Pirámide.

Ingold, T. (2000). *The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge.

INPA, AM. (7.05. 2014). Google Maps. Google. Consultado em Manaus, Am.

- Kaplan, R. & Kaplan, S. (1989). *The experience of nature: A psychological perspective*. Cambridge University Press.
- Kaplan, R. (1993). The role of nature in the context of the workplace. *Landscape and Urban Planning*, 26(1-4), 193–201. doi.org/10.1016/0169-2046(93)90016-7
- Korpela, K.M., Ylen, M., Tyrvaïnen, L., & Silvennoinen, H. (2010). Favorite Green, Waterside and Urban Environments, Restorative Experiences and Perceived Health in Finland. *Health Promotion International*, 25(2), 200-209. DOI: 10.1093/heapro/daq007
- Kuhnen, A. (2002). *Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação*. Florianópolis: Cidade Futura.
- Kuhnen, A. (2009). Interações humano-ambientais e comportamentos socioespaciais. . In: Kuhnen et,al [org.]. *Interações Pessoa-ambiente e Saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kuhnen, A.; Higuchi, M.I.G.(2011). Percepção Ambiental. In: Cavalcante, s; Elali, G. (orgs). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kweon, B., Ulrich, R. S., Walker, V. D., Tassinary, L. G., & Ulrich, R. S. (2008). Environment and Behavior. doi:10.1177/0013916506298797
- Lazaro, v. Cabrerizo,A. (2002). Qualidade de vida em el entorno del campus de la Universidad de La Rioja. In Garcia Mirra,R. et al. (editores). *Psicologia y Medio Ambiente Aspectos psicosociales, educativos y metodológicos*. 1 Ed. Espanha : Coruña.
- Lefebvre,H. (1991). *O Direito a cidade*, Ed. Moraes Ltda, p.p. 103-145.
- Louv, R. (2005). *Last child in the woods: saving our children from nature-deficit disorder*. Chapel Hill: Algonquim Books of Chapel Hill.
- Marin, A.A; & Kasper, M.K. (2009). A natureza e o lugar habitado como âmbitos da experiência estética: novos entendimentos da relação ser humano – ambiente. *Educação em Revista*, 25 (02), 267-282.
- Mayer, F. S., & Frantz, C. M. (2004). The connectedness to nature scale: A measure of individuals' feeling in community with nature. *Journal of Environmental Psychology*, 24(4), 503–515. doi:10.1016/j.jenvp.2004.10.001
- Mayer, S. F., Frantz, C. M., Bruehlman-Senecal, E., & Dolliver, K. (2009). Why is nature beneficial? The role of connectedness to nature. *Environment and Behavior*, 41, 607-643. DOI:10.1177/0013916508319745
- Mendonça. R. (2005). *Conservar e criar: Natureza, cultura e complexidade*. São Paulo: SENAC.
- Merleau-Ponty, M (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes (Original publicado em 1945).
- Merleau-Ponty, M. (2000). O visível e o invisível. São Paulo: Editora Perspectiva (Original publicado em 1964).

Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª Ed. São Paulo: HUCITEC.

Moser, G., & Robin, M. (2006). Environmental annoyances: an urban-specific threat to quality of life? *Revue européenne de psychologie appliquée*, 35-41.

Nisbet, E. K., Zelenski, J. M., & Murphy, S. A. (2011). Happiness is in our nature: Exploring nature relatedness as a contributor to subjective well-being. *Journal of Happiness Studies*, 12, 303–322. DOI: 10.1007/s10902-010-9197-7

Passig, J. (2011). *Tendências nas Dissertações e teses em Psicologia Ambiental no Brasil sobre a compreensão da Relação Pessoa-Ambiente*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Pérez G., Agnes, M & Cury, V.E. (2009). Saúde mental e trabalho: Um estudo fenomenológico com psicólogos organizacionais. *Boletim de Psicologia*, 59(130), 45-60. Recuperado em 14 de julho de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432009000100005&lng=pt&tlng=pt.

Pilotti, M., Klein, E., Golem, D., Piepenbrink, E., & Kaplan, K. (2014). Is Viewing a Nature Video After Work Restorative? Effects on Blood pressure, task performance, and long-term memory, 22, 1–23. doi.org/10.1177/0013916514533187

Proshansky, H.M, Fabian, & Kaminoff. (1983). Place-Identity: Physical World Socialization of The Self. *Journal of Environmental Psychology*. n.3,p. 57-83.

Raanaas, R. K., Horgen, K., Rich, D., Sjøstrøm, G., & Patil, G. (2011). Benefits of indoor plants on attention capacity in an office setting, 31,99-105. doi:10.1016/j.jenvp.2010.11.005

Ribeiro, T. (2005). Ambientes Laborais: Espaços de trabalho em contexto organizacional. In: Socza, L[org]. *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Rivlin, L. (2003). Olhando o passado e o futuro: Revedo pressupostos sobre as inter-relações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8, 215-220.

Rosa, D.C.C.B. (2014). *Teorias sobre a floresta e funções de apego: um estudo sobre a relação das pessoas com a Amazônia*. Tese de Doutorado em Psicologia Cognitiva. - Universidade Federal de Pernambuco.

Rosa, D.C.C.B.; Roazzi, A.; & Higuchi, M. I.G. (2015). Perfil de Afinidade Ecológica: Um Estudo sobre os Indicadores da Postura perante a Natureza. *Revista Psico*, 46(1), 139–149. doi.org/10.15448/1980-8623.2015.1.17415

Ryan, R.M., Weinstein, N., Bernstein, J., Brown, K.W., Mistretta, L., & Gagne, M. (2010). Vitalizing Effect of Being Outdoors and in Nature. *Journal of Environmental Psychology*, 30(2), 159-168. DOI:10.1016/j.jenvp.2009.10.009

Saraiva, M.G., & Labrador-Silva, A. (2005). Percepção e Avaliação dos valores estéticos da paisagem. Síntese metodológica. In L. Socza (org). *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. (pp.382-385). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Santos, J; Souza, C A. S; Silva, R.P; Pinto, a. C. M.; Lima, a. J n.; Higuchi, n. (2012). Amazônia: características e potencialidades. In: Higuchi, M.I.G; Higuchi, N. (Editores). *A Floresta Amazônica E Suas Múltiplas Dimensões: Uma Proposta De Educação Ambiental*. Manaus: [s.n.].

Scannel, L., & Gifford, R. (2010). Defining place attachment: A tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 1-10.

Sime, J. D. (1999). *What is environmental psychology?* Texts, content and context. *Journal of Environmental Psychology*, 19, 191-206.

Sommer, R. (2000). Discipline and field of study: A search for clarification. *Journal of Environmental Psychology*, 20, 1-4.

Serra, J.R. (1995). *Arcadia : Tradição e mudança*. São Paulo: Edusp.

Silva, M.P.S.C. (2009). *Aqui é melhor do que lá: Representação Social da vida urbana das populações migrantes e seus impactos socioambientais em Manaus*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas.

Shoemaker,C.A., Randaall, K.,Relf, D.,& Geller, E.S. (1992). Relationships between plants, behavior and attitudes in an office environment. *Hort Technology*, 2, 205-206.

Synder, C.R; Lopez, S.J. (2009). *Psicologia Positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. Porto Alegre; Artmed.

Souza, C.A.S.; Silva, R.P.; Barros, P. Durgante, F.M.; Amaral, M.R.M.; Silva, N.C.; Santos, J.S.; Higuchi, N. (2012). Floresta amazônica: Conceitos fundamentais. In Higuchi, M.I.G. e Higuchi, N. *A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental*. 2ª. Edição revisada e ampliada. Manaus: Edição dos autores.

Tuan. T. (1980). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL

Tuan, Y.F. (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL.

Thompson, S. C. G., & Barton, M. A. (1994). Ecocentric and anthropocentric attitudes toward the environment. *Journal of Environmental Psychology*, 14, 149-157.

Ulrich, R.S. (1991). Stress Recovery During Exposure to Natural and Urban Environments. *Journal of Environmental Psychology*, 11: 201-230.

Vasconcellos, M.J.E. (2002). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas, SP: Papirus.

Verissimo, Danilo Saretta. (2013). *Considerações sobre corporeidade e percepção no último Merleau-Ponty*. Estudos de Psicologia (Natal), 18(4), 599-607. Retrieved June 24, 2015, from

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2013000400007&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1413-294X2013000400007.

Williams, K. J. H., & Cary, J. (2002). Landscape preferences, ecological quality, and biodiversity protection. *Environment and Behavior*, 34(2), 257-274. doi. 10.1177/0013916502034002006

Wolsko, C.; Lindberg, K. (2013). Experiencing Connection With Nature: The Matrix of Psychological Well-Being, Mindfulness, and Outdoor Recreation. *Ecopsychology*, 5, (2), 80-91. doi : 10.1089/eco.2013.0008

Yildirim, K., Akalin-baskaya, A., & Celebi, M. (2007). The effects of window proximity, partition height, and gender on perceptions of open-plan offices, 27, 154-165. <http://doi.org/10.1016/j.jenvp.2007.01.004>

Zelenski, J. M., & Nisbet, E. K. (2014). Happiness and Feeling Connected: The Distinct Role of Nature Relatedness. *Environment and Behavior*, 46(1), 3-23. doi 10.1177/0013916512451901

Apêndice 1

Roteiro de entrevista

IDENTIFICAÇÃO: Formulário: _____

Sexo: () M () F Idade: ____ Escolaridade: _____ Procedência _____

Ocupação/Cargo: _____ Religião: _____

Tempo de Trabalho na Instituição: _____ Estado Civil: _____ Filhos: _____

1. Quando você entra no seu local de trabalho, você percebe alguma diferença com relação a outros espaços pelos quais você transita? Se sim, quais?
2. O que as pessoas que você conhece costumam falar sobre o lugar onde você trabalha? Esse campus em particular
3. O que você gosta de fazer nos fins de semana e como atividades de lazer? Costuma frequentar a entrar em contato com a natureza de alguma forma? Na cidade ou fora da cidade? Como?
4. Como costuma ser sua rotina de trabalho? Como é seu espaço de trabalho? Costuma olhar para as janelas?
5. O que você mudaria nesse ambiente de trabalho e o que você não mudaria?
6. Você costuma admirar essa floresta daqui? Quando você faz isso? Quantas vezes?
7. Você costuma caminhar por essas alamedas do campus? Quando e com quem?
8. Trabalhar nesse espaço florestado te traz algum tipo de receio? Qual? Existe algo ou situações específicas em que esse receio acontece? O que mais te preocupa por trabalhar em um espaço como esse?
9. Você toma algum tipo de cuidado por trabalhar nesse tipo de ambiente? Quanto ao carro, galhos e frutas que caem?
10. Que palavras definiriam o que você sente por trabalhar neste ambiente? E por que?
11. Como seria para você trabalhar em outro lugar sem as características que o ambiente físico do INPA possui, mantendo o mesmo cargo, salário e a estabilidade de servidor público?

Apêndice 2

➤ Escala de Conexão com a Natureza (Mayer & Frantz, 2004).

- Responda cada frase de acordo como você geralmente se sente. É muito importante que você responda sinceramente com base no seu julgamento, não existem respostas certas ou erradas.

- Marque um X no grau de concordância para cada uma das frases seguindo o exemplo abaixo:

- (1) Discordo Plenamente
- (2) Discordo
- (3) Nem Discordo Nem Concordo
- (4) Concordo
- (5) Concordo Plenamente

Afirmações	Graus de Concordância				
	1	2	3	4	5
1. Muitas vezes me sinto unido à natureza ao meu redor					
2. Eu penso na natureza como uma comunidade da qual eu faço parte.					
3. Eu reconheço e aprecio a inteligência dos outros seres vivos					
4. Frequentemente me sinto desconectado da natureza.					
5. Quando eu penso na minha existência, eu me imagino como parte de um grande ciclo da vida.					
6. Eu sinto uma identificação com as plantas e os animais.					
7. Eu sinto que pertenço à Terra tanto quanto ela pertence a mim.					
8. Eu tenho um entendimento claro de como minhas ações afetam a natureza.					
9. Com frequência, me sinto parte da teia da vida.					
10. Eu sinto que todos os habitantes da Terra, humanos e não humanos compartilham a mesma força vital.					
11. Assim como uma árvore faz parte da floresta, eu me sinto parte da natureza.					
12. Quando penso sobre o meu lugar na Terra, me considero no topo da hierarquia que existe na natureza.					
13. Muitas vezes eu sinto que sou apenas uma pequena parte da natureza, e que não sou mais importante que a grama os pássaros.					
14. Meu bem estar pessoal independe do bem estar da natureza.					

Apêndice 3

TCLE aos Participantes da Pesquisa



Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Faculdade de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia- PPG/PSI

Prezado/a servidor/a

Através deste protocolo venho convidá-lo/a para participar de uma pesquisa científica que estou desenvolvendo como parte de minha Pós Graduação mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Processos Psicossociais (PPG/PSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) sob orientação da Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi.

O estudo intitulado “*A Floresta na Porta e na Janela: Percepções Sobre o Lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano*”, tem como objetivo entender o como os trabalhadores percebem e sentem esse ambiente onde a natureza está muito presente.

Sua participação consiste em responder algumas perguntas numa entrevista que será agendada de acordo com sua conveniência. A entrevista será gravada para maior fidedignidade de suas respostas. A participação nesta pesquisa é voluntária e mesmo aceitando fazer parte dela, você poderá a qualquer momento se retirar dela, se for seu desejo, sem que isto lhe cause algum prejuízo de ordem alguma.

Sua participação, no entanto, pode muito me auxiliar nos estudos do comportamento psicossocial e o papel da natureza no cotidiano das pessoas. Asseguro-lhe ainda que sua participação será mantida em anonimato e confidencial, de modo que as informações serão usadas de modo coletivo nas análises que forem feitas para a dissertação e artigos científicos que dela emergirem.

Se você necessitar alguma informação mais detalhada pode entrar em contato comigo pelo e-mail adriapsique@gmail.com ou pelo telefone(92) 8141.5134. Você pode ainda entrar em contato com minha orientadora Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi, mines@inpa.gov.br ou com o coordenador do PPPSI, Prof. Dr.Ewerton Hélder Bentes Castro, ewertonhelder@ufam.edu.br

Muito obrigada!

Adria de Lima Sousa

CONSENTIMENTO PÓS – INFORMAÇÃO

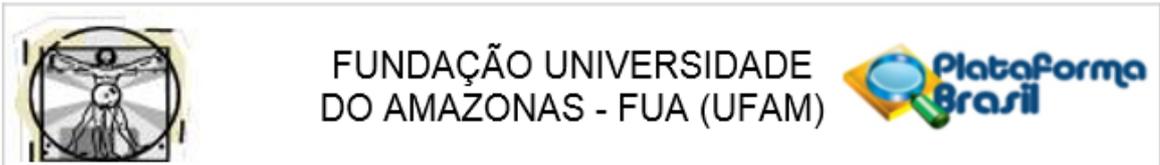
Eu, _____ concordo em participar da pesquisa “A floresta na porta e na janela: percepções sobre o lugar de trabalho fragmento florestal urbano na Amazônia” e declaro ter sido informado de todos os aspectos éticos acima descritos. Afirmando ainda que me foi entregue uma cópia deste documento.

Data ___/___/___.

Assinatura do/a participante

ANEXOS

Anexo I – Parecer CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A FLORESTA NA PORTA E NA JANELA: PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR DE TRABALHO EM UM FRAGMENTO FLORESTAL URBANO

Pesquisador: Adria de Lima Sousa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36325514.8.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

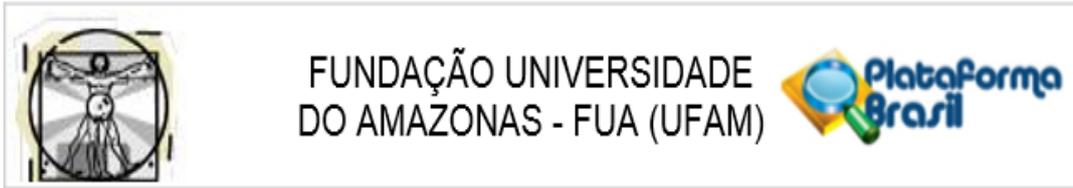
DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 804.214

Data da Relatoria: 24/09/2014

Apresentação do Projeto:

Esse estudo busca a compreensão das relações sociais que ocorrem a partir do e com o entorno físico. Ao se incorporar o aspecto físico não se pode reduzir a produção psicossocial que está imbricada nessa relação. Ao contrário, considera-se aqui o entorno físico como matriz de acontecimentos sociais (Fischer n.d.) cujo protagonista é o indivíduo com toda a sua história. Neste estudo a proposta é focar aspectos da relação pessoa-natureza. Adota-se a concepção de natureza a partir de um fragmento florestal urbano. Tendo como objetivo geral compreender a percepção ambiental de trabalhadores sobre seu ambiente de trabalho localizado num fragmento florestal urbano de Manaus-Am, a investigação dessa relação se dará partir da percepção ambiental de trabalhadores que exercem suas atividades ocupacionais em ambiente considerado um fragmento florestal urbanos em uma Instituição de Pesquisa da Cidade de Manaus. Pretende-se investigar o que os trabalhadores de ambientes com áreas densamente arborizadas num contexto urbano amazônico pensam e sentem sobre seu espaço de trabalho. A pesquisa terá caráter qualitativo, exploratório e descritivo, incorporando a Abordagem Multimétodos (Elali, Gunther, & Pinheiro, 2008). O estudo conterà entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e escala social. Deverão participar da pesquisa 35 trabalhadores do Campus I Aleixo - INPA de acordo com os critérios éticos da pesquisa em conformidade com a Resolução CNS 466/2012. A



Continuação do Parecer: 804.214

análise dos dados será de tratamento qualitativo, utilizando-se da Análise de Conteúdo para análise dos dados emergentes da entrevista. A escala de conexão com a natureza será feita por meio de estatística descritiva. Acredita-se que ao compreender tais percepções será possível avançar no embasamento científico para intervenções que promovam tanto o bem estar social quanto uma relação mais sustentável com os recursos naturais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a percepção ambiental de trabalhadores sobre seu ambiente de trabalho localizado num fragmento florestal urbano de Manaus-Am.

Objetivo Secundário:

Investigar sensações/sentimentos dos trabalhadores sobre o seu lugar de trabalho a partir da predominância da floresta;

Identificar aspectos psicossociais que esse ambiente desencadeia nas suas relações dentro e fora do trabalho;

Caracterizar níveis de afinidade ou ligação estabelecidos com a natureza a partir da vivência proximal desse ambiente de trabalho florestado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

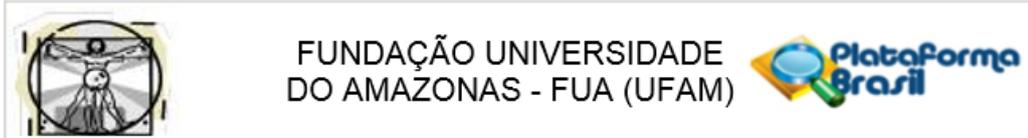
A pesquisa com seres humanos envolve riscos em diferentes graus. Na possibilidade de riscos envolvidos a conteúdos psicológicos que poderão emergir no decorrer da entrevista, asseguraremos a responsabilidade de assistência psicológica aos participantes da pesquisa no que refere as complicações e danos decorrentes da pesquisa, se houverem.

Benefícios:

A pesquisa oferece possibilidade de gerar conhecimento sem afetar o bem-estar dos participantes de pesquisa e seus grupos ou coletividade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa em nível de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FAPSI/UFAM, a ser realizada pela discente Adria de Lima Sousa, sob a orientação da Profª Drª Maria Inês Gasparetto Higuchi. O projeto apresenta relevância social e científica, bem como apresenta coerência entre título, objetivos e metodologia propostos e será desenvolvido através de abordagem qualitativa e de multimétodos, por intermédio de entrevistas semiestruturadas que



Continuação do Parecer: 804.214

serão aplicadas a 35 funcionários do INPA, Campus I. Serão aplicadas, ainda, escala social, do tipo likert. Escalas do Tipo Likert, são mensurações muito utilizadas nas ciências sociais, especialmente em levantamentos de atitudes, opiniões e avaliações. Nessas escalas solicita-se que o participante avalie um fenômeno em graus de concordância, importância ou de satisfação, geralmente com cinco graus do menor (1) ao maior (5), do que se aplica totalmente ou definitivamente não se aplica. Nesse estudo será acrescentado a Escala de Conexão com a natureza (Mayer & Frantz, 2004) já validada para população brasileira no estudo de Rosa (2014) para verificar sentimentos de conexão ou não com a natureza. Para análise dos dados será empregada a análise de conteúdo e análise estatística descritiva dos dados provenientes das escalas aplicadas, relacionadas à triangulação de dados obtidos dos outros métodos de pesquisa utilizados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

1. Folha de rosto: Apresentado e adequado, assinado pelo Coordenador de Pós -Graduação em Psicologia, da FAPSI/ UFAM, Prof. Dr. Ewerton Helder Bentes Castro;
2. Termo de Anuência: Apresentado e adequado, em papel timbrado do INPA e assinado pela Coordenadora de Pesquisas e Acompanhamento de Atividades Finalísticas, Hillândia Brandão da Cunha;
3. TCLE: Apresentado e adequado;
4. Instrumentos para coleta de dados: Apresentados e adequados;
5. Critérios de Inclusão e Exclusão: Apresentados e adequados;
6. Riscos e benefícios: Apresentados e adequados;
7. Cronograma: Apresentado e adequado;
8. Orçamento: Apresentado e adequado, no valor de RS 3.805,00 (financiamento próprio).

Recomendações:

Inserir após o endereço e demais contatos da orientadora e pesquisadora, o endereço e telefone de contato do CEP/ UFAM.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que as pesquisadoras cumpriram com as exigências estabelecidas pela Resolução 466/2012, o projeto está apto para execução após emissão de parecer final do CEP.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não



Continuação do Parecer: 804.214

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 24 de Setembro de 2014

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador)

Anexo II – Termo de Anuência



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA-PR
 MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA e INOVAÇÃO-MCTI
 INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA-INPA
 COORDENAÇÃO DE PESQUISAS E ACOMPANHAMENTO DAS ATIVIDADES FINALÍSTICAS - CPAF

TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, **Hillândia Brandão da Cunha**, Coordenadora de Pesquisas e Acompanhamento das Atividades Finalísticas – CPAF do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA, venho por meio deste informar a V. Sa. que autorizo a pesquisadora **Adria de Lima Sousa**, aluna do curso de Pós-graduação da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, a realizar /desenvolver a pesquisa intitulada “A Floresta na Porta e na Janela: Percepções sobre o lugar de trabalho em um fragmento Florestal Urbano”, sob orientação da Prof.(a). **Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi**, pesquisadora da Coordenação de Sociedade, Ambiente e Saúde – CSAS.

Declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 196/96. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades com instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Manaus (AM), 18 de agosto de 2014.

Dra. Hillândia Brandão de Cunha
 Coordenadora da CPAF
 PO.Nº 859/2012-INPA/MCTI/PR

